

Licínio Manuel Moreira dos Santos

**Cultura e Lazer Operários em Gaia, entre o final da
Monarquia e o início da República (1893-1914)**

Orientador:

Professor Doutor Gaspar Martins Pereira

Mestrado em História Contemporânea

FLUP, 2014

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/Relatório/Projeto/IPP:

Versão definitiva

Índice

Agradecimentos	3
Resumo/ Abstract/ Palavras-chave/ Key Words	4
Introdução	5
Capítulo 1 – A questão da cultura e do lazer operário	
Um ponto de partida	8
A cultura operária	9
O lazer operário	14
A simbiose de trabalho, cultura e lazer	19
Capítulo 2 – A indústria gaiense e os seus operários	
A indústria	20
Condições de trabalho	22
Condições de vida	23
O associativismo operário	26
Capítulo 3 – A cultura operária	
A instrução operária	30
Literatura operária: as publicações de <i>A Luz do Operário</i>	47
Capítulo 4 – O lazer operário	
Os divertimentos	60
As comemorações operárias	74
Conclusão	82
Fontes e bibliografia	85
Anexos	89

Agradecimentos

O desenvolvimento deste estudo só foi possível graças à contribuição dada por um conjunto de pessoas a quem gostaríamos de agradecer. Antes de mais ao nosso orientador, Professor Doutor Gaspar Martins Pereira, pela sua orientação científica, sugestões metodológicas, transmissão de saber e pela sua amizade.

Ao Mestre Dr. Gonçalves Guimarães, diretor do Solar Condes de Resende, agradecemos a disponibilidade que sempre teve para conosco, no esclarecimento de alguns aspetos sobre a História de Vila Nova de Gaia, na cedência de bibliografia e no incentivo dado ao longo desta investigação.

De salientar também o apoio e o carinho de todos os funcionários e tarefeiros do Solar Condes de Resende.

Queremos também aqui salientar o apoio da nossa família em geral, em particular do nosso pai e da nossa mãe que estiveram sempre do nosso lado.

Os amigos foram também e são um importante apoio, por isso não podia deixar de referir aqui alguns nomes. Um muito obrigado à Fátima Teixeira, ao Fábio Pereira, ao Pedro Jorge, à Maria João e à Sílvia Santos.

Por último mas sempre presente, agradecemos à Margarida Pereira, por ter acompanhado e lido este texto, por ter estado sempre ao nosso lado, ter transmitido força e alento em todos os momentos, pela sua paciência em esperar e entender a nossa necessidade de trocar muitas horas e muitos dias, que normalmente seriam de lazer e descanso, pelo sossego e silêncio que exige a investigação contínua.

Setembro de 2014

Resumo

Este trabalho pretende abordar a questão da cultura e do lazer operários entre o final da Monarquia e o início da I República, abrangendo os anos de 1893 a 1914, em Vila Nova de Gaia, a partir, essencialmente, do jornal *A Luz do Operário*, de tendência socialista. É neste período que vamos assistir a uma tentativa por parte dos socialistas em assumirem a liderança do movimento operário português, criando para isso um modelo de cultura e lazer operários que começam a instituir a partir de 1895, logo após a II Conferência Socialista. O objeto deste estudo é o de tentar perceber se este modelo foi, de facto, adotado e que medidas foram tomadas por parte dos líderes operários do concelho que nos levem a poder falar de uma cultura e de um lazer operários em Vila Nova de Gaia e quais os seus reflexos sociais na época.

Abstract

This essay aims to approach the theme of the workers culture and pleasure between the end of the Monarchy and the beginning of the First Republic, since the year of 1893 until 1914 in Vila Nova de Gaia, mainly based in the newspaper of socialist tendency *A Luz do Operário*. It is in this period that we will assist to an attempt of some socialists to lead the Portuguese workers movement by creating a model for the culture and pleasure of the Workers, since 1895, shortly after the second Socialist Conference. The object of this study is an attempt to understand if this model was in fact adopted and which measures were taken by the workers leaders of this region that might lead us to talk about workers culture and pleasure in Vila Nova de Gaia and which were their social effects in this period.

Palavras-Chave:

Vila Nova de Gaia; Movimento Operário; Cultura Operária; Lazer Operário.

Key Words:

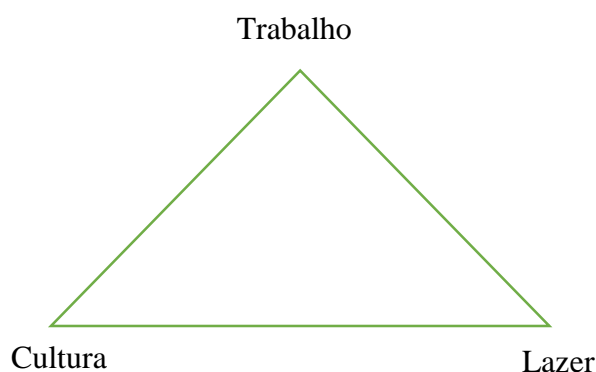
Vila Nova de Gaia, Workers Movement, Workers Culture, Workers Pleasure.

Introdução

A construção do presente estudo surge devido à nossa curiosidade pela cultura e pelas manifestações populares de Vila Nova de Gaia, com as quais convivemos desde tenra idade. A nossa inscrição neste curso surgiu, em termos gerais, em consequência da vontade de consolidar a nossa formação, na tentativa de termos uma participação mais ativa na compreensão da nossa região e, mais concretamente, do município de Vila Nova de Gaia.

A ideia de trabalhar a classe operária surgiu mais tarde com a descoberta do quinzenário socialista *A Luz do Operário*. Após algumas pesquisas, descobrimos que a questão operária em Vila Nova de Gaia era ainda um tema praticamente inexplorado. Esta ausência de estudos poderá ser explicada pela proximidade face à cidade do Porto, o que levou os investigadores a desconsiderarem o movimento operário de Vila Nova de Gaia, aplicando a este o mesmo modelo do da cidade do Porto, ignorando muitas das vezes algumas especificidades locais.

O ponto de partida para a elaboração deste trabalho passou pela relação dos três conceitos abaixo representados:



A interligação destes conceitos foi assumida pelo próprio movimento operário e socialista em 1895, aquando da II Conferência Nacional Socialista, onde foram apresentadas várias estratégias a seguir pelo movimento socialista português. Uma delas era a instrução dos operários através da criação de escolas e gabinetes de leitura. Uma outra estratégia, para propaganda dos ideais socialistas no seio do operariado, passava pela criação de atividades como assembleias, conferências, festas e reuniões¹.

¹ PERALTA GARCÍA, 2002: 35.

Para os socialistas a instrução seria o fator que iria permitir a mudança de vida da classe operária, já que acreditavam que «ignorância era sinónimo de escravidão, de cegueira e de trevas, ao passo que instrução significava emancipação, inteligência e luz»².

Com estas estratégias o movimento socialista português pretendia afastar a classe operária de certos comportamentos considerados nefastos, como o alcoolismo e o jogo.

Foi com base nestes conceitos que partimos para a elaboração da nossa problemática. A pesquisa bibliográfica sobre a temática da cultura e do lazer operários permitiu-nos avançar com um conjuntura de questões, que procurámos abordar na nossa investigação.

Até que ponto podemos falar de uma cultura operária?

Que aspetos dessa cultura são imitações / adaptações da cultura de outras classes?

Em que medida o movimento associativo de classe contribui para criar e difundir modelos próprios de vida cultural e de formas de lazer?

No caso específico do operariado gaiense será possível encontrar na respetiva imprensa periódica aspetos ligados a atividades culturais e de ocupação dos tempos livres que nos permitem perceber uma cultura operária?

Para tentarmos responder a estas questões, utilizaremos o jornal *A Luz do Operário*, que selecionámos como principal fonte de informação e que analisámos de forma exaustiva e pormenorizada de março de 1893 a março de 1901 e de março de 1905 a julho de 1914, em busca das manifestações de cultura e de lazer operários locais. Segundo Silvestre Lacerda, o jornal surgiu em 1893 no seio da Associação de Classe dos Operários Tanoeiros de Vila Nova de Gaia, após a primeira greve geral no setor da tanoaria, sendo encarado como o porta-voz da classe na região do Grande Porto³, adotando a designação de *A Luz do Operário: órgão dos operários tanoeiros e defensor das classes trabalhadoras em geral*.

Logo no primeiro número, o jornal é apresentado como seguindo a ideologia socialista, como nos elucida a seguinte afirmação: «todavia, todas as nossas doutrinas, todos os nossos comentários partirão do credo socialista, pois que não reconhecemos instituições alguma legais, que não sejam os assentos sobre as bases d'esse fulgorantismo facho de luz vivificadora que se chama – Socialismo»⁴.

² MÓNICA, 1980: 502

³ LACERDA, 1997: 73.

⁴ *A Luz do Operário*, Vila Nova de Gaia, nº 1, 12 de Março de 1893.

No entanto, nos anos posteriores, nos números dedicados aos aniversários do jornal, a redação afirmava que não pretendia ser eco de qualquer das facções em que se achava dividido o movimento operário português, e que a sua única ambição era a de proteger os mais desfavorecidos⁵.

Ainda segundo Silvestre Lacerda, no ano de 1902 houve uma rutura no seio da Associação de Classe dos Tanoeiros de Vila Nova de Gaia, o que levou ao afastamento de *A Luz do Operário* da associação de classe⁶ e à sua transferência para Oliveira do Douro, para casa de um dos seus fundadores⁷, Luís Gonçalves Oliveira, que daí em diante passaria a ser o seu proprietário. Com esta mudança, o jornal mudou o seu subtítulo, passando a apresentar-se como *Órgão Socialista e Defensor das Classes Trabalhadoras em Geral*⁸. No entanto, as alterações ao subtítulo do jornal não ficariam por aqui, pois, em 1908, após desavenças na mesa eleitoral entre o proprietário do jornal e um representante do Partido Socialista, este último desafiou o primeiro a retirar do subtítulo do seu jornal a menção ao partido em troca de 500 réis, situação logo aceite, desde que esse dinheiro fosse entregue a um pobre doente. Após este episódio, o jornal passaria a ostentar o subtítulo de *Defensor das Classes Trabalhadoras em Geral*, não renegando no entanto os princípios que sempre seguiu⁹.

Ainda sobre o jornal *A Luz do Operário*, é de destacar o seu longo período de publicação, numa época em que os jornais operários não passavam, muitas vezes, dos primeiros números, como nos refere Conceição Quintas: «A imprensa operária lutou com imensas dificuldades na cidade de Setúbal, à semelhança do que se passou no resto do país»¹⁰.

De forma a obtermos informações complementares, recorreremos a outras fontes da época, como outros jornais, almanaques, o relatório industrial de 1890 e os censos de 1890, 1900 e 1911. Também recorreremos a textos da época como a *Descrição Topográfica de Vila Nova de Gaia* e o *Mea Villa Gaya*¹¹.

⁵ *A Luz do Operário*, n.º 105, 7 de Março de 1897.

⁶ LACERDA, 1997: 75; com a saída de *A Luz do Operário* da associação de classe os seus dirigentes fundariam um novo jornal, este guiado pelos princípios anarco-sindicalistas, *A Voz do Tanoeiro*, que foi o primeiro jornal anarquista do concelho.

⁷ GUIMARÃES, 2010: 75.

⁸ *A Luz do Operário*, n.º 303, 26 de Fevereiro 1905.

⁹ *A Luz do Operário*, n.º 410, 15 de Novembro de 1908.

¹⁰ QUINTAS, 1998: 418.

¹¹ Livro que pretendia ser um guia sobre Vila Nova de Gaia.

1. A questão da cultura e do lazer operário

Um ponto de partida

Quando decidimos estudar a questão da cultura e dos lazeres operários em Vila Nova de Gaia, verificámos que esta temática tem sido pouco abordada pela historiografia portuguesa. De resto, são ainda relativamente escassos os estudos sobre a história do movimento operário português, sobretudo na perspetiva cultural, geralmente subalternizada em favor de abordagens institucionais, políticas ou económicas.

A escassez de estudos sobre o movimento operário português pode ser explicada pelo facto de Portugal, durante mais de quarenta anos, ter vivido uma ditadura de cariz fascista e, portanto, só com o 25 de Abril de 1974, os historiadores e sociólogos puderam estudar livremente a classe operária. Acerca deste assunto Filomena Mónica expõe-nos o seguinte: «À global minimização do mundo laboral e à ideologia rural dominante, o regime salazarista juntara uma interdição formal. Portugal, “país essencialmente agrícola”, era também um país onde o proletariado não lutava contra os patrões que, caridosos e paternais, por eles olhavam com desvelo. Os mitos carecem, para sobreviver, do vazio científico, e assim chegamos a 1974 com um enorme desconhecimento do nosso passado recente»¹². Este é o principal motivo que a autora apresenta para o atraso da nossa historiografia em relação à questão operária. Na mesma obra a autora refere ainda que «até há pouco tempo, fazer história operária significava fazer história política do movimento operário ou história económica do trabalho»¹³.

Apesar de nos anos oitenta alguns autores insistirem nas questões da cultura e dos lazeres operários¹⁴, só nos anos noventa do século passado vamos verificar um maior interesse da historiografia por este assunto¹⁵.

Sobre a cultura operária decidimos ao longo da nossa dissertação abordar essencialmente dois pontos: o primeiro será a importância da alfabetização da classe operária, que entendemos ser ponto de partida para podermos falar em cultura, já que a

¹² MÓNICA, 1982:10.

¹³ MÓNICA, 1982: 14; para este assunto ver autores como: César Oliveira, Villaverde Cabral, António José Telo, Vítor de Sá, António Barreto, entre outros...

¹⁴ Sobre bibliografia dos anos 80 ver essencialmente Filomena Mónica.

¹⁵ Para os anos 90 e anos posteriores: Maria Manuela Ribeiro, Fernando Almeida, Conceição Quintas, Beatriz Peralta Garcia, entre outros...

instrução favorece o consumo e a produção intelectual; o segundo ponto é a literatura publicada nos jornais operários.

Sobre os lazeres operários entendemos que a melhor forma de explorar esta temática seria através do estudo das manifestações coletivas, tais como a festa do 1º de Maio e o excursionismo.

Cultura operária

Definir cultura operária não é simples, aliás como não é fácil definir o conceito de classe operária. Richard Hoggart diz-nos que «não é possível distinguir nitidamente o trabalhador pela quantia que ele ganha, dado que há enormes desníveis salariais entre as pessoas das classes proletárias»¹⁶. Estas desigualdades a nível do salário mostram que entre a classe operária existia uma elite. Podemos concluir, portanto, que os operários que auferiam melhores salários poderiam aceder mais facilmente aos meios culturais disponíveis, assim como proporcionar uma melhor vida aos filhos, já que assim uma hipotética parte do salário não seria tão necessária no orçamento familiar para assegurar as necessidades básicas de alimentação e habitação, como acontecia nas famílias que auferiam rendimentos mais baixos.

Outra questão relevante prende-se com a consciência de classe. Acerca deste assunto, Thompson escreve o seguinte: «A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens, cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram — ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais»¹⁷. Tendo em conta esta afirmação, logo percebemos que a consciência de classe não surge em todo o lado ao mesmo tempo, porque, tal como o autor realça, resulta de um conjunto de vivências prolongadas no tempo.

Hoggart aborda esta questão de um ponto de vista menos teórico e mais prático. Nas suas palavras: «Este sentido de comunidade é inconsciente, está muito longe da camaradagem cultivada pelos movimentos com propósitos de reforma social. Não deriva

¹⁶ HOGGART, 1973: 24.

¹⁷ THOMPSON, 2004: 10.

— pois é algo de mais elementar, algo de mais antigo — da convicção de que a união se torna necessária caso se pretendam melhorar as condições de vida, convicção essa que está na origem dos movimentos cooperativistas»¹⁸. Possivelmente será esta noção de cooperativismo que levará alguns operários à instrução, em busca de conhecimentos para lutar pelos seus direitos e pelos dos seus semelhantes.

A instrução era vista nos finais de Oitocentos como uma arma para combater os grandes problemas sociais no seio da classe operária, tais como, para além da precária situação social, o alcoolismo, a prostituição, etc... É certo que a importância da instrução não surge com as correntes defensoras da classe operária, nem no período que nos propomos estudar. Ela é assumida logo no início do século XIX pelos liberais, que defendiam que educar era instruir e transmitir valores e normas de conduta¹⁹. Só assim, segundo estes, se poderia ter uma sociedade ativa nos destinos do país, ou seja, na vida política. A sociedade burguesa entendia que só instruindo o povo poderia ver o seu poder consolidado e ter a aprovação das classes populares. Acerca deste assunto Vitorino Magalhães Godinho diz-nos o seguinte: «A burguesia não podia afirmar-se social e politicamente enquanto esses campónios seguissem às cegas o morgado sr. Joãozinho das Perdizes ou o “brasileiro”, enquanto sob a pérula sacerdotal se opusessem ao progresso — às entradas, ao enterro no cemitério. [...] Havia, em suma, que criar o cidadão acabando de vez com o súbdito que não sabe reclamar o que lhe é devido, incapaz de afirmar os seus direitos porque o habituaram a ter unicamente deveres, e que por isso pensa pela cabeça dos caciques, humildemente agradece o que lhe é devido — o que seria devido numa civilização assente na cidadania — e ele julga sempre acto de caridade, embora esta última instância realizada com o seu próprio dinheiro...»²⁰.

Apesar dos esforços dos sucessivos governos liberais ao longo do século XIX, estes nunca conseguiram implantar uma reforma na instrução eficiente e que servisse todas as camadas sociais, o que vai levar, nos finais do século, a que tanto republicanos como socialistas e anarquistas defendam a democratização e universalidade do ensino público, laico e gratuito. Como refere Maria Conceição Quintas: «Ao longo do século XIX, com a proliferação das ideias republicanas, socialistas e anarquistas, entre outras,

¹⁸ HOGGART, 1973:115.

¹⁹ CASTRO, 1999: 216.

²⁰ GODINHO, 1975: 157 e 158.

os conceitos de educação e de instrução aperfeiçoaram-se. A instrução e a educação eram reclamadas para todos os níveis sociais e etários»²¹.

Os socialistas acreditavam que a instrução era um meio de libertação e emancipação, um meio de nivelar as desigualdades sociais, acreditando que esta civilizava, pois através dela se conseguia educar, transmitindo valores e moralizando costumes e, com isso, se conseguiria diminuir os vícios e a criminalidade²². Defendiam que só assim se poderia criar um novo operário, um «operário virtuoso»²³, que não frequentava a taberna, «capaz de dignificar a sua condição operária e consciente do valor da sua arte e dos seus direitos»²⁴, e até porque, na época, tanto para socialistas como para republicanos, a «ignorância era sinónimo de escravidão, de cegueira e de trevas, ao passo que instrução significava emancipação, inteligência e luz»²⁵.

Para entendermos a importância que os socialistas davam a esta questão podemos observar de que forma o assunto foi abordado na II Conferência Nacional Socialista, em que o partido dedicou um dos pontos a defender a instrução dos operários e dos filhos dos operários. Para isso defendia a criação de escolas e bibliotecas, na tentativa de generalizar o ensino e o ensino profissional em particular, com fins não só educacionais mas também propagandísticos, tentando também apostar na organização de atividades como «assembleias, conferências, festas e reuniões»²⁶. O partido, tendo em conta estas iniciativas, vai formar diversas associações com estes fins, como por exemplo o Instituto de Cultura Socialista e o Grémio Socialista de Lisboa, embora sem grandes resultados práticos²⁷.

Como podemos observar, os socialistas utilizavam também a instrução como meio de propaganda. Outro cuidado que tinham era que a instrução não fosse vista pelos operários como entediante, daí tentarem sempre que ela fosse associada a formas lúdicas e de lazer, visto que os dias de trabalho eram longos e cansativos.

Porém, os socialistas não estavam sozinhos na defesa da instrução: os republicanos defendiam também, tal como os anarquistas, um tipo de escola livre, baseado na igualdade e gratuidade de acesso à instrução, o estabelecimento de um sistema

²¹ QUINTAS, 1998: 371.

²² CASTRO, 1999: 219.

²³ CASTRO, 1999: 219.

²⁴ CASTRO, 1999: 219.

²⁵ MÓNICA, 1980: 502.

²⁶ PERALTA GARCIA, 2002:35.

²⁷ PERALTA GARCIA, 2002: 35.

educacional laico e a criação de orientação vocacional. Neste ponto tanto socialistas como republicanos estavam de acordo. No entanto, os socialistas afirmavam que, enquanto o sistema capitalista estivesse em vigor, o sistema educacional seria totalmente parcial e iria sempre defender os mais favorecidos²⁸.

Apesar de os republicanos defenderem um modelo de escola livre, a verdade é que, depois de instaurada a República, vão tentar politizá-la segundo os seus princípios, o que vai levar os anarco-sindicalistas a acusá-los de não fazerem mais do que a Igreja fazia, substituindo «a religião pela Pátria, Cristo pela polícia e o rosário pela bandeira nacional»²⁹.

Tal como referimos anteriormente, iremos dar também enfoque à chamada «literatura operária». Desta literatura iremos dar destaque essencialmente a três géneros diferentes, a poesia, o romance e o texto dramático.

A poesia era o género predileto no seio do operariado, aliás como sempre o foi na cultura portuguesa e entre as classes populares. É muito vulgar ainda hoje vermos pessoas com pouca escolarização a recitar poemas e pequenas quadras da sua autoria.

Sobre a «poesia operária», Filomena Mónica diz-nos que através dela «se antevê um pouco da vida e dos sonhos destes operários hoje desaparecidos»³⁰. Os jornais operários foram o principal suporte de publicação destes poemas, as mais das vezes autênticos tesouros da cultura operária, onde se pode encontrar a denúncia da miséria, ataques aos mais ricos e aos padres, mas também o reflexo dos sonhos e da busca do que para eles seria o «caminho para o paraíso». Filomena Mónica considera-os mesmo autênticas «telas», onde o grito pela liberdade e a igualdade está sempre retratado³¹.

Podemos encontrar entre os autores dos poemas publicados na imprensa operária desde intelectuais, como por exemplo Antero de Quental ou Guerra Junqueiro, até simples operários que muitas das vezes assinavam o seu nome e profissão. Mas também era muito vulgar os poemas estarem assinados por heterónimos, ou então serem publicados de forma anónima. Devemos ter em consideração que estes poemas, a nível da sua construção e a nível lexical, tinham algumas diferenças, notando-se claramente quais os escritos por intelectuais e pelos operários com maior nível de instrução e quais os que eram escritos por autores com menores habilitações, embora todos, a nível do conteúdo,

²⁸ MÓNICA, 1980: 511 a 512.

²⁹ MÓNICA, 1980: 515.

³⁰ MÓNICA, 1983:1.

³¹ MÓNICA, 1983: 1.

sejam de grande riqueza para a historiografia. Segundo Filomena Mónica, os temas mais abordados eram as injúrias e as ameaças aos mais ricos, seguindo-se depois a crítica aos padres, à igreja e à taberna, sendo estas acusadas de desviar os operários da militância e da luta pelos seus direitos e interesses³².

Existem também poemas comemorativos que evocam as principais festas operárias, como os dedicados aos festejos do 1.º de Maio. Alguns destes poemas, para além de publicados nos jornais operários, seriam recitados nas festas comemorativas que se realizavam nas associações operárias.

Apesar do potencial informativo histórico e do manancial de poemas que podemos encontrar distribuídos pelos jornais operários, é possível detetar uma grande lacuna na historiografia portuguesa, visto que, para além da antologia por nós aqui citada, não encontramos nenhum outro estudo acerca desta temática, que tanto poderia contribuir para o estudo da cultura operária em Portugal.

Um outro género literário que foca o dia-a-dia operário é o romance, com principal destaque para a literatura naturalista e realista. Segundo Óscar Lopes e António José Saraiva, «Abel Botelho traz pela primeira vez ao romance uma tal camada e tem páginas interessantes sobre os seus costumes de então, os passeios domingueiros às hortas, as condições de vida nos seus bairros sem condições higiénicas, as superstições denunciadoras de uma próxima origem rural, as correntes doutrinárias que os seus orientadores debatem, as formas incidentes de luta mais típicas de 1895-6»³³.

Na antologia *Trajectos, o Porto na memória naturalista*, Isabel Pires de Lima refere-se ao romance naturalista como sendo «um tipo de texto que procura provocar um “efeito de real”, isto é, que pretende levar o leitor a acreditar na veracidade da história narrada»³⁴. Nesta obra a autora aponta João Grave e o seu romance *Os Famintos* como o melhor retrato do Porto operário³⁵.

Ao contrário da poesia, o romance raramente chegaria às massas e, portanto, estes textos não chegariam ao grosso da população operária, mas apenas às suas elites. A taxa de analfabetismo em Portugal era muito elevada, sobretudo no seio da classe operária. Acreditamos, por isso, que estas obras se dirigissem mais à «sociedade burguesa», para

³² MÓNICA, 1983: 2 a 3.

³³ LOPES; SARAIVA, 1974: 988.

³⁴ LIMA, 1989: 7.

³⁵ LIMA, 1989: 194 a 210.

chamar à atenção para os problemas da classe operária e sensibilizá-la para as dificuldades de subsistência dos pobres operários.

Outro tipo de texto literário muito produzido na época para a classe operário foi o texto dramático. Este tipo de texto chegaria aos operários não através da vertente escrita, mas sobretudo da representação.

Segundo Fernando António Almeida, o pioneiro neste tipo de texto dramático foi José da Silva Mendes Leal³⁶. As obras deste género eram geralmente dramas que punham em questão os valores da sociedade em que se vivia, e com os quais o autor e os eventuais leitores ou espectadores se identificariam. Daí os autores procurarem sempre reproduzir nas suas peças situações do dia-a-dia.

Os socialistas apoiavam o teatro, porque o encaravam como um instrumento de instrução e lazer em simultâneo.

Na II Conferência Nacional Socialista, em 1895, o ponto três do programa, apresentado por Nunes da Silva, era referente ao teatro. Neste, era proposta a divulgação de obras de teatro para atores amadores, já que se entendia que se devia estimular entre os operários o gosto por obras teatrais de carácter social, quer dramáticas quer cómicas. Para além disto, Nunes da Silva defendia a organização de concursos para jovens autores, e que as melhores peças constituíssem um «reportório socialista»³⁷.

As peças normalmente escolhidas tinham como temática a crítica à sociedade capitalista, onde eram retratados aspetos como a miséria, o desemprego, o abuso do poder dos patrões, a crítica à Igreja e ao clero, a situação da mulher operária, ou seja, assuntos transversais a toda a «literatura operária».

Para a cultura operária não podemos ainda deixar de considerar os contributos dados pelas associações musicais, assim como as conferências organizadas pelas associações operárias, que com estas pretendiam impulsionar ainda mais os operários para o «caminho da Luz», ou seja, instruí-los mais rapidamente.

Lazer operário

Para os operários, o domingo assumia-se como o dia sagrado, já que seria o único dia que estes tinham para descansar e para realizar algumas atividades para as quais durante a semana não teriam tempo, pois tinham longas jornadas de trabalho.

³⁶ ALMEIDA, 1994: 214.

³⁷ PERALTA GARCÍA, 2002: 36.

Para o caso de Lisboa, Fernando Almeida refere que os tempos livres dos operários começaram por ser gasto nas touradas e nas idas às hortas³⁸. Sobre estas últimas, o autor diz-nos o seguinte: «Hortas que, no dizer de um folhetinista famoso, “... por si são um local sem encanto; porém o ‘ir as hortas’ constitui a festa” [...]. O prazer consiste no passeio, na boa companhia e na liberdade que o caminho permite, porque as hortas são quase sempre fora das portas da cidade»³⁹. As romarias seriam também locais de lazer, a par das tabernas. Estes dois locais estavam quase sempre ligados a hábitos operários, que, quando cometidos em excesso, eram vistos como nefastos, o consumo de bebidas alcoólicas e a prática dos jogos a dinheiro.

Acerca do alcoolismo, Hoggart refere: «as inúmeras gerações que aprenderam a resistir ao principal fator destrutivo do lar — o alcoolismo — conseguiram criar uma resistência sólida a todos os outros possíveis elementos destrutivos»⁴⁰.

O consumo de bebidas alcoólicas era uma forma de sociabilização e não era mal visto pela sociedade. O problema era quando essa ingestão passava dos limites. No volume dedicado à época contemporânea da *História da Vida Privada*, Irene Vaquinhas salienta a condenação pela sociedade oitocentista do alcoolismo entre as camadas populares: «À luz dos critérios moralistas do tempo, a embriaguez era o mais perigoso dos “prazeres funestos” pelos danos causados na estrutura familiar e no lar, responsável pela ‘miséria e o infortúnio’ da mulher e dos filhos, geralmente as vítimas dos maus-tratos sob os efeitos do álcool ou dos problemas económicos decorrentes dos salários gastos na bebida»⁴¹.

Também o jogo atraía muitos operários, que viam nele uma forma de conseguir levar um rendimento extra para casa⁴². O problema era quando este passava a vício, tomava conta do operário e o levava a gastar todo o seu dinheiro. Os jogos a dinheiro entre as classes populares tinham normalmente como cenários as tabernas⁴³ e as feiras e romarias, onde se destacavam as barracas das «roletas populares» ou os «bilhares chineses»⁴⁴. Tal como o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, o jogo era também

³⁸ ALMEIDA, 1994: 124-125.

³⁹ ALMEIDA, 1994: 126.

⁴⁰ HOGGART, 1973: 51.

⁴¹ VAQUINHAS, 2011: 344.

⁴² HOGGART, 1973: 165.

⁴³ CASCÃO, 2011: 241.

⁴⁴ VAQUINHAS, 2011: 342.

«condenado quando se tornava vício, pelo impacto negativo no lar, na família ou na sociedade»⁴⁵.

São estes dois potenciais vícios que vão levar os socialistas a uma enorme batalha para afastar os operários das tabernas, a fim de moralizar a classe. Daí, uma parte da grande importância que estes davam à instrução e porque na época «tanto o jogador como o alcoólico encarnavam a antítese do bom pai, do trabalhador disciplinado e honesto e, por extensão, do patriota consciencioso, sendo responsabilizados pela “decadência individual”, pela ‘miséria e infortúnio’ da mulher e filhos, e por comprometerem a descendência e o futuro da espécie»⁴⁶.

O teatro era também um meio de lazer para os operários, aliás como vimos anteriormente quando falamos do texto dramático e da importância que os socialistas lhe davam. No final do século XIX, era um meio de entretenimento por excelência. Podemos avaliar esta situação se tivermos em consideração o número de teatros então construídos. Como a classe operária não tinha grande possibilidade de frequentar os teatros burgueses, os socialistas viam aí uma forma de chamar adeptos para as suas associações, assim como de divulgar perante um maior número de pessoas a sua ideologia. Não nos podemos esquecer ainda que o teatro era visto pelos socialistas também como uma forma de instrução. A criação de grupos de representação amadores alargou-se, sendo também mais uma forma de lazer para os intervenientes.

O universo estético que caracterizava os pilares do teatro operário, e mais concretamente o socialista, assentava essencialmente em quatro elementos: «1.º Uma produção literária de autores profissionais destinada ao entretenimento de outra classe social, a burguesia, e integrada pelo drama social e a comédia de situação; 2.º A produção literária de autores clássicos, como de Luís Araújo, Henrique Lopes de Mendonça ou D. João da Câmara e Gervásio Lobato; 3º As propostas temáticas e estéticas de *teatro livre* e o *teatro moderno*, que marcam a tentativa de criação de um *teatro de combate*; 4.º Finalmente, em menor medida, a influência de Espanha a partir da defesa do conceito de *arte social* de Zugasa Goitia, e a tradução de algumas obras como *A Justiça*, *A Bandeira Vermelha* e *O Primeiro de Maio*»⁴⁷.

⁴⁵ VAQUINHAS, 2011: 343.

⁴⁶ VAQUINHAS, 2011: 323.

⁴⁷ PERALTA GARCÍA, 2002: 84.

Os locais onde estes tipos de peças iam à cena eram geralmente as sedes das diversas agremiações operárias. Em ocasiões especiais, como por exemplo nos festejos do 1.º Maio, eram alugadas salas de espetáculos maiores⁴⁸.

A festa do 1.º de Maio era a festa operária mais significativa, sendo aliás a única que resistiu até aos nossos dias. Contudo, a forma de comemoração desta data nem sempre foi consensual entre as correntes que defendiam os direitos dos operários, originando um conflito de ideias entre socialistas e anarquistas. Carlos da Fonseca explica-nos este conflito da seguinte forma: «Logo, porém, nos aperceberíamos de modelos diferentes do 1.º de Maio, com formas e intenções peculiares a cada grupo organizador. Entre a “festa dos trabalhadores” dos socialistas e a “jornada de agitação” dos sindicalistas revolucionários e anarquistas, pouco há em comum. Uma é pacífica, metodicamente organizada, aparatosa e festiva. A outra, quase sempre reduzida a um comício sem estruturas hierárquicas, sem aparatos simbólicos, nem bandas filarmónicas, era ameaçadora e pouco alegre»⁴⁹.

Numa tentativa de evitar que existissem manifestações separadas, foi criada em 1892 a União Operária 1.º de Maio, que, apesar da grande expectativa que criou em seu torno, acabaria por ser um enorme falhanço⁵⁰.

Carlos da Fonseca explica-nos que até 1894 os festejos do dia do trabalhador não ultrapassavam os limites das grandes cidades. E, mesmo em Lisboa, as dimensões da manifestação não passavam de medíocres. Segundo o autor, esta fraca adesão devia-se à crise de trabalho que se vivia e ao facto de aqueles que trabalhavam não integrarem as comemorações com medo de perder o trabalho⁵¹.

No ano de 1894, uma facção mais radical dentro do Partido Socialista, liderada por Azedo Gneco, criou a Confederação Nacional das Associações de Classe, que festejou o 1.º de Maio com a organização de um congresso, que teve como discussão as principais premissas reivindicativas a seguir pelos operários no 1.º de Maio daí em diante.

Neste mesmo ano, realizou-se em Lisboa um cortejo operário que fazia lembrar a antiga celebração do Corpo de Deus, visto que o mesmo levava carros alegóricos distribuídos por sindicatos e profissões e sempre acompanhados por bandas de música. As associações de classe mais importantes à época encabeçavam o cortejo. No final, os

⁴⁸ PERALTA GARCÍA, 2002: 135.

⁴⁹ FONSECA, 1990: 13.

⁵⁰ FONSECA, 1990: 26.

⁵¹ FONSECA, 1990: 27.

participantes seguiam até ao cemitério para prestar homenagem aos camaradas já desaparecidos e, ao fim do dia, eram realizados comícios, sempre secundarizados pela imponência dos cortejos.

O trajeto do cortejo, bem como os comícios, eram organizados de forma a não parecer provocação para o poder vigente. Assim, os desfiles eram orientados para não passarem em frente das câmaras municipais, postos de polícia e quartéis militares. Quanto aos comícios, não eram organizados por norma em grandes praças públicas, mas sim em terrenos privados⁵². No caso dos festejos socialistas na cidade do Porto, a que se juntavam os socialistas de Vila Nova de Gaia, o comício era realizado na Serra do Pilar.

Tendo por base estas afirmações, podemos agora entender o porquê de as autoridades não criarem grandes implicações a estas manifestações operárias. Pelo contrário, o poder central, ao autorizar a realização dos festejos, via aqui uma forma de não ter a classe operária revoltada contra si.

Foi desta forma que foram crescendo as comemorações do 1.º de Maio, que, segundo Carlos da Fonseca, apesar de algumas incertezas iniciais, conseguiu manter o mesmo formato entre 1900 e 1910 na capital e na província⁵³.

A organização dos festejos do dia do trabalhador, levada a cabo pelos socialistas, tornou-se na época uma festa anual de carácter festivo, folclórico, político e simbólico, deixando de parte as reivindicações sociais. Algumas ações, como as romagens aos cemitérios e os «passeios às hortas», confundiam-se com o culto dos mortos e da flora e com ritos mais ou menos cristianizados⁵⁴.

Por isso, várias associações de trabalhadores recusaram-se a participar nesta festa dos socialistas, preferindo comemorar o 1.º de Maio dentro das portas das associações, com debates, conferências e vários espetáculos de teatro, recitação de poemas e música.

Festas como o Carnaval e o Natal eram também muito festejadas pelos operários. Na primeira, os operários disfarçavam-se, faziam arruadas e terminavam a noite nos bailes de Carnaval. O Natal seria especial para os operários, a julgar pelo que Hoggart nos diz acerca da importância do lar para a classe operária⁵⁵.

Para terminar, não nos podemos esquecer que não era só em épocas festivas que os operários frequentariam bailes. Vale a pena ainda referir que, em finais de Oitocentos,

⁵² FONSECA, 1990: 34.

⁵³ FONSECA, 1990: 35.

⁵⁴ FONSECA, 1990: 36.

⁵⁵ HOGGART, 1973: 46 a 49.

o excursionismo pedestre, de carroça e de barco começava a despertar grande interesse no seio da classe operária.

Os espaços normalmente ocupados para as manifestações de lazer dos operários, eram os espaços públicos, como a rua, as sedes das associações e, por fim, o mais contestado, mas talvez o mais frequentado, as tabernas.

A simbiose do trabalho, cultura e lazer

No período que nos propusemos estudar podemos considerar que cultura e lazer eram termos ambíguos. Maria Conceição Quintas diz-nos isso mesmo, quando afirma que «os momentos de ócio, lazer e diversões eram, além de excepcionais momentos de distração, de aquisição cultural e de afirmação individual, oportunidades únicas de encontro e convivência, formas nítidas de sociabilidade profana. O mesmo acontecia com as reuniões, pontos de concentração, centros de leitura, bailes com atividades culturais, passeios e os tradicionais passatempos ao ar livre, espetáculos, sem esquecer as tradicionais festas locais, como o domingo de quinzena, nacionais, como a festa da árvore e mesmo internacionais, como o carnaval, entre muitas outras manifestações de sociabilidade e de expressão cultural com uma componente nacional e local muito forte»⁵⁶.

Podemos afirmar que, na época, cultura, lazer e trabalho funcionavam em simbiose no seio operário, já que, através de conferências, da literatura ou do teatro, se tentava instruir, divertir e chamar a atenção para a luta pelos direitos dos trabalhadores, mas também adverti-los de que certos comportamentos e abusos tinham consequências, como o caso do alcoolismo e do jogo, que poderiam levar o operário a perder tudo o que tinha.

Por fim, um ponto importante a referir é o fenómeno da aculturação, já que, com o evoluir dos tempos e as melhorias substanciais das condições operárias, tanto os hábitos culturais como o lazer tenderam a aproximar-se dos padrões culturais das classes não operárias.

⁵⁶ QUINTAS, 1998: 432.

2. A indústria gaiense e os seus operários

A indústria

Atualmente, ao visitarmos Vila Nova de Gaia, podemos ainda observar vestígios da grande industrialização que este concelho conheceu desde meados do século XIX. Para além dos inúmeros armazéns de vinho do Porto na parte baixa da cidade, ainda é possível observar noutros locais vestígios de grandes unidades industriais, que o tempo foi degradando desde que estas encerraram a sua produção. Podemos dar como exemplos a antiga cerâmica e fundição das Devesas, hoje no centro da cidade, ou a Companhia de Fiação de Crestuma, situada nas freguesias de Crestuma e Lever.

Segundo a *Descrição Topográfica de Vila Nova de Gaia*, a industrialização estava a desenvolver-se desde meados do século XIX em «largas proporções, e assumindo um carácter tão importante, que faz augmentar notavelmente a riqueza, e importância material desta villa a multidão de fabricas, que já possui, e em que se occupão muitos milhares de pessoas, e girão grossos capitaes no emprego dos differentes ramos do seu vasto dominio»⁵⁷.

Segundo a mesma fonte, a razão para a forte industrialização do concelho devia-se a uma série de fatores, como, por exemplo, a grande quantidade de edifícios pré-existent, com capacidade para albergar estes estabelecimentos; a abundância de água, para o funcionamento de motores hidráulicos; as baixas rendas e a proximidade do rio, entre outras⁵⁸.

Nesta época destacavam-se em Vila Nova de Gaia a cerâmica, a indústria têxtil, a serralharia e a indústria dos vinhos⁵⁹. Nesta enumeração não são mencionadas as tanoarias, devido a nesta época (1861) estas estarem inseridas nas empresas do vinho do Porto e por essa razão não serem contabilizadas como indústria independente.

Como podemos observar no anexo 1, em 1890 podemos encontrar em Vila Nova de Gaia uma grande diversidade de indústrias, embora na sua grande maioria se tratasse de pequenas fábricas ou mesmo oficinas, não deixando de ser relevante a força que esta já teria no plano económico da Vila. As indústrias que existiam em maior número nesta época seriam a do calçado, a carpintaria, a moagem, a panificação, a serração, a

⁵⁷ SANTOS, 1881: 183.

⁵⁸ SANTOS, 1881: 184.

⁵⁹ GUIMARÃES, 1997: 70.

serralharia, a tanoaria e a têxtil. Se tivermos em conta a sua importância, podemos verificar que a única indústria em que o número de grandes industriais é maior que o número de pequenas indústrias é no setor da tanoaria, o que demonstra a importância que esta teria na vila.

Um dos momentos altos da indústria em Vila Nova de Gaia dá-se em 1894 com a organização da «Exposição Agrícola Industrial de Gaya». Esta foi organizada pela autarquia local e inserida nas Comemorações do 5º Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique, levadas a cabo pelo vizinho município do Porto. Segundo Gonçalves Guimarães, este «foi realmente o grande salto qualitativo e de afirmação da indústria e do comércio locais»⁶⁰.

Na referida exposição estiveram presentes as seguintes indústrias do concelho: calçado, escovaria, rações e óleos alimentares, tintas e vernizes, tipográfica e artes gráficas, vestuário, vinhos, cortiças, cerâmica, serralharia, moagens e panificação, fiação e estamparia, mobiliário, saboarias, tanoaria, construção de veículos e vidros⁶¹.

Por esta época, a maioria das empresas situava-se em Santa Marinha, na zona que hoje designamos por centro histórico. Porém, por esses anos, começavam a procurar novos espaços, junto da estação das Devesas, no lugar do Marco, no Candal, na zona da Bandeira e pela rua que hoje designamos de Soares dos Reis até Santo Ovídio⁶².

A sua distribuição seria a seguinte, segundo dados fornecidos pela obra citada: em Santa Marinha estaria situada cerca de 68,8% da indústria, seguindo-se Mafamude com 14,4%, Avintes com 9,6% e Oliveira do Douro com 3,2%⁶³.

O mesmo autor diz-nos que no ano de 1897 as principais indústrias do concelho eram a serralharia, a cerâmica, a marcenaria e mobiliário, a tanoaria e a indústria das moagens⁶⁴.

Na tentativa de vermos se esta situação se alteraria com a viragem do século e com a implantação da República, consultámos o *Almanaque de Vila Nova de Gaia de 1912*, e constatámos que o panorama não se alterou, sendo as principais indústrias do concelho as mesmas de finais de Oitocentos.

Depois desta breve introdução sobre a indústria gaiense, falaremos agora de

⁶⁰ GUIMARÃES, 1997: 133.

⁶¹ GUIMARÃES, 1997: 133.

⁶² GUIMARÃES, 1997: 137.

⁶³ GUIMARÃES, 1997, 137.

⁶⁴ GUIMARÃES, 1997: 137.

alguns aspetos relacionados com a classe operária, começando por tentar perceber qual o peso da população ligada à indústria, no conjunto geral da população do concelho. Para isso, utilizámos os censos de 1881, 1900 e 1911.

Tal como aconteceu em Portugal durante o século XIX, o crescimento demográfico também se verificou aqui. No ano de 1881, Vila Nova de Gaia contava com uma população total de 65.081 habitantes, dos quais 27.480 estavam já ligados à indústria, ou seja, cerca de 42%. No ano de 1900, verifica-se um aumento significativo da população, sendo agora de 73.794 habitantes, aumentando a população ligada à indústria para 34.176, traduzindo-se este valor em cerca de 46% da população. No ano de 1911, deparamo-nos com novo aumento da população, sendo de 85.197 habitantes, enquanto a população ligada à indústria subiu para 41.009, portanto cerca de 48% da população.

Concluímos, então, que havia uma constante, ou seja, com o aumento da população geral ao longo dos três censos, também se verificou um crescimento na população industrial, a um ritmo ainda mais rápido, o que teve grande importância para a economia do município, já que, chegando a 1911, quase metade da população estaria dependente da indústria.

Condições de trabalho

No final do século XIX e início do século XX, as condições de trabalho na indústria eram más, desde o excessivo número de horas que os operários trabalhavam, aos baixos salários que auferiam, à falta de condições de salubridade e segurança das fábricas, entre outros aspetos. Outra questão importante relacionava-se com a disciplina da fábrica, sendo frequentes os abusos praticados pelos mestres e contramestres que, muitas vezes, recorriam à força física e a insultos para com os operários que lhes estavam subordinados. Segundo Gonçalves Guimarães, «a pancada era um método que facilmente empregavam para ensinar os aprendizes, especialmente quando eram crianças»⁶⁵. Estes aspetos geravam descontentamentos, estando na origem de ações de paralisação dos operários em algumas unidades fabris do concelho.

A partir de finais do século XIX, o poder central lançaria as primeiras leis de regulamentação do trabalho, preocupando-se, entre outros aspetos, com o trabalho das mulheres e das crianças, as associações de classe, os conflitos de trabalho, etc.

⁶⁵ GUIMARÃES, 1997: 198.

São muitas as notícias acerca destes assuntos no jornal *A Luz do Operário*. Com base nessas notícias, podemos afirmar que as leis de 1891 nem sempre eram cumpridas, a julgar pelo número de acidentes com crianças que são relatados.

Nesta época, um setor que passava por enormes dificuldades de trabalho era a numerosa classe dos operários tanoeiros. Esta crise de trabalho foi provocada essencialmente pela autorização, por parte do governo, do vasilhame de torna-viagem⁶⁶.

Segundo notícia de 26 de março de 1893 daquele periódico, o governo era acusado de permitir a entrada de vasilhame de torna-viagem, afetando, para além dos tanoeiros em geral, os operários labristas, os talabantos, os serradores, os ferreiros de cravos e até as pobres mulheres que se ocupavam dos carretos de madeira para os armazéns⁶⁷.

A 1 de junho de 1894 temos informação, segundo um estudo mandado fazer pelo governador civil do Porto no concelho de Gaia, que o número de tanoeiros sem trabalho seria de 324, o número de tanoeiros que trabalhavam à semana passava os 200 e o número de engarrafadeiras ficava-se pelas 100. Segundo o autor da notícia, a estes números seria necessário ainda acrescentar o número de operários que não foram contabilizados por não terem sido encontrados e todos aqueles que não moravam no concelho⁶⁸.

Acerca dos maus tratos de que os operários eram vítimas, podemos dar como exemplo um facto passado nos armazéns Romariz: segundo notícia de outubro de 1893, o filho do proprietário teria espancado violentamente um operário e de seguida ainda teria chamado a polícia para o levar para a casa da guarda⁶⁹.

Temos ainda a informação de que os operários que trabalhavam para as casas dirigidas por estrangeiros teriam melhores condições de trabalho, trabalhavam menos horas e tinham salários mais altos do que aqueles que trabalhavam em empresas dirigidas por portugueses⁷⁰.

Condições de vida

A população operária vivia geralmente próximo dos locais de trabalho, não sendo por isso de estranhar que, segundo várias notícias de 1895, os lugares mais populosos do concelho se situassem essencialmente nas freguesias de Santa Marinha e Mafamude. Os

⁶⁶ Sobre este assunto ver FERREIRA, 1996: 239-247.

⁶⁷ *A Luz do Operário*, n.º 2, 26 de março de 1893.

⁶⁸ *A Luz do Operário*, n.º 35, 1 de julho de 1894.

⁶⁹ *A Luz do Operário*, n.º 16, 8 de outubro de 1893.

⁷⁰ *A Luz do Operário*, n.º 43, 21 de outubro de 1894.

lugares mais populosos seriam a parte baixa da vila, os bairros do Marco, Devesas, Barrosa⁷¹, Castelo de Gaia e Afurada⁷².

A descrição destes locais apresenta-os como centros propícios à propagação da varíola e da tuberculose, doenças muito vulgares à época, principalmente nas classes menos favorecidas, por serem considerados locais com poucas condições de salubridade.

A este propósito, refere-se sobre a parte baixa da vila: «terrível foco de immundice não só pela sua posição topographica reunida a um montão de beccos escuros e acanhados com armazens e casas edificadas em condições de povoações velhas e anti-hygienicas, como ainda por escarneo o municipio consente que entre o mercado e o rio seja deposito de lixo varrido nas ruas próximas, porque as outras jámais viram limpeza»⁷³.

As descrições dos bairros da parte alta da vila não eram melhores. O bairro do Castelo era considerado como tendo ainda menos condições higiénicas, sendo comparado ao bairro de Miragaia no Porto⁷⁴. As casas destes lugares eram vistas como «mansardas velhas e infectas»⁷⁵.

No ano de 1899, e na sequência do surto de casos de peste bubónica no Porto, temos uma descrição das condições sanitárias de Avintes, que achamos relevante referir, visto que se trata da descrição de uma freguesia considerada rural, mas já com alguma indústria. Segundo correspondência desse ano para aquele jornal, em Avintes preponderava a falta de higiene nas ruas, nas casas e nas pessoas, fazendo o correspondente um pedido ao poder concelhio para tratar deste assunto, porque, apesar de ainda não ser conhecido algum caso de peste na terra, com aquelas condições de higiene era muito provável tal vir a acontecer⁷⁶. Por Vila Nova de Gaia passava então o cordão sanitário da cidade do Porto decretado pelo governo no verão de 1899, o qual tinha como limite as freguesias de Avintes, Vilar de Andorinho, Canelas, Vilar do Paraíso, Valadares e Madalena⁷⁷.

A juntar às fracas condições de salubridade já referidas, a classe operária debatia-se ainda com a fraca alimentação, devido ao seu baixo poder de compra, que se agravou ainda mais com a crise económica por que Portugal passou em finais de Oitocentos.

⁷¹ *A Luz do Operário*, n.º 50, 27 de janeiro de 1895.

⁷² *A Luz do Operário*, n.º 51, 10 de fevereiro de 1895.

⁷³ *A Luz do Operário*, n.º 50, 27 de janeiro de 1895.

⁷⁴ *A Luz do Operário*, n.º 51, 10 de fevereiro de 1895.

⁷⁵ *A Luz do Operário*, n.º 50, 27 de janeiro de 1895.

⁷⁶ *A Luz do Operário*, n.º 172, 1 de fevereiro de 1899.

⁷⁷ GOMES, 2007: 20.

Segundo Rui Ramos, entre 1890 e 1896, «os trabalhadores agrícolas e industriais perderam entre um quinto e um quarto do poder de compra»⁷⁸.

Em notícia de *A Luz do Operário* de setembro de 1893 podia ler-se o seguinte: «em Villa Nova de Gaya e suas freguezias ruraes, sabemos que se escondem horríveis quadros de miséria, provocados pela crise que os nossos operários d'estas localidades teem soffrido!

Não exaggeremos; uma cousa é vel-o e outra é dizel-o. Quem duvidar póde presenciar-o»⁷⁹.

Conforme nos informa uma outra notícia de 1895, a alimentação operária seria essencialmente constituída por broa, batata e sardinha salgada⁸⁰, mas, a julgar pelas informações que temos e que abaixo iremos expor, parece-nos que o teor desta alimentação teve tendência para piorar à medida que o tempo avançava, por vários motivos, quer fosse pelos elevados preços e os baixos salários quer fosse pela falta de trabalho.

As informações acerca dos elevados preços dos bens de primeira necessidade, com maior incidência no preço do pão, começam logo em 1893. Segundo notícia de 1894, o preço do pão de milho, base da alimentação operária, tinha atingido valores altíssimos, que a bolsa operária não podia suportar⁸¹.

Do ano de 1898 temos uma nota bastante curiosa, que acusa a classe operária de se preocupar mais com festas religiosas do que em participar em ações de protesto contra os elevados preços do pão⁸². Neste mesmo ano, em outra notícia, temos a informação de que o pão tornou a subir de preço, a par de outros bens essenciais para a alimentação que também se encontravam por preços elevadíssimos, sendo dados os exemplos do bacalhau, do açúcar, do feijão e do arroz, deixando ainda uma nota de que até o preço do sabão tinha subido muito, devido ao monopólio levado a cabo por algumas empresas⁸³.

Virado o século, e já em 1905, surge-nos uma notícia que pretendia dar conta da miséria que grassava no seio da classe operária, agravada com o elevado preço do pão, que já se prolongava havia uma série de anos⁸⁴. Mesmo depois da instauração da

⁷⁸ RAMOS, 2010: 558.

⁷⁹ *A Luz do Operário*, n.º 14, 10 de setembro de 1893.

⁸⁰ *A Luz do Operário*, n.º 52, 24 de fevereiro de 1895.

⁸¹ *A Luz do Operário*, n.º 39, 26 de agosto de 1894.

⁸² *A Luz do Operário*, n.º 141, 24 de julho de 1898.

⁸³ *A Luz do Operário*, n.º 145, 18 de setembro de 1898.

⁸⁴ *A Luz do Operário*, n.º 316, 9 de abril de 1905.

República, as queixas continuaram e aumentaram até, devido à escassez de produtos de primeira necessidade e aos seus elevados preços, sendo relatado neste caso o preço altíssimo do azeite⁸⁵.

O associativismo operário

No que toca à organização associativa popular, as associações que mais proliferaram em Vila Nova de Gaia foram as associações de socorros mútuos. Apesar de não serem associações exclusivamente operárias, congregavam no seu seio um grande número de operários. *O Almanaque de 1912* aponta no concelho 31 associações deste género⁸⁶.

Segundo Gonçalves Guimarães, o sucesso destas associações deveu-se essencialmente ao facto de, nos finais do século XIX, não existir assistência pública organizada. «Para ultrapassar tal grave carência, também em Vila Nova de Gaia o movimento mutualista encontrou terreno fértil para se desenvolver»⁸⁷.

Tomando ainda como fonte o *Almanaque de Vila Nova de Gaia de 1912*, estavam sediadas no concelho nove associações de classe, nomeadamente a Associação de Entalhadores do Norte, a Liga das Artes Cerâmicas do Porto e Gaia, a Associação dos Lojistas Barbeiros e Cabeleireiros de Gaia, a Associação dos Manipuladores de Cravos e Ferraduras do Porto e Gaia, a Associação dos Operários Metalúrgicos (3ª secção), a Associação dos Operários Caixoteiros do Porto e Gaia, a Associação dos Tanoeiros do Porto e Gaia, a Associação dos Trabalhadores de Armazéns de Vinho do Porto e Gaia e a União dos Trabalhadores Fluviais do Porto e Gaia⁸⁸.

Das nove associações de classe só uma não estaria situada em Santa Marinha: a Associação dos Entalhadores do Norte, sediada em Avintes, fora do principal polo industrial do concelho.

A lei que regulamentava as associações de classe datava de 1891, porém não sabemos quando terão surgido estas associações gaienses. As referências mais antigas que temos para este tipo de associações são do ano de 1893, embora formadas em anos anteriores, 1891 ou 1892.

As primeiras associações de que temos referências são a Associação de Classe dos

⁸⁵ *A Luz do Operário*, n.º 477, 11 de junho de 1911.

⁸⁶ *Almanaque...*, 1912: 100 a 101.

⁸⁷ GUIMARÃES, 1997: 109.

⁸⁸ *Almanaque...*, 1912: 99.

Tanoeiros⁸⁹, a Associação de Classe dos Cerâmicos⁹⁰ e a Associação dos Pregueiros e Cravistas. As duas primeiras associações não são surpresa, já que por várias vezes afirmámos que estas duas classes seriam as mais representativas do concelho.

Porém, estas associações de tanoeiros e de cerâmicos não seriam as já referidas Associação dos Tanoeiros do Porto e Gaia e a Liga das Artes Cerâmicas do Porto e Gaia. A primeira associação de tanoeiros que aqui existiu foi a Associação de Classe União dos Operários Tanoeiros de Gaia⁹¹, que nos seus tempos áureos chegou a ter sob sua tutela uma associação de socorros mútuos e uma cooperativa de produção. No entanto, esta acabaria por se dissolver já na primeira década do século XX⁹².

Quanto à primeira associação de classe dos cerâmicos, sabemos que esta se dissolveu em 1894, em assembleia-geral, por proposta de alguns dos seus membros⁹³. A Liga das Artes Cerâmicas do Porto e Gaia terá sido fundada em 1897, segundo nos informa notícia desse mesmo ano⁹⁴.

A Associação dos Entalhadores do Norte terá sido fundada em 1896⁹⁵.

Por esta época terá aparecido também a 3.^a secção dos operários metalúrgicos. A referência de que dispomos também não é direta, mas sim segundo notícia do ano de 1897, quando esta classe pensava criar uma cooperativa de produção no seio da associação de classe⁹⁶.

Em 1897, Vila Nova de Gaia verá surgir uma nova associação de classe, a União dos Trabalhadores Fluviais do Porto e Gaia⁹⁷.

Deste ano até 1908, não surgiria em Vila Nova de Gaia mais nenhuma associação de classe, formando-se neste último ano a Associação dos Lojistas, Barbeiros e Cabeleireiros de Gaia⁹⁸.

Em 1912, temos referência à Associação de Classe dos Manufatores de Tecidos

⁸⁹ *A Luz do Operário*, n.º 1, 12 de março de 1893.

⁹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 32, 20 de maio de 1894.

⁹¹ *A Luz do Operário*, n.º 1, 12 de março de 1893.

⁹² *A Luz do Operário*, n.º 461, 30 de outubro de 1910; esta referência não é direta: a notícia refere-se a uma greve dos operários tanoeiros, que terá revelado uma grande desorganização, decidindo então os operários tanoeiros constituir uma nova associação, que viria a ser a já referida Associação de Classe dos Tanoeiros do Porto e Gaia.

⁹³ *A Luz do Operário*, n.º 32, 20 de maio de 1894.

⁹⁴ *A Luz do Operário*, n.º 118, 5 de setembro de 1897.

⁹⁵ *A Luz do Operário*, n.º 83, 1 de maio de 1896.

⁹⁶ *A Luz do Operário*, n.º 122, 31 de outubro de 1897.

⁹⁷ *A Luz do Operário*, n.º 125, 12 de novembro de 1897; segundo notícia anterior, de 4 de Abril deste mesmo ano, esta seria uma das classes mais numerosas, mas onde menos prosperavam as ideias associativas.

⁹⁸ *A Luz do Operário*, n.º 508, 18 de agosto de 1912; a referência à fundação desta associação é indireta, sendo esta notícia acerca do seu 4º aniversário.

de Gaia⁹⁹. A informação sobre esta associação surge numa notícia que dá conta de que um grupo de operários de Coimbrões, emigrados no Brasil, acabava de doar uma quantia em dinheiro para ajudar os operários da fábrica Mariani, que se encontravam em greve. Apesar de não termos nenhuma referência direta à fundação desta associação, podemos concluir que esta seria recente, e possivelmente desse mesmo ano de 1912, porque, de outra forma, já constaria do *Almanaque de 1912*. No mesmo ano temos uma referência à Associação de Classe dos Trabalhadores dos Armazéns de Vinhos do Porto e Gaia. Porém, nenhuma informação nos é dada sobre a data da sua fundação.

Em dezembro de 1912, temos a indicação de mais uma associação de classe que acabava de se fundar no concelho, a Associação de Classe dos Construtores Cíveis de Gaia¹⁰⁰.

Sobre a Associação dos Caixoteiros de Gaia não temos nenhuma informação relativa ao ano da sua fundação.

Outro tipo de associativismo operário que se desenvolveu na época que estudámos foi o cooperativismo. Chegado a Portugal em 1867, com a criação do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, em Lisboa, só despertariam em Vila Nova de Gaia em 1891, com a criação da Cooperativa de Crédito e Consumo de Vilar do Paraíso¹⁰¹.

O movimento cooperativista foi muito forte em Vila Nova de Gaia na última década do século XIX, tendo sido aqui fundadas 16 cooperativas, sendo 14 de crédito e consumo e duas de produção. Quando entramos no século XX, este movimento vai perdendo fulgor. Nos primeiros catorze anos do século XX só surgiram três cooperativas de crédito e consumo e uma de produção.

Este movimento chegou a atingir tal importância que, em 1898, se constituiu no concelho uma Federação das Cooperativas Operárias do Norte de Portugal¹⁰². Porém, a sua existência terá sido efémera, porque logo a partir de 1899 deixamos de ter notícias sobre ela.

Das dezanove cooperativas fundadas neste período só doze são referidas no *Almanaque de 1912*¹⁰³. A Cooperativa de Crédito e Consumo de Vilar do Paraíso aparece-

⁹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 504, 23 de junho de 1912.

¹⁰⁰ *A Luz do Operário*, n.º 517, 22 de dezembro de 1912.

¹⁰¹ *A Luz do Operário*, n.º 46, 2 de dezembro de 1894; esta notícia refere-se às comemorações do 4º aniversário desta sociedade, afirmando-se que esta foi a primeira cooperativa a instalar-se no concelho.

¹⁰² *A Luz do Operário*, n.º 130, 20 de fevereiro de 1898.

¹⁰³ *Almanaque*..., 1912: 99 a 100.

nos então como Casa do Povo Portuense, já que, em 1907, devido a dificuldades económicas, pediu à Cooperativa Portuense para a aceitar como filial, o que viria a ser aprovado nesse mesmo ano¹⁰⁴.

Apesar do desenvolvimento que tanto as associações de classe como as cooperativas tiveram, a adesão dos operários parece nunca ter sido significativa. Em notícia de 6 de Setembro de 1908 podemos ler o seguinte: «As associações de classe, que são umas sentinelas vigilantes das artes que representam, estão quasi isoladas e se vivem é por milagre e devido aos esforços de meia dúzia que a ellas dispensam o melhor da sua boa vontade. As cooperativas de crédito e consumo, que aos seus filiados tão bons serviços podiam prestar, são abandonadas e vivem com dificuldades»¹⁰⁵.

Porém, com as alterações políticas que o país viveu por estes anos, os operários aproximaram-se novamente das associações de classe e, como já vimos, a partir de 1908 começaram a surgir em Vila Nova de Gaia novas associações de classe. O mesmo não podemos dizer em relação às cooperativas. Em 1912, numa notícia de *A Luz do Operário*, lamentava-se que o sistema cooperativo não tivesse sido entendido em Portugal¹⁰⁶.

Não podemos também deixar de referir os gabinetes de instrução e bandas de música operárias que se desenvolveram no concelho por essa época. Porém abordaremos este tipo de associativismo numa fase mais avançada do nosso trabalho.

Falta referir o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia, que foi fundado em 1899¹⁰⁷. Com a implantação da República em 1910, o número de centros multiplicou-se e estendeu-se a várias partes do concelho, existindo em 1912 oito centros socialistas¹⁰⁸.

¹⁰⁴ *A Luz do Operário*, n.º 36, 7 de abril de 1907.

¹⁰⁵ *A Luz do Operário*, n.º 405, 6 de setembro de 1908.

¹⁰⁶ *A Luz do Operário*, n.º 497, 12 de março de 1912.

¹⁰⁷ *A Luz do Operário*, n.º 157, 5 de março de 1899.

¹⁰⁸ *A Luz do Operário*, n.º 495, 18 de fevereiro de 1912; *A Luz do Operário*, n.º 514, 10 de novembro de 1912; *A Luz do Operário*, n.º 516, 8 de dezembro de 1912.

3. A cultura operária

A instrução operária

O maior ou menor atraso do comércio e da indústria de uma localidade, de uma região, de um país ou de um continente dependem da capacidade intelectual dos seus intervenientes e da conjuntura onde se movimentam.

(GUIMARÃES: 1997: 105)

Nos dias de hoje podemos considerar esta afirmação como uma verdade absoluta, mas será que o mesmo se aplicava em finais de Oitocentos e inícios de Novecentos em Vila Nova de Gaia? É isso mesmo que vamos tentar expor ao longo deste capítulo, tentando focar essencialmente a instrução operária.

Segundo Gonçalves Guimarães, o analfabetismo operário no concelho para o ano de 1881, rondava os 97%. Anos antes, em 1863, o concelho contava com 14 escolas de instrução primária, 7 escolas régias e 7 municipais. Porém, em 1881, apesar das melhorias no ensino, este estava ainda muito longe de ser aceitável, sendo raros os casos de filhos de operários que frequentavam as escolas públicas¹⁰⁹.

Segundo notícia de fevereiro de 1895, a instrução fora discutida na última sessão camarária, onde um dos representantes do Senado gaiense, Gomes da Luz, afirmava que «preferia mais que se gastasse qualquer quantia para seu desenvolvimento, pois que era o verdadeiro pão do espirito, do que com outras exigências de muito menos alcance»¹¹⁰. A notícia referia que a instrução em Portugal continuava aquém dos grandes países, dando o exemplo da Alemanha. De certa forma, esta notícia mostra que, a nível de instrução, o concelho, tal como o país, tinha ainda um grande atraso.

Em novembro desse mesmo ano, o jornal *A Luz do Operário* apresentava uma crítica às desigualdades existentes na instrução primária. Segundo o jornal, os filhos dos mais desfavorecidos não teriam a mesma atenção por parte dos professores, se comparada com a que recebiam os filhos dos mais abastados que podiam despende algum dinheiro para oferecer presentes aos professores¹¹¹.

¹⁰⁹ GUIMARÃES: 1997: 106-107.

¹¹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 52, 24 de fevereiro de 1895.

¹¹¹ *A Luz do Operário*, n.º 70, 3 de novembro de 1895.

Nesta época, podemos encontrar muitos artigos acerca da atenção que o jornal considerava que os sucessivos governos deveriam prestar à instrução. A 23 de fevereiro de 1896, um desses artigos referia que, na Áustria, os homens para poderem casar teriam que saber ler, escrever e contar, sem falar que nenhum mestre poderia ter um aprendiz que não reunisse essas condições, correndo o risco de ser penalizado com uma enorme multa¹¹².

Em fevereiro de 1898, encontramos mais um artigo sobre as escolas públicas e algumas particulares, com a acusação de que a instrução aí ministrada às crianças «é verdadeiramente defeituosa, insuficiente e diremos até de resultados muito pouco aproveitáveis»¹¹³. No mesmo artigo podemos ler ainda que os professores são mal remunerados, desleixando-se em parte por isso, mas também porque o que lhes interessa é agradar à facção política que os lá colocou e não tentar suprir as lacunas com que a sociedade portuguesa se depara em matéria de instrução. Também os espaços escolares não escapam às críticas, sendo caracterizados como espaços pouco higiénicos, sem mobília e onde faltam todas as comodidades indispensáveis para a prática do ensino¹¹⁴.

Uma outra crítica direcionada para a instrução está relacionada com o horário em que as escolas públicas lecionavam, não podendo assim os filhos dos mais necessitados frequentá-las, devido à situação económica das famílias que precisavam do dinheiro da mão-de-obra infantil, que, apesar de pouco, era mais uma ajuda para o orçamento familiar. Assim, «aos oito ou nove anos quando a criança devia caminhar para a escola, alegre e contente a aprender as noções especiaes e necessarias à vida humana nas suas multiplas manifestações», encaminhava-se «cabisbaixa para a officina onde vae ser martyrisada, explorada como já o foram seus antepassados»¹¹⁵.

Uma outra notícia curiosa é dirigida aos tanoeiros, aconselhando-os a instruírem-se para poderem combater as injustiças a que estavam sujeitos no dia-a-dia nas oficinas, em vez de se entreterem à noite em «jogatinas»¹¹⁶. Nesta época, a instrução era vista como o meio para retirar os operários «do lodo das tabernas»¹¹⁷, porque se entendia que estes, uma vez instruídos, perceberiam o perigo que aí os rodeava, como por exemplo os vícios do álcool e do jogo.

¹¹² *A Luz do Operário*, n.º 78, 23 de fevereiro de 1896.

¹¹³ *A Luz do Operário*, n.º 129, 6 de fevereiro de 1898.

¹¹⁴ *A Luz do Operário*, n.º 129, 6 de fevereiro de 1898.

¹¹⁵ *A Luz do Operário*, n.º 134, 17 de abril de 1898.

¹¹⁶ *A Luz do Operário*, n.º 139, 26 de junho de 1898.

¹¹⁷ *A Luz do Operário*, n.º 196, 2 de setembro de 1900.

As instituições operárias lutavam por uma instrução livre e que não estivesse ligada a preceitos religiosos, que apelidavam de «instrução viciosa»¹¹⁸. Aliás, uma das medidas tomadas pelos livres-pensadores de Vila Nova de Gaia foi a de organizar comícios e conferências anti-jesuíticas. São várias as referências ao tema em conferências e comícios. Embora estes ataques estivessem sempre ligados diretamente à instrução religiosa, não deixavam de referir os abusos que a Igreja cometia sobre os mais desfavorecidos. As primeiras referências são de uma conferência realizada na escola do Torne, por Zeferino Costa¹¹⁹, e de dois comícios realizados em 1896 em Oliveira do Douro, o primeiro como protesto contra uma penhora feita pela confraria da terra a uma operária cigarreira, que não tinha como pagar a conta apresentada pela confraria relativa a um funeral de um ente querido¹²⁰, e o segundo contra o pagamento do imposto do alqueire ao pároco¹²¹. Refira-se ainda a notícia de outro comício, que se realizou no lugar do Candal, devido ao aparecimento de um corpo incorruptível durante quinze anos no cemitério de Santa Marinha, corpo esse que a Igreja tentava santificar¹²². Ou o comício realizado na rua dos Polacos, na Serra do Pilar, contra os párocos de Mafamude e Santa Marinha, que queriam transladar o corpo de um operário que estava enterrado na parte não católica do cemitério a pedido deste antes de morrer, querendo agora os padres transferir o cadáver para a parte dos católicos¹²³.

Nestes exemplos podemos encontrar um contrassenso, pois no primeiro caso trata-se de uma conferência na escola do Torne, ligada à Igreja Lusitana. A tolerância para com os protestantes foi sempre maior por parte dos socialistas, aliás como o prova uma notícia de 9 de janeiro de 1898, sobre a festa da escola do Torne, em que Zeferino Costa, um dos oradores convidados, agradece a Diogo Cassels¹²⁴ o seu interesse pela instrução, em particular a instrução dos mais desfavorecidos¹²⁵. Em 1906, vamos ter nova referência à escola do Torne, em especial ao seu curso noturno, que é elogiado pelo que tinha feito em prol dos operários¹²⁶.

Segundo Fernando Peixoto, a percentagem de analfabetismo no concelho de Gaia

¹¹⁸ *A Luz do Operário*, n.º 330, 22 de outubro de 1905.

¹¹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 10, 16 de julho de 1893.

¹²⁰ *A Luz do Operário*, n.º 86, 14 de junho de 1896.

¹²¹ *A Luz do Operário*, n.º 89, 26 de julho de 1896.

¹²² *A Luz do Operário*, n.º 94, 4 de outubro de 1896.

¹²³ *A Luz do Operário*, n.º 94, 4 de outubro de 1896.

¹²⁴ Sobre a vida e obra de Diogo Cassels ver PEIXOTO, 2001.

¹²⁵ *A Luz do Operário*, n.º 127, 9 de janeiro de 1898.

¹²⁶ *A Luz do Operário*, n.º 355, 7 de outubro de 1906.

em finais de Oitocentos era inferior à do resto do país, não tendo estas dúvidas de que para isso muito contribuiu a obra educativa das «Escolas de Cassels»¹²⁷. Segundo o mesmo autor, havia a preocupação de nestas escolas proporcionar uma formação eclética¹²⁸.

Em 1907, *A Luz do Operário* vai apoiar a Igreja Lusitana de Oliveira do Douro na construção de uma escola, o que levou a um afastamento do jornal face ao Partido Socialista, já que esta ligação não era bem vista por este partido.

Aliás, nesta época, o quinzenário gaiense, ao contrário do Partido Socialista, entendia que o que interessava era a instrução e não o credo a ela adjacente, como comprova a notícia de 7 de abril de 1907, onde é referido que o padre de Oliveira do Douro, em resposta aos protestantes, tencionava fundar uma escola, uma associação musical e um jornal. O redator comentava que estas escolas se deveriam instituir o mais depressa possível, porque o que interessava era a instrução para o povo¹²⁹.

A 30 de junho, temos a informação de que as inscrições para as aulas diurnas e noturnas do Colégio Lusitano se encontravam abertas¹³⁰ e, a 6 de outubro, temos a notícia de que o mesmo seria inaugurado nesse dia da parte da tarde, encontrando-se todas as vagas preenchidas¹³¹. Para além destas duas escolas Lusitanas, não podemos esquecer que em Vila Nova de Gaia existiam mais duas escolas anteriores ao Colégio de Oliveira do Douro, a escola do Bom Pastor, no Candal, e a escola do Prado, em Coimbrões.

Para além do Colégio Lusitano, a fonte que consultámos faz referência a outras instituições e associações, que, não sendo exclusivamente operárias, contribuíram também de alguma forma para a instrução popular. Podemos dar como exemplo a Associação do Registo Civil de Gaia, que, aquando da sua instalação, tinha como objetivos criar escolas em diversos pontos do concelho para associados e filhos, assim, como organizar conferências anti-jesuíticas¹³². Outra coletividade foi a Associação Fúnebre Vilanovense, que em 1897 aprovou em assembleia-geral a abertura de escolas para sócios e filhos¹³³. Porém, na assembleia seguinte, um grupo de sócios colocou-se contra esta iniciativa, insultando o seu mentor, o que, segundo o redator da notícia, era prova do analfabetismo português¹³⁴. A associação cancelou esse projeto, que voltaria a

¹²⁷ PEIXOTO, 2001: 157.

¹²⁸ PEIXOTO, 2001: 158.

¹²⁹ *A Luz do Operário*, n.º 368, 7 de abril de 1907.

¹³⁰ *A Luz do Operário*, n.º 374, 30 de junho de 1907.

¹³¹ *A Luz do Operário*, n.º 381, 6 de outubro de 1907.

¹³² *A Luz do Operário*, n.º 93, 20 de setembro de 1896.

¹³³ *A Luz do Operário*, n.º 119, 19 de setembro de 1897.

¹³⁴ *A Luz do Operário*, n.º 123, 14 de novembro de 1897.

ser equacionado em 1900, quando esta mesma associação aprovou em assembleia-geral, que 80% dos seus lucros revertissem para um fundo de instrução, com o objetivo de criar escolas para os sócios e para os seus filhos¹³⁵. E não nos podemos esquecer dos centros democráticos e dos centros republicanos existentes na vila. Segundo o *Almanaque de Vila Nova de Gaia* de 1912, existiam no concelho três centros democráticos e três centros republicanos¹³⁶. Porém, estes números poderão não estar corretos, porque nesta mesma fonte só temos a informação de um centro socialista e, como já comprovámos, existiam outros distribuídos por várias freguesias do concelho.

Numa análise mais fina, procurámos recolher no jornal *A Luz do Operário* informações sobre as instituições que se ocupavam, nesta época, da instrução operária, bem como sobre as diversas manifestações relacionadas com a instrução/formação do operariado.

Começamos pelas associações musicais, já que estas tinham uma dupla preocupação na instrução dos operários, associando instrução e lazer, tentando fazer da música uma terapia para afastar os operários das «malditas tabernas». Além disso, estas associações proporcionavam, muitas vezes, não só formação musical mas também outros tipos de formação.

A primeira referência a uma associação musical surge-nos logo no primeiro número de *A Luz do Operário*, com uma notícia que nos informa que a Troupe Musical Recreio Operário de Mafamude pretendia iniciar em breve um ciclo de conferências operárias, assim como uma aula de desenho para os associados¹³⁷.

Voltamos a ter informação de uma associação musical ligada à instrução passados dois anos, numa notícia de 21 abril de 1895, referindo que, próximo ao Cais de Gaia, se tinha acabado de fundar uma nova associação, o Grupo Musical Gaiense. Para além da escola musical, os diretores dessa instituição pensavam criar um gabinete de leitura anexo, pedindo ajuda a todas as redações dos jornais liberais, com o fim de instruir a todos aqueles que procuravam na leitura «o pão de espírito»¹³⁸.

A 13 de dezembro de 1896, outra notícia acerca desta associação informava que a direção pensava criar um curso noturno de instrução rudimentar, atitude que mereceu os maiores elogios do redator da notícia, que entendia que o lugar de Gaia era um dos que

¹³⁵ *A Luz do Operário*, n.º 181, 4 de fevereiro de 1900.

¹³⁶ *Almanaque...*, 1912: 110.

¹³⁷ *A Luz do Operário*, n.º 1, 12 de março de 1893.

¹³⁸ *A Luz do Operário*, n.º 56, 21 de abril de 1895.

mais carecia de instrução¹³⁹. Esse curso viria a avançar, como nos confirma uma notícia do número seguinte do jornal¹⁴⁰.

Passado menos de um mês, temos a informação de que o mesmo grupo tencionava realizar uma outra iniciativa, com a promoção de uma série de conferências instrutivas¹⁴¹. Tais palestras iniciar-se-iam cerca de dois meses mais tarde, a 21 de março, com a conferência de Henrique de Macedo Júnior, sobre o tema «A convivência das sociedades musicais nos centros trabalhadores»¹⁴².

No mesmo ano de 1897, e por notícia de 10 de janeiro, temos informação de que a direção de uma outra associação, a Troupe Musical Vilanovense, pensava constituir um gabinete de leitura¹⁴³.

A 13 de julho de 1899, uma outra notícia refere que, na semana anterior, o Grupo Musical Liberdade, Igualdade e Fraternidade tinha inaugurado um curso de dança, mantendo aberta a inscrição para novos sócios¹⁴⁴. Como já anteriormente referimos, estas iniciativas eram utilizadas na maioria das vezes para atrair novos sócios.

Para além das já citadas associações, muitas mais existiam em Vila Nova de Gaia. Temos conhecimento da sua participação em vários momentos festivos de outras associações operárias. Refiram-se entre outras: Troupe Musical Amor pela Pátria¹⁴⁵, Troupe Soares dos Reis¹⁴⁶, Troupe Musical Vilanovense¹⁴⁷, Troupe Musical Lira de Ouro¹⁴⁸.

Apesar de não termos nenhuma informação detalhada acerca das atividades destas associações, não significa que não as promovessem.

É provável que estas associações musicais populares funcionassem, simultaneamente, na sua maioria, com bandas de música e escolas musicais. Numa notícia publicada no jornal *A Luz do Operário*, sobre a Troupe Musical 1.º de Setembro, do Porto, refere-se que os sócios que pertenciam à sua banda teriam uma cota diferente dos que ainda estavam em aprendizagem, passando estes a pagar uma cota igual quando

¹³⁹ *A Luz do Operário*, n.º 99, 13 de dezembro de 1896.

¹⁴⁰ *A Luz do Operário*, n.º 100, 27 de dezembro de 1896.

¹⁴¹ *A Luz do Operário*, n.º 102, 24 de janeiro de 1897.

¹⁴² *A Luz do Operário*, n.º 106, 21 de março de 1897.

¹⁴³ *A Luz do Operário*, n.º 101, 10 de janeiro de 1897.

¹⁴⁴ *A Luz do Operário*, n.º 159, 12 de abril de 1899.

¹⁴⁵ *A Luz do Operário*, n.º 23, 14 de janeiro de 1894.

¹⁴⁶ *A Luz do Operário*, n.º 42, 7 de outubro de 1894.

¹⁴⁷ *A Luz do Operário*, n.º 104, 21 de fevereiro de 1897.

¹⁴⁸ *A Luz do Operário*, n.º 125, 12 de dezembro de 1897.

passassem a pertencer à banda¹⁴⁹. Não deveria ser muito diferente o sistema utilizado nas associações gaienses congêneres.

Um outro tipo de agremiações operárias que se preocupou com a instrução dos seus sócios foram as cooperativas. Organizavam conferências, sessões de propaganda, sessões solenes, bibliotecas, aulas noturnas e até aulas diurnas em alguns casos, funcionando com escolas anexas, como no caso da Cooperativa de Crédito e Consumo de Vilar do Paraíso.

Em 4 de setembro de 1894, o jornal publicava o relatório de contas da cooperativa vilarense. Nele se pode verificar que, nessa época, a cooperativa disponibilizava cinco mil réis para um fundo de instrução¹⁵⁰. No ano seguinte, pensava a direção organizar um gabinete de leitura e instrução, para frequência dos seus associados e filhos¹⁵¹. Porém, meio ano volvido, um grupo de sócios iria protestar em assembleia-geral contra esta iniciativa, por não ver qualquer benefício nela¹⁵². Tal protesto não teve qualquer efeito, já que, a 1 de maio de 1896, o jornal noticiava que a comissão responsável pelo gabinete de leitura e de instrução estava a organizar uma sessão solene em que seria sorteada uma rifa, cujos lucros reverteriam para o fundo de instrução¹⁵³.

Ainda nesse mês, o grupo responsável por esse gabinete iniciou a realização de uma série de conferências havia muito anunciada, tendo-se já realizado duas, ambas bastante concorridas¹⁵⁴.

Logo no início do ano de 1897, o jornal informava que o gabinete estava em funcionamento, contando com duas aulas noturnas, uma de instrução rudimentar e uma outra de desenho, pensando os responsáveis organizar uma aula diurna¹⁵⁵. Em nosso entender, esta forte dinamização revela a grande adesão à iniciativa, nesses anos. Porém, acreditamos que, com o tempo, a procura das aulas terá diminuído, até porque, a partir desta notícia, as informações acerca deste gabinete tornaram-se escassas, sendo a última do ano de 1900, referindo a abertura das inscrições para o curso noturno¹⁵⁶.

Para além de informações sobre o seu gabinete de instrução, temos informação de que esta cooperativa organizava todos os anos duas sessões solenes, uma para comemorar

¹⁴⁹ *A Luz do Operário*, n.º 141, 24 de julho de 1898.

¹⁵⁰ *A Luz do Operário*, n.º 40, 4 de setembro de 1894.

¹⁵¹ *A Luz do Operário*, n.º 64, 11 de agosto de 1895.

¹⁵² *A Luz do Operário*, n.º 77, 9 de fevereiro de 1896.

¹⁵³ *A Luz do Operário*, n.º 83, 1 de maio de 1896.

¹⁵⁴ *A Luz do Operário*, n.º 85, 31 de maio de 1896.

¹⁵⁵ *A Luz do Operário*, n.º 101, 10 de janeiro de 1897.

¹⁵⁶ *A Luz do Operário*, n.º 199, 14 de outubro de 1900.

o seu aniversário, convidando para o efeito vários oradores, que, por norma, abordavam temas acerca das vantagens do cooperativismo e da instrução, e outra para comemorar o 1.º de Maio.

Outra cooperativa que teve um cuidado especial com a instrução foi a Cooperativa Económica Operária de Mafamude. Já em 1897 a sua direção trabalhava com o intuito de constituir um gabinete de leitura e instrução¹⁵⁷. Porém, não sabemos se esta ideia chegou a avançar, porque não temos mais nenhuma informação a esse respeito. Tal como para a cooperativa anterior temos referências às sessões solenes que esta organizava todos os anos para assinalar o seu aniversário e o 1.º de Maio, como era aliás recorrente neste tipo de associações. Temos ainda informação de pelo menos duas sessões de propaganda que esta associação organizou na freguesia vizinha de Oliveira do Douro, antes de se constituir a Cooperativa de Oliveira do Douro.

Na Cooperativa de Oliveira do Douro terá funcionado uma aula noturna, pelo menos no ano de 1899, cujas inscrições são noticiadas no jornal¹⁵⁸. Das sessões solenes que esta cooperativa organizava destacamos a que assinalou o seu segundo aniversário, em que esteve presente como orador o seu patrono, Augusto Fuschini, sendo o seu discurso publicado no jornal *A Luz do Operário*¹⁵⁹.

Na Cooperativa de Avintes, apesar de não termos referências à sua atividade no campo da instrução, a sua designação, Cooperativa de Crédito e Consumo Instrutiva Avintense¹⁶⁰, revela por si só o objetivo de investir na instrução popular.

Para além destas cooperativas, existiam muitas mais em Vila Nova de Gaia, onde o movimento cooperativista conheceu excelentes resultados na última década do século XIX. Porém, através da fonte que utilizamos não temos conhecimento de nenhuma outra cooperativa que tenha constituído gabinetes de leitura e de instrução, assim como organizado conferências fora do contexto das sessões solenes e das sessões de propaganda. Apesar dessa falta de notícias, é provável que tal tenha acontecido, especialmente nas cooperativas que se encontravam mais distantes do centro urbano do concelho.

O ano de 1896 parece-nos importante para a instrução operária no concelho, pois a 15 de novembro surge a primeira referência à constituição de uma associação ligada

¹⁵⁷ *A Luz do Operário*, n.º 103, 21 de fevereiro de 1897.

¹⁵⁸ *A Luz do Operário*, n.º 173, 15 de outubro de 1899.

¹⁵⁹ *A Luz do Operário*, n.º 104, 21 de fevereiro de 1897.

¹⁶⁰ *A Luz do Operário*, n.º 313, 26 de fevereiro de 1905.

quase exclusivamente à instrução dos mais desfavorecidos. Segundo a notícia, um grupo de gaienses trabalhava então afincadamente para constituir um gabinete de leitura e uma escola de oradores, a fim de suprimir uma das necessidades dos operários da terra¹⁶¹. Logo a 10 de janeiro do ano seguinte, temos a informação de que a associação já se constituíra com a designação de Gabinete de Instrução Oratória e Social Operária de Gaia¹⁶².

A partir desta época, assistiu-se à vulgarização deste tipo de associativismo, que, a avaliar pela informação que dispomos, se difundiu no concelho. Depois de 1905, este movimento parece perder intensidade, surgindo-nos apenas referências à constituição de uma associação com estas características¹⁶³.

A 21 de março de 1897 temos referência à Escola Prática Oratória Instrutiva Operária de Mafamude, que era apresentada como o modelo de escola operária a seguir¹⁶⁴. Porém, não temos nenhuma informação referente à data da sua fundação, pelo que não a considerámos em primeiro lugar. Mas o facto de ser apresentada como um exemplo a seguir poderá indicar que foi umas das primeiras a ser constituída.

A 8 de agosto aparece-nos uma referência ao Instituto Operário Vilanovense. Não se tratava, no entanto, de uma nova associação dedicada à instrução, mas sim de uma reestruturação do já referido Gabinete de Instrução Oratória e Social Operário de Gaia, que, ao que parece, estaria quase inativo, quando um grupo de sócios decidiu reestruturá-lo e refundá-lo¹⁶⁵, o que reflete a debilidade destas instituições, já que a antiga associação contava com pouco mais de meio ano de existência.

A 19 de setembro do mesmo ano, uma outra notícia referia que havia já algum tempo se falava na criação de um gabinete no lugar do Candal, mas que até esse momento nada se tinha feito, apesar de se tratar de um lugar populoso, onde a instrução era muito escassa e onde abundavam os operários na taberna¹⁶⁶. No mesmo jornal temos a referência de que se pensava constituir uma associação de instrução e recreio no lugar das Devesas, com o objetivo de criar escolas que seguissem o método de João de Deus, criar um gabinete de leitura, assim como uma secção dramática e uma secção de dança¹⁶⁷. O jornal

¹⁶¹ *A Luz do Operário*, n.º 97, 15 de novembro de 1896.

¹⁶² *A Luz do Operário*, n.º 101, 10 de janeiro de 1897.

¹⁶³ Não tivemos acesso aos números do jornal *A Luz do Operário* publicados entre março de 1901 e março de 1905.

¹⁶⁴ *A Luz do Operário*, n.º 106, 21 de março de 1897.

¹⁶⁵ *A Luz do Operário*, n.º 116, 8 de agosto de 1897.

¹⁶⁶ *A Luz do Operário*, n.º 119, 19 de setembro de 1897.

¹⁶⁷ *A Luz do Operário*, n.º 119, 19 de setembro de 1897.

de 3 de outubro informava que esta nova associação já estava fundada e tinha como designação, Sociedade Instrução e Recreio «Amigos da Luz»¹⁶⁸. Em notícia do mesmo dia, surge nova referência ao grupo acima mencionado do Candal, anunciando que este se deveria reunir em breve para assentar as bases pelas quais se deveria reger o gabinete, e nota de que em casa de Henrique de Macedo, militante socialista residente no lugar do Candal, iria iniciar-se em breve um curso noturno de primeiras letras¹⁶⁹.

No ano de 1898, voltamos a ter informação de que um grupo de gaienses pensava constituir uma nova associação voltada para a instrução e para a beneficência que se designaria Sociedade de Instrução e Beneficência «A Luz do Operário»¹⁷⁰. Logo no número seguinte, temos a informação de que já estava instituída, com ligação direta ao jornal homónimo, sendo também publicados os estatutos dessa sociedade, que tinha como principais objetivos educar e instruir os associados, bem como apoiar as respetivas famílias nos casos de falecimento, cobrindo parte das despesas do funeral¹⁷¹. Parece ter sido uma tentativa de criar em Vila Nova de Gaia uma agremiação à imagem da lisboeta «Voz do Operário», mas, ao contrário desta, a agremiação gaiense não terá tido sucesso, a julgar pela notícia de 25 de dezembro desse ano, em que a direção do jornal se desvinculava da nova sociedade¹⁷², sendo esta a última notícia sobre a mesma.

A 5 de fevereiro do ano seguinte, temos a informação de que um grupo de jovens de Oliveira do Douro pensava constituir nessa freguesia um gabinete de leitura e uma escola de oratória¹⁷³. A confirmação da sua instituição chega-nos duas semanas depois, com a notícia de que já estaria a funcionar no lugar da Formigosa, adotando a designação de Gabinete Social Operário Oliveirense e que a afluência de associados era considerável¹⁷⁴. No jornal de 10 de junho de 1900, esta associação volta a ser notícia, porque a direção pensava constituir em breve uma banda de música com o propósito de animar sessões solenes das associações congéneres¹⁷⁵. A 2 de fevereiro do ano seguinte, era noticiada a sua primeira atuação na sede da associação. A mesma notícia revela-nos que a banda de música adotara como sua designação Troupe Musical Honra e Glória

¹⁶⁸ *A Luz do Operário*, n.º 120, 3 de outubro de 1897.

¹⁶⁹ *A Luz do Operário*, n.º 120, 3 de outubro de 1897.

¹⁷⁰ *A Luz do Operário*, n.º 137, 29 de maio de 1898.

¹⁷¹ *A Luz do Operário*, n.º 138, 12 de junho de 1898.

¹⁷² *A Luz do Operário*, n.º 152, 25 de dezembro de 1898.

¹⁷³ *A Luz do Operário*, n.º 155, 5 de fevereiro de 1899.

¹⁷⁴ *A Luz do Operário*, n.º 156, 19 de fevereiro de 1899.

¹⁷⁵ *A Luz do Operário*, n.º 190, 10 de junho de 1900.

Oliveirense¹⁷⁶.

Esta iniciativa de criar uma banda musical prende-se, certamente, com o facto de tentar angariar novos associados, como nos comprova uma notícia de 24 de junho de 1900, que nos relata que os ensaios desta banda musical já se tinham iniciado, despontando a adesão de novos sócios¹⁷⁷.

A 11 de junho de 1899, temos a informação de que Pedro da Costa Oliveira teria sido convidado para proferir uma conferência em São Félix da Marinha em favor da instrução, para ajudar um grupo de rapazes que naquela freguesia tencionava constituir um gabinete de leitura e instrução¹⁷⁸. Porém, não voltámos a ter mais informações acerca deste assunto.

A 6 de agosto, o jornal noticiava que, finalmente, se teria constituído um gabinete de instrução no lugar do Candal, adotando a designação de Instituto de Instrução União Operária do Candal. Nessa data, esta associação contaria já com 41 associados, sendo a aula noturna bastante frequentada¹⁷⁹. Aproximadamente sete anos depois, o jornal informava que esta associação se iria dissolver, principalmente por dois motivos, sendo o primeiro o facto de esta não poder fazer novo contrato de arrendamento por falta de verba e o segundo, e mais importante, devido à falta de alunos que nos últimos tempos não passavam dos quatro a cinco¹⁸⁰.

A 29 de outubro, uma notícia faz alusão a uma palestra que terá sido organizada pelo Instituto Operário de Instrução Social, informando que este centro havia já quatro meses vinha ministrando uma aula aos seus associados e respetivos filhos na freguesia de Oliveira do Douro¹⁸¹. Porém, as referências que temos não nos deixam perceber se esta seria uma associação diferente do já referido Gabinete Social Operário Oliveirense ou se se tratava da mesma agremiação.

A 4 de fevereiro de 1900, fundava-se uma nova associação de instrução, desta vez no lugar de Coimbrões, designando-se por Sociedade de Instrução União Operária de Coimbrões¹⁸². Neste mesmo ano, temos ainda a informação de que se iria constituir um novo gabinete em Avintes, que se designaria por Instituto Operário Avintense de Instrução

¹⁷⁶ *A Luz do Operário*, n.º 207, 2 de fevereiro de 1901.

¹⁷⁷ *A Luz do Operário*, n.º 191, 24 de junho de 1900.

¹⁷⁸ *A Luz do Operário*, n.º 164, 11 de junho de 1899.

¹⁷⁹ *A Luz do Operário*, n.º 168, 6 de agosto de 1899.

¹⁸⁰ *A Luz do Operário*, n.º 350, 29 de julho de 1906.

¹⁸¹ *A Luz do Operário*, n.º 174, 29 de outubro de 1899.

¹⁸² *A Luz do Operário*, n.º 181, 4 de fevereiro de 1900.

e Beneficência¹⁸³.

No ano seguinte, o jornal fazia referência a mais uma associação que acabava de se fundar na freguesia de Oliveira do Douro, mais propriamente no lugar de Gervide, que se designava Gabinete de Leitura Popular de Ensino Livre¹⁸⁴.

A 5 de novembro de 1905, noticiava-se que na principal via da Vila¹⁸⁵ iria surgir um novo gabinete de instrução pela mão de Pedro da Costa Oliveira e Diogo Moreira da Silva, com a designação de Gabinete de Instrução Flor de Gaia¹⁸⁶. Em números posteriores, Pedro da Costa Oliveira explicaria em vários textos o motivo da abertura deste novo centro, apontando como principais objetivos da sua existência o ensinar a ler, escrever e contar¹⁸⁷.

No que toca a referências acerca das «associações de instrução» esta foi a última que encontrámos no jornal no período aqui considerado (1893-1914), o que não significa que não tenham existido outras, como nos revelam João Freire e Maria Alexandra Lousada, quando se referem ao anarquista gaiense António Teixeira de Araújo, que terá feito parte do grupo libertário «Verdade e Luz», em Coimbrões, onde terá funcionado uma escola, da qual não encontrámos nenhuma informação¹⁸⁸ no jornal *A Luz do Operário*.

Sobre o papel das associações de classe na instrução operária não dispomos de muitas informações, para além das sessões solenes. A mais dinâmica, que tentava levar os operários para o caminho da instrução, era a Associação dos Operários Tanoeiros de Gaia. Sobre esta associação temos informação da tentativa de instituir uma escola diurna em dois momentos distintos. A primeira referência surge-nos no ano de 1894. A notícia destacava a extrema importância da instrução, como veículo para o fim das políticas que governavam o país. Referia-se que, caso a aula não abrisse nesse ano, quase de certeza abriria no ano seguinte. Porém, não temos mais nenhuma informação sobre essa iniciativa¹⁸⁹, que provavelmente não terá vingado, já que em 1898 há uma chamada de atenção aos operários tanoeiros que se preocupavam mais com «jogatinas» do que com o

¹⁸³ *A Luz do Operário*, n.º 190, 10 de junho de 1900.

¹⁸⁴ *A Luz do operário*, n.º 206, 20 de janeiro de 1901.

¹⁸⁵ À época a principal via da Vila era a rua Direita, hoje rua Cândido dos Reis, sendo uma das artérias da parte histórica de Vila Nova de Gaia.

¹⁸⁶ *A Luz do Operário*, n.º 331, 5 de novembro de 1905.

¹⁸⁷ *A Luz do Operário*, n.º 332, 19 de novembro de 1905.

¹⁸⁸ FREIRE; LOUSADA, 2013: 61.

¹⁸⁹ *A Luz do Operário*, n.º 44, 4 de novembro de 1894.

futuro da classe¹⁹⁰, e porque em 1900 surgiria uma nova tentativa de instituir uma aula noturna na associação¹⁹¹.

Para além da tentativa de instituir aulas noturnas, esta associação de classe preocupou-se em organizar outras iniciativas, em que eram discutidos os seus problemas. Organizou várias sessões de propaganda, como, por exemplo, em 1900, em que procurou sensibilizar todos os tanoeiros, realizando palestras em Vila Nova de Gaia e Ovar, as três primeiras nas freguesias gaienses com maior número de operários tanoeiros (Serzedo, Vilar do Paraíso e Oliveira do Douro)¹⁹². Temos informação de que também organizou diversos comícios que tinham por objetivos discutir a situação que a classe enfrentava e enviar representações ao governo, como, por exemplo, o comício que se realizou em 1900 na sede desta associação¹⁹³. Estas iniciativas estavam ligadas mais à instrução política, mas também eram uma tentativa de criar uma noção de união de classe entre os tanoeiros.

Porém, a intervenção das associações de classe terá ficado aquém das expectativas inicialmente criadas. Em 1913, era publicado um artigo no jornal *A Luz do Operário*, assinado por Ladislau Piçarra¹⁹⁴, em que afirmava que o operário, para conseguir a emancipação, precisava primeiro de educar o espírito e que, para isso, a instrução teria que começar nas associações de classe: «As nossas classes laboriosas sofrem d'uma grande inercia cerebral, e é, precisamente, mercê d'uma tal inercia, que ellas revelam tamanha reluctancia pela cultura literaria. Mas é indispensavel chamar á vida intelectual essas classes, despertar-lhes o gosto pelo estudo; e a melhor fôrma de conseguir este desideratum, repito, é introduzindo a escola nas associações de classe: Primeiro, a escola d'instrucção primaria elementar, depois a d'instrucção primaria complementar e mais tarde o ensino profissional»¹⁹⁵.

Por fim, no que toca à contribuição do associativismo operário para a instrução, resta-nos referir o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia que, como anteriormente referimos, foi fundado em 1899. De facto, este centro foi o que mais ênfase teve na instrução operária, ou não fossem os princípios socialistas que estivessem por detrás da maioria das associações acima referidas.

Logo a 6 de agosto de 1899, e passado pouco tempo da abertura do centro, temos

¹⁹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 139, 26 de junho de 1898.

¹⁹¹ *A Luz do Operário*, n.º 199, 14 de outubro de 1900.

¹⁹² *A Luz do Operário*, n.º 184, 18 de março de 1900.

¹⁹³ *A Luz do Operário*, n.º 197, 16 de setembro de 1900.

¹⁹⁴ Este artigo é original do jornal *A Lucta*.

¹⁹⁵ *A Luz do Operário*, n.º 447, 17 de Abril de 1910.

a informação de que este pretendia instituir uma escola e que não se poupava «a esforços, com o fim de conseguir a emancipação dos trabalhadores, libertando-os das garras aduncas dos loyolas infames»¹⁹⁶. Apesar desta primeira notícia, só voltamos a ter informação acerca da tentativa do centro instituir uma escola no ano seguinte, sendo noticiado que pretendia criar uma aula diurna¹⁹⁷. Porém, acreditamos que o centro já teria instituído uma aula noturna, tendo por base vários exemplos anteriores de que, antes da constituição de uma aula diurna, estas instituições criavam primeiro aulas noturnas. Como é noticiado a 14 de outubro desse ano, o centro organizou uma sessão solene para assinalar a abertura da aula noturna¹⁹⁸. Ao que parece, as aulas noturnas seriam muito concorridas, principalmente por crianças, como nos revela uma notícia de 25 de novembro¹⁹⁹.

A 9 de dezembro, surge nova indicação de que o centro pensava constituir uma aula diurna, o que nos mostra que o plano noticiado anteriormente ainda não tinha sido posto em prática, e que esta ideia surgia novamente tendo como base o sucesso que a aula noturna estava a ter²⁰⁰. Nesta notícia temos ainda a informação de que as aulas seguiam o «Pequeno Manual do Povo», do socialista Manuel José da Silva²⁰¹.

Em 1905, a aula noturna ainda funcionava, como nos comprova uma notícia de 8 de outubro, que nos informa que o centro organizara uma sessão solene para assinalar a abertura do ano letivo na sua escola²⁰², não havendo qualquer informação acerca de uma aula diurna, que, se chegou a concretizar-se, não terá tido grande resultado.

O centro organizou também diversas conferências, sessões solenes, assim como sessões de propaganda, sendo muitas vezes as conferências utilizadas com esse fim. Logo a 14 de maio de 1899, ou seja, em data anterior à tentativa de instituir uma aula, o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia pensava promover uma série de conferências semanais, que se realizariam todas as quartas-feiras, sendo a primeira apontada para a última quarta-feira do mês²⁰³. Pretendia-se que estas conferências, para além de instrutivas, funcionassem como sessões de propaganda. A 25 de junho, temos a informação de que eram muito concorridas e que abordavam vários temas úteis, daí estarem a contribuir para

¹⁹⁶ *A Luz do Operário*, n.º 168, 6 de agosto de 1899.

¹⁹⁷ *A Luz do Operário*, n.º 197, 16 de setembro 1900.

¹⁹⁸ *A Luz do Operário*, n.º 200, 28 de outubro de 1900.

¹⁹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 202, 25 de novembro de 1900.

²⁰⁰ *A Luz do Operário*, n.º 203, 9 de dezembro de 1900.

²⁰¹ *A Luz do Operário*, n.º 203, 9 de dezembro de 1900.

²⁰² *A Luz do Operário*, n.º 329, 8 de outubro de 1905.

²⁰³ *A Luz do Operário*, n.º 162, 14 de maio de 1899.

o aumento do número sócios²⁰⁴. Em setembro deste mesmo ano, as palestras seriam suspensas por ordem das autoridades administrativas do concelho, anunciando-se que só seriam retomadas com ordem das mesmas²⁰⁵, o que viria a acontecer cerca de um mês mais tarde²⁰⁶.

Em 1906, voltava a noticiar-se que o centro iria realizar uma série de conferências, onde seriam apresentados os vários princípios do partido, depois de os republicanos terem tentado absorver parte dos sócios do centro durante a campanha eleitoral, difundindo a ideia de que o socialismo só tinha razão de ser com o sistema republicano instaurado. Nesta época, o dia escolhido para a realização das conferências já não era a quarta-feira, mas sim o domingo à tarde²⁰⁷.

Falando na instrução, não nos podemos esquecer dos comícios que se realizavam na Serra do Pilar, no 1.º de Maio. No ano de 1897, temos a informação de que, para além deste, se teria realizado, no Areinho de Oliveira do Douro, um outro para assinalar esta data e que terá decorrido no dia 2 de maio, organizado pela Associação dos Trabalhadores do Porto²⁰⁸.

Definido como «o primeiro feriado do calendário socialista»²⁰⁹, nenhuma associação operária queria deixar de celebrar este dia. Por isso, normalmente na noite desse dia, organizavam-se sessões solenes nas sedes das associações.

O veículo predileto para a educação e instrução dos operários era o jornal. Porém, existia a consciência de que este, apesar de chegar a muitos locais, estava longe de tocar a grande maioria dos operários, dada a extensão do analfabetismo. Esta situação aparece bem explicada, aquando da formação da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Luz do Operário», referindo-se a importância da criação de escolas para ensinar os operários a ler, porque, sem isso, pouco adiantava «o jornal chegar a todas as partes; atravessar de um extremo ao outro o paiz, entrar nas officinas, nas obras, nas associações, em todos os logares, finalmente, onde ha carencia de luz; mas não basta lá chegar. É preciso que aquelles a cujas mãos chegue, o saibam lêr e comprehender»²¹⁰.

Como pudemos observar, em Vila Nova de Gaia existiu um surto de criação de

²⁰⁴ *A Luz do Operário*, n.º 165, 25 de junho de 1899.

²⁰⁵ *A Luz do Operário*, n.º 171, 17 de setembro de 1899.

²⁰⁶ *A Luz do Operário*, n.º 174, 29 de outubro de 1899.

²⁰⁷ *A Luz do Operário*, n.º 353, 9 de setembro de 1906.

²⁰⁸ *A Luz do Operário*, n.º 109, 1 de maio de 1897.

²⁰⁹ *A Luz do Operário*, n.º 109, 1 de maio de 1897.

²¹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 138, 12 de junho de 1898.

aulas e gabinetes de instrução operários, principalmente nos últimos anos de Oitocentos. No entanto, a partir de 1905, as referências a estas iniciativas iam diminuir. Um fator que poderá ter levado à diminuição da criação destas associações foi o aparecimento das coletividades recreativas, como é o caso do Grupo Social Recreativo de Mafamude, que, em julho de 1909, terá iniciado uma série de conferências na sua sede, tendo a primeira como orador Leonardo Coimbra, que abordou o tema da educação e da liberdade²¹¹. Para percebermos a importância que esta associação dava à instrução temos uma notícia publicada no jornal *A luz do Operário*, em 1911, referindo que as conferências continuavam a decorrer e que a coletividade não descuidava os princípios pelos quais fora fundada²¹².

Outro fator, que acreditamos ser o mais plausível, deve-se ao desinteresse dos operários pela instrução, o que levava muitos destes gabinetes a não terem alunos. Por isso, os socialistas terão optado por uma estratégia diferente para a promoção da instrução, a julgar pelas palavras de Conceição Fernandes²¹³, defendendo que as conferências atraíam mais público, principalmente nas zonas rurais, visto que nestas participavam pessoas de várias idades, enquanto o público que frequentava as escolas era mais jovem²¹⁴. Mas também as conferências sofriam, muitas das vezes, da falta de público. Uma notícia de 1913 lamentava o desinteresse dos operários tanto pela escola como pelas conferências. O autor, chocado pelos poucos operários que assistiam a uma palestra no Centro Socialista de Coimbrões, escrevia o seguinte no jornal *A Luz do Operário*:

”Onde haverá um baile? Onde haverá uma rifa? Onde haverá uma romaria? Finalmente, onde haverá qualquer divertimento onde se possa bem saciar os nossos desejos na folia?”

Eis a pergunta dos novos, da juventude, dos que deveriam antes perguntar:

“Onde haverá um Centro operario? Onde haverá uma escola nocturna? Onde haverá uma conferencia operaria? Finalmente, onde haverá qualquer escola, ou mesmo qualquer barraquim, onde nos possamos instruir?”

Como é triste! Muito triste, os novos, os que devem ser os verdadeiros libertadores da sociedade oprimida, sejam os verdadeiros interpretes inconscientes, para a retroceder.

É triste! Muito triste, que os incansaveis propagandistas das sãs doutrinas socialistas, tenham sempre que falar, aos que de há muito os vem ouvindo²¹⁵.

²¹¹ *A Luz do Operário*, n.º 425, 13 de junho de 1909.

²¹² *A Luz do Operário*, n.º 486, 11 de outubro de 1911.

²¹³ Ilustre socialista que viveu em Vila Nova de Gaia, que deu o seu nome a uma artéria do concelho.

²¹⁴ *A Luz do Operário*, n.º 345, 20 de maio de 1906.

²¹⁵ *A Luz do Operário*, n.º 529, 15 de junho de 1913.

Ribeiro Coelho, num artigo de 15 de junho de 1913, defendia que, para se alterar esta situação era preciso que a família educasse as crianças desde tenra idade, porque o professor não poderia instruir na escola, se a criança não fosse educada para o efeito. No final do seu artigo deixa o seguinte apelo:

Como é a mulher que, pela natural função que é chamada a desempenhar na sociedade (companheira do homem e educadora dos filhos), compete essencialmente ministrar às crianças estes conhecimentos de moral, necessario se torna que ella as conheça.

Inspirem á juventude o gosto pela leitura, pelo estudo, pelas coisas de arte; em vez de um espirito decorado de conhecimentos mortos, tereis um espirito vivo, agil e progressivo, e vereis tambem como só uma percentagem minima é refrataria aos preceitos moralizadores²¹⁶.

A verdade é que o número de escolas oficiais no concelho cresceu substancialmente neste período. Em 1912, nas vinte e três freguesias de Gaia, vinte e duas tinham escolas primárias públicas, apesar de algumas só terem escolas femininas e outras só terem escolas masculinas, sendo a freguesia mais populosa, Santa Marinha, a que tinha maior número de escolas espalhadas pelos lugares mais povoados²¹⁷. O aumento de escolas públicas de ensino elementar, sobretudo após a instauração da República, terá também contribuído para o decréscimo das instituições operárias de ensino.

Escolas primárias públicas no concelho de Gaia, em 1912:

Anos	Masculinas	Femininas	Mistas	Total
1912	20	17	3	40

Fonte: *Almanaque de Gaia*. Porto: Imprensa Civilização, 1912.

Desde 1884, o concelho contava também com a Escola de Desenho Industrial «Passos Manuel». Esta começou por funcionar inicialmente numa das dependências da fábrica de Fundição e Cerâmica das Devesas, passando em 1887 para o edifício das escolas paroquiais de Santa Marinha, na rua Cândido dos Reis, onde ainda funcionava em

²¹⁶ *A Luz do Operário*, n.º 529, 15 de junho de 1913.

²¹⁷ *Almanaque...*, 1912: 117 a 118.

1912²¹⁸.

Analfabetismo em Vila Nova de Gaia, 1890-1911:

Anos	População total	Analfabetos	% analfabetos
1890	65.081	49.507	76%
1900	73.794	54.915	74%
1911	85.197	58.930	69%

Fontes: PORTUGAL, Ministério da Fazenda, *Censo da População do Reino de Portugal no 1.º de Dezembro de 1890*, 3 vol.. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896-1900; PORTUGAL, Ministério das Finanças, *Censo da População de Portugal no 1.º de Dezembro de 1911*, 6 vol.. Lisboa, Imprensa Nacional, 1913-1917; PORTUGAL, Ministério dos Negócios Estrangeiros da Fazenda, *Censo da População do Reino de Portugal no 1.º de Dezembro de 1900*, 3 vol.. Lisboa, Tipografia da «A Editora», 1905-1906.

Como podemos observar na tabela acima apresentada, os valores de analfabetismo tiveram tendência a diminuir ao longo destes anos, apesar do aumento da população. Certamente que para este decréscimo também contribuíram as escolas operárias, que como já referimos anteriormente tiveram tendência a diminuir com a viragem do século. Nesta estatística não nos podemos esquecer também da importância das escolas evangélicas no concelho, e da importância do seu mentor, Diogo Cassels, na implementação das mesmas.

Literatura operária: As publicações de *A Luz do Operário*

Nesta parte do trabalho iremos abordar alguns textos literários, mas também legislativos publicados neste quinzenário operário de Vila Nova de Gaia, assim como alguma bibliografia aí publicitada.

O género literário que mereceu principal destaque nas páginas deste jornal foi a poesia, o que aliás não é nenhuma surpresa, tendo em conta o que referimos em capítulo anterior. Para além de poemas, podemos encontrar aí publicados contos e pequenas histórias, romances, textos dramáticos, textos legislativos e até mesmo uma biografia.

A poesia era encarada na época como uma arma de intervenção, a qual, a julgar pelas palavras do poeta Cândido Figueiredo, teria sido inventada por Deus, quando este via toda a sua obra ser destruída pela miséria e pela dor²¹⁹.

Ao longo dos vinte e um anos de *A Luz do Operário* estudados, poderemos encontrar uma variedade de autores aí publicados de várias correntes literárias, que vão

²¹⁸ *Almanaque...*, 1912: 36.

²¹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 390, 9 de fevereiro de 1908.

desde o ultrarromantismo de Bulhão Pato, passando pelo realismo de Antero de Quental e Guerra Junqueiro e pelo decadentismo e simbolismo de António Nobre e D. João de Castro. Para além destes, podemos ainda encontrar poemas de Camões, Bocage, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Angelina Vidal, Soares de Passos entre outros autores da literatura portuguesa, assim como escritores estrangeiros, como o francês Victor Hugo. Poemas não assinados são exceção à regra. Os autores locais por norma assinavam com heterónimos, ou com o apelido de família, ou apenas com as iniciais dos seus nomes. Os autores dos poemas de sátira social assinavam com heterónimos, sendo vários os que nos aparecem ao longo dos anos, como Aduella²²⁰, Virosas²²¹, entre outros, exceção apenas para o caso de Conceição Fernandes, que entre os anos de 1906 e 1907 dirigiu uma secção do jornal onde publicou vários poemas de sátira social, que assinou com o seu nome.

Dos autores referenciados, aqueles que mereceram maior destaque são Angelina Vidal e Antero de Quental. Esta afirmação não é só feita com base no número de textos publicados naquelas páginas, mas também por notícias paralelas a estas publicações.

A poetisa Angelina Vidal suscitou sempre um carinho especial, como nos comprova uma notícia de 1894, em que a redação do jornal informa os leitores que abrirá uma subscrição em nome da poetisa, devido a esta passar por uma fase bastante má da sua vida, de tal modo que, se não fosse uma amiga, seria já cadáver²²². Passado pouco tempo, podemos ler uma nota que considerava que as publicações desta autora muito enriqueciam o jornal e eram muito apreciadas pelos leitores²²³.

Sobre Antero de Quental foi publicada uma Homenagem, em 1912, onde podemos ler o seguinte:

Publicamos hoje o retrato d'este immortal poeta, porque temos pela sua memoria muita consideração. Os seus sonetos são um primor e d'isto estão convencidos os leitores "d'A Luz", porque já n'este jornal os publicamos. Mas quem era Anthero de Quental? Perguntarão muitos que apenas o conhecem o nome.

Anthero de Quental, fallecido em 11 de Setembro de 1891, foi um grande poeta, talvez o maior dos ultimos tempos, e um philosopho de uma grande envergadura intellectual...²²⁴.

²²⁰ *A Luz do Operário*, n.º 15, 24 de setembro de 1893.

²²¹ *A Luz do Operário*, n.º 381, 6 de outubro de 1907.

²²² *A Luz do Operário*, n.º 27, 11 de março de 1894.

²²³ *A Luz do Operário*, n.º. 81, 5 de abril de 1896.

²²⁴ *A Luz do Operário*, n.º 496, 3 de março de 1912.

Os temas mais abordados nestes poemas eram a crítica à sociedade burguesa, à Igreja, o incentivo à instrução, as questões que o operário combatia no dia-a-dia, como a fome e a miséria, a situação dos mais velhos, a situação das crianças e da mulher operária, e, por fim, os poemas de cariz ideológico.

Os poemas que abordam as críticas à sociedade burguesa vão assumir maior destaque entre os anos de 1893 e 1899, e ainda o poema *Caprichos*, de João de Deus, publicado em 1911, onde o poeta critica as mulheres da burguesia por tratarem melhor os seus animais de estimação do que os próprios filhos, que entregam a amas para deles cuidarem²²⁵.

Nos restantes poemas as críticas focam-se essencialmente em três assuntos, a exploração dos mais desfavorecidos, a hipocrisia da solidariedade burguesa, e ainda a falta de amor entre estes e a sua grande ambição. Para cada um dos temas iremos dar um exemplo pela ordem que anunciamos estas críticas. Para o primeiro caso podemos falar do poema de A. J. L. Pereira de Carvalho, *Ethopéa do Burguez no Retrato do Porco*²²⁶, poema este onde o autor vai comparar a classe burguesa com os porcos, que exploram e comem os da mesma espécie, nada fazendo para além de preguiçar, dormir e comer²²⁷.

Para o segundo tema abordado podemos dar como exemplo o poema de F. A. d'Assumpção, *Caridade*, em que este acusa a burguesia de procurar na caridade e na misericórdia a desculpa para a exploração a que sujeita os mais desfavorecidos no dia-a-dia²²⁸. Para a última crítica apontada, pode ser dado o exemplo do poema da autoria de Álvaro Dias, *O que é o Mundo*, em que este afirma que quando alguém da burguesia morre, os seus descendentes estão interessados em que chegue a noite para conhecer o testamento, sendo uma farsa todo o sentimento demonstrado durante o dia²²⁹.

Para além das críticas à sociedade burguesa, as feitas à Igreja vão ser ainda em maior número e arrastar-se por um maior número de anos do jornal. Os jesuítas foram as principais vítimas, contabilizando-se pelo menos dois poemas que falam exclusivamente destes, talvez por serem a ordem mais radical no seio da Igreja, podendo ser dados como

²²⁵ *A Luz do Operário*, n.º 476, 28 de maio de 1911.

²²⁶ Ver no anexo 3 transcrição do poema.

²²⁷ *A Luz do Operário*, n.º 4, 23 de abril de 1893.

²²⁸ *A Luz do Operário*, n.º 166, 9 de julho de 1899; Ver no anexo 4 transcrição do poema.

²²⁹ *A Luz do Operário*, n.º 85, 31 de maio de 1896.

exemplos, os poemas de Fernandes Osório, *Os Jesuítas*²³⁰, e o poema de Manuel Sardenha, *O Jesuíta*²³¹.

Como críticas à Igreja Católica, podem ser dados como exemplos os seguintes poemas: *As Cathedraes*, da autoria de Gomes Leal, que descreve estes templos religiosos como autênticas prisões²³²; o poema *Guerra Perpetua*, de Teixeira Bastos, em que este acusa as várias religiões de serem as verdadeiras responsáveis pela maioria das guerras, que muitas vezes dividiam famílias opondo no campo de batalha pais contra filhos²³³; o poema *A um Crucifixo*, de Antero de Quental, que descreve Jesus Cristo como um mártir de um ideal, porém mal interpretado e continuado pelos Homens²³⁴; um outro poema que também se enquadra neste último exemplo é o *O Mercado*, de Domingos Parreira, onde este acusa a Igreja de ser um enorme mercado, que envolve grandes capitais, feitos à custa dos mais ignorantes²³⁵.

A crítica à Igreja Católica atinge o seu auge em 1907, quando no folhetim começa a ser publicado o poema do escritor francês Victor Hugo, *Christo no Vaticano*²³⁶. Afirmamos ser este momento o auge destas publicações, porque, passados dois números de este poema se ter começado a publicar, temos a informação de que estava a causar alguma indignação aos mais religiosos, principalmente ao padre de Oliveira do Douro, que até dele já falava na missa, apelando ao seus fregueses para não lerem tal jornal, agradecendo a redação do jornal em tom irónico pela publicidade gratuita ao jornal, e em específico à obra publicada em folhetim²³⁷.

Poderemos realçar ainda o poema *O Melro*, de Guerra Junqueiro, publicado em folhetim em 1909, a pedido de vários leitores que o queriam colecionar²³⁸.

A nível local, podemos ainda encontrar alguns poemas de crítica a várias associações ligadas à Igreja, como aos círculos católicos. Aquando da criação do primeiro círculo católico em Vila Nova de Gaia, foi publicado um poema com o título *Aos Circulatórios*, da autoria de um poeta que assinava como Magalhães, que critica estas associações por virem criar uma rutura no seio da classe operária, prejudicando assim a

²³⁰ *A Luz do Operário*, n.º 72, 1 de dezembro de 1895.

²³¹ *A Luz do Operário*, n.º 76, 26 de janeiro de 1896.

²³² *A Luz do Operário*, n.º 19, 19 de novembro de 1893.

²³³ *A Luz do Operário*, n.º 30, 22 de abril de 1894; ver no anexo 5 a transcrição do poema.

²³⁴ *A Luz do Operário*, n.º 164, 11 de junho de 1899.

²³⁵ *A Luz do Operário*, n.º 180, 21 de janeiro de 1900; ver no anexo 6 a transcrição do poema.

²³⁶ *A Luz do Operário*, n.º 377, 11 de agosto de 1907.

²³⁷ *A Luz do Operário*, n.º 379, 8 de setembro de 1907.

²³⁸ *A Luz do Operário*, n.º 432, 19 de setembro de 1909.

luta pelos seus interesses²³⁹. Outro poema bastante curioso é o assinado por Noronha, *Epitaphio*, que, segundo o autor, era para ser colocado na campa do jornal *A Voz dos Burros*²⁴⁰.

Outra temática abrange os assuntos relacionados com a instrução, as críticas à sua falta, bem como os incentivos aos que a difundiam. Porém estes poemas vêm sempre associados às críticas à Igreja Católica, por esta significar o dogmatismo.

Um exemplo de um poema que critica a falta de instrução é *Trévas*, da autoria de Cândido Figueiredo, em que o autor acusa a falta de instrução como o principal fator responsável pelo facto de as enxovias se encontrarem cheias de filhos do povo²⁴¹, sendo este um dos poucos exemplos que se refere à falta de instrução. Já sobre o incentivo à instrução são vários os exemplos que aqui podemos dar, como o poema *Lázaro*, de Adelino Veiga, em que o autor escreve que o santo se terá convertido numa nova religião, ou seja, na instrução, considerando a Escola como o novo templo sagrado²⁴². Outro exemplo é o poema *Luz!*, de A. J. Carvalho, que diz que a instrução está a criar um novo Deus entre os mais desfavorecidos, o Deus do progresso²⁴³. Refira-se ainda, como último exemplo, o poema de Alberto Magalhães, *Progredior...*, que apela aos operários para se instruírem e saírem das trevas da Igreja, e lutarem por um Ideal²⁴⁴, numa alusão clara aos movimentos encetados na defesa dos operários.

Uma outra questão representada nestes poemas eram os problemas aliados à miséria que se fazia sentir no seio operário, tais como os problemas dos idosos, que quando se viam sem forças para trabalhar na grande parte dos casos eram obrigados a recorrer à mendicância para poderem sobreviver, por exemplo o poema de Francisco da Silva, *Miséria*²⁴⁵.

Sobre as crianças podemos encontrar dois tipos de poemas, o primeiro que vê nas crianças a alegria do lar, por estas representarem o futuro, apesar da miséria, como é o caso do poema de Cândido Figueiredo, *Sol entre as Nuvens*, em que o autor, depois de

²³⁹ *A Luz do Operário*, n. 170, 3 de setembro de 1899; ver no anexo 7 transcrição do poema.

²⁴⁰ *A Luz do Operário*, n.º 172, 1 de outubro de 1899; o jornal aqui designado como *Voz dos Burros*, refere-se ao jornal *A Voz dos Brancos*, periódico publicado em Vila Nova de Gaia com ligação à Igreja, que era visto como o grande opositor do jornal *A Luz do Operário*; para este assunto ver: LACERDA, 1984: 509-552.

²⁴¹ *A Luz do Operário*, n.º 55, 7 de abril de 1895; ver no anexo 8 a transcrição do poema.

²⁴² *A Luz do Operário*, n.º 94, 4 de outubro de 1896.

²⁴³ *A Luz do Operário*, n.º 135, 1 de maio de 1898.

²⁴⁴ *A Luz do Operário*, n.º 183, 4 de março de 1900. Ver no anexo 9 a transcrição do poema.

²⁴⁵ *A Luz do Operário*, n.º 49, 13 de janeiro de 1895. Ver no anexo 10 transcrição do poema.

descrever a miséria que é possível observar nos lares operários, diz que as crianças ainda sorriem²⁴⁶. Um outro tipo de poemas abarca os que falam nos sacrifícios das crianças, muitas vezes obrigadas a pedir para ter que comer, apesar do medo das represálias da sociedade burguesa²⁴⁷.

A situação da mulher operária era também uma preocupação para estes poetas; um exemplo que aqui poderá ser dado é o poema de José Newton, *Perdida*, em que o autor nos fala acerca das condições de vida miseráveis em que estas se viam quando ficavam sozinhas no mundo, piorando a situação quando ficavam com filhos pequenos para criar, tornando-se assim alvos fáceis da sociedade em que estavam inseridas²⁴⁸.

Um outro tema também sempre muito presente nesta poesia é o amor, o amor de mãe, o amor impossível, uma certa tentativa de idealizar o amor. Esta insistência poderá ser exemplificada em dois poemas, o primeiro da autoria de Joaquim dos Anjos, intitulado *Liberdade*, que retrata o amor como um Deus mitológico aprisionado, no qual apela para que se liberte e termine com o esplendor da tirania e do terror²⁴⁹; o segundo poema é da autoria de Fernandes Telles, *Visão d'amor*, em que este é descrito como sendo uma essência capaz de mudar o mundo²⁵⁰.

Sendo um jornal dirigido a operários, não podiam faltar os poemas de cariz ideológico e revolucionário, como *A Lição Social nos Insectos*, da autoria de A. J. L. Pereira de Carvalho, em que apela à classe operária para que veja o exemplo das formigas, que, apesar de viverem numa sociedade anárquica, se unem por um fim comum, que é o de não passarem fome no Inverno²⁵¹, com a curiosidade deste ser o primeiro poema publicado nas páginas deste quinzenário; no poema de Pinheiro Caldas, *Ao Operário*, o autor exorta os operários a lutarem pelo sentido da razão²⁵²; outro exemplo é o poema de Costa Gooldofim, *Fraternidade*, em que o autor apela à paz, à união e à fraternidade no seio do movimento operário português²⁵³.

Por fim, falta destacar a poesia de sátira social, onde podemos destacar alguns destes poemas e seus autores e alguns temas aí tratados. Os primeiros poemas deste

²⁴⁶ *A Luz do Operário*, n.º 40, 9 de setembro de 1894.

²⁴⁷ *A Luz do Operário*, n.º 52, 24 de fevereiro 1895.

²⁴⁸ *A Luz do Operário*, n.º 167, 23 de julho de 1899; ver no anexo 11 transcrição do poema.

²⁴⁹ *A Luz do Operário*, n.º 52, 23 de fevereiro de 1895.

²⁵⁰ *A Luz do Operário*, n.º 125, 12 de dezembro de 1897.

²⁵¹ *A Luz do Operário*, n.º 3, 9 de abril de 1893.

²⁵² *A Luz do Operário*, n.º 83, 1 de maio de 1896.

²⁵³ *A Luz do Operário*, n.º 137, 29 de maio de 1898.

género publicados neste quinzenário têm como título *Cavaqueira*²⁵⁴, da autoria de Aduella, um heterónimo, poemas estes que se começam a publicar em setembro de 1893, falando o primeiro poema no facto de os operários, por altura das festas, darem aos seus capatazes prendas, não tendo na maior parte das vezes sequer dinheiro para comerem²⁵⁵; um outro exemplo é o do poema publicado a 20 de maio de 1894, em que o autor ironiza com o caciquismo político que se vivia no concelho²⁵⁶.

A 7 de Março de 1897, iniciou-se uma nova série de poemas, desta vez o título escolhido foi *Bellisando*²⁵⁷, e o seu autor irá assinar como K. Bello. O primeiro poema publicado não é de nenhuma forma um poema irónico, mas sim um poema de homenagem aos redatores do jornal *A Luz do Operário*²⁵⁸; a 4 de abril é publicado um poema desta série que ironiza sobre as multas que os patrões cobram aos operários, e que depois são doadas para obras pias²⁵⁹; podemos ainda dar o exemplo do poema publicado 27 de junho de 1897, que ironiza sobre o excesso de dias santificados no calendário português, ficando contentes os burgueses, porque os operários nestes dias não trabalham, logo não tinham que lhes pagar²⁶⁰.

Em 1899, começa uma nova série de poemas satíricos, desta vez designados *Piscadellas*, por Estevam, sendo o primeiro publicado a 15 de outubro²⁶¹, focando essencialmente críticas à Igreja Católica.

Os únicos poemas de sátira social assinados pelo verdadeiro nome do autor são os designados por *Cantigas Ligeiras*, de Conceição Fernandes, abordando quase sempre questões religiosas. O primeiro desses poemas critica a confissão e o casamento religioso e elogia o casamento civil²⁶².

O segundo género literário mais publicado neste quinzenário abarca os contos e as pequenas histórias, a que se seguem os romances. Nestes contos, pequenas histórias e romances, podemos encontrar textos de autores portugueses (Teófilo Braga, Angelina Vidal, etc.) e de grandes nomes da literatura estrangeira, especialmente da francesa, como Émile Zola, Victor Hugo, entre outros.

²⁵⁴ Ver transcrição do poema no anexo 12.

²⁵⁵ *A Luz do Operário*, n.º 15, 24 de setembro de 1893.

²⁵⁶ *A Luz do Operário*, n.º 32, 20 de maio de 1894.

²⁵⁷ Ver primeiro poema publicado no anexo 13.

²⁵⁸ *A Luz do Operário*, n.º 105, 7 de março de 1897.

²⁵⁹ *A Luz do Operário*, n.º 107, 4 de abril de 1897.

²⁶⁰ *A Luz do Operário*, n.º 113, 27 de junho de 1897.

²⁶¹ *A Luz do Operário*, n.º 173, 15 de outubro de 1899.

²⁶² *A Luz do Operário*, n.º 336, 14 de janeiro de 1906; ver no anexo 14 o primeiro poema publicado.

Ao contrário do que sucede na poesia, nestes casos as correntes literárias publicadas cingem-se ao realismo e ao naturalismo.

Mas, tal como sucedia na poesia, estes textos eram publicados tanto inseridos no corpo do jornal como em folhetim, sendo que os romances, devido à sua extensão, eram por norma publicados em folhetim.

Os temas mais abordados nestes textos eram os abusos que a sociedade burguesa praticava sobre a classe operária, a miséria em que esta vivia, apresentando muitas vezes a mulher operária como principal vítima da sociedade. Outra questão abordada era a cobertura que a justiça e a imprensa davam à classe burguesa.

Acerca dos contos podemos dar exemplos de algumas destas histórias que vão ao encontro do que acabamos de referir. O primeiro exemplo é o conto *Contraste*, de Jacinto Mengo, que critica a educação dada às crianças burguesas, explicando que estas quando crescem se tornam estúpidas e carrancudas, mas que enquanto crianças não se conseguem distinguir das demais crianças de outras classes²⁶³.

Um outro exemplo é o conto do mesmo autor, *Coisas da Vida*, que fala sobre a exploração dos operários, nesta história representados por uma mulher, que sofre um acidente de trabalho mortal; quando informado, o patrão nada quis saber sobre a pobre mulher mas sim se este acidente tinha trazido grandes prejuízos, quando esta deixava no mundo pobres órfãos a morrer de fome²⁶⁴.

Um outro conto que aqui podemos apresentar é o da autoria de José Fernandes Júnior, *Divagando*, em que o autor acusa a burguesia de, com a invenção da máquina, conseguir aumentar ainda mais a miséria e a exaustão dos mais desfavorecidos, quando a máquina terá sido criada para poupar o homem²⁶⁵.

Sobre os perigos a que as mulheres estavam sujeitas, podemos dar dois exemplos, o primeiro o conto *Número*, de autor desconhecido, que fala de um triângulo fatal em que as mulheres operárias se vêem envolvidas, triângulo este constituído pela miséria, roubo e prostituição, contando o autor depois a história de uma dessas mulheres²⁶⁶. O segundo exemplo, o conto *Maria*, de Blouse, conta a história de uma mulher que foi levada a tribunal, acusada de ter morto o seu próprio filho. Chamada a depor, a mulher contou toda a sua história, que o filho era fruto de uma violação que sofrera em casa de um senhor

²⁶³ A *Luz do Operário*, n.º 35, 1 de julho de 1894.

²⁶⁴ A *Luz do Operário*, n.º 37, 29 de julho de 1894.

²⁶⁵ A *Luz do Operário*, n.º 126, 26 de dezembro de 1897.

²⁶⁶ A *Luz do Operário*, n.º 152, 25 de dezembro de 1898.

burguês, que, ao ver-se várias vezes rejeitado, a violou e despediu quando soube da gravidez, empurrando-a para a miséria com um filho nos braços. Quando estava para amamentar a pobre criança, terá desmaiado e caído sobre o bebé, sufocando-o, e em seguida enlouquecendo. No dia seguinte, todos os jornais burgueses terão dado destaque a este caso de infanticídio, omitindo porém toda a história, só referindo que a mulher enlouqueceu em plena audiência²⁶⁷.

No que toca aos romances, ao longo dos vinte e um anos por nós estudados, podemos encontrar pelo menos dois romances originais, o primeiro publicado em folhetim e o segundo inserido no corpo do jornal. O primeiro romance original publicado foi *Um facto e uma injustiça ou a ambição d'um burguês*, não apresentando informações acerca da sua autoria. Tendo começado a ser publicado em outubro de 1893²⁶⁸, conheceu diversos contratemplos ao longo da sua publicação. Segundo notícia de 26 de agosto de 1894, a publicação do romance tinha sido interrompida devido ao facto de o seu autor estar gravemente doente, sendo depois retomada quando o autor melhorou²⁶⁹, o que demonstra que o romance ainda não estaria totalmente escrito, e que ia sendo composto à medida que era publicado. A 22 de março de 1896, uma outra notícia informa que a publicação ainda não tinha sido concluída devido ao facto de o seu autor se ter ausentado da vila por algum tempo, mas que já tinha regressado e informado a redação que estaria disponível para o concluir²⁷⁰.

Um outro romance original publicado nas folhas do jornal gaiense foi *Os Infelizes*, da autoria de Henrique de Macedo, que se iniciou a 19 de setembro de 1897²⁷¹.

Para além destes dois, podemos encontrar outros romances, como *O Fuzilado*, de Émile Zola, com tradução de Beldemonio²⁷², *Drama de Família-História de uma Freira*²⁷³, do qual não temos informação alguma sobre quem seria o autor, e, por fim, *A Falta de Trabalho*, de Émile Zola²⁷⁴, sendo todos eles publicados em folhetim.

Dos três estilos literários mais comuns nestas páginas, o texto dramático foi o que mereceu menos ênfase, sendo à época muito popular quando representado, mas pouco apreciado como leitura.

²⁶⁷ *A Luz do Operário*, n.º 201, 11 de novembro de 1900.

²⁶⁸ *A Luz do Operário*, n.º 17, 22 de outubro de 1893.

²⁶⁹ *A Luz do Operário*, n.º 39, 26 de agosto de 1894.

²⁷⁰ *A Luz do Operário*, n.º 80, 22 de março de 1896.

²⁷¹ *A Luz do Operário*, n.º 119, 19 de setembro de 1897.

²⁷² *A Luz do Operário*, n.º 202, 25 de novembro de 1900.

²⁷³ *A Luz do Operário*, n.º 366, 10 de março de 1907.

²⁷⁴ *A Luz do Operário*, n.º 414, 10 de janeiro de 1909.

Os textos deste género foram publicados todos em folhetim neste quinzenário, com a exceção do drama *Germinal*, assinado por Zé Piteus, que acabaria por ficar incompleto²⁷⁵.

Sobre este texto Peralta Garcia diz-nos o seguinte:

[...] o jornal inclui “Germinal”, assinada por Zé Piteus, que apareceu na quinta coluna da quarta página. Trata-se de uma comédia de propaganda social em dois actos, que narra as pressões que os operários sofrem durante a época das eleições por parte do poder político e da Igreja. O autor fazia intervir nela nove personagens, todos varões: dois operários, João e Luís, o Dr. Camacho, político, José Maria, regedor, o padre António, o chefe do comissariado da polícia e três polícias. Publicar-se-iam cinco cenas do primeiro acto durante quatro números, a partir do qual se suspendeu a publicação²⁷⁶.

A mesma autora refere que é em 1912 que começam a aparecer na imprensa socialista da região do Porto os primeiros textos dramáticos, sendo *A Luz do Operário* um dos primeiros jornais onde tal sucede com a publicação de *Pedro o Tecelão*, da autoria de António Augusto da Silva, que terá sido um dos autores que mais se destacou no teatro socialista do Porto²⁷⁷.

Mas a verdade é que *A Luz do Operário* já antes desta data tinha publicado outros textos dramáticos e o que poderá ter induzido a autora em erro foi a cronologia por ela estudada, ou seja, o período da 1ª República. O primeiro texto dramático publicado neste jornal foi *A Envenenadora*, de Diogo P. Reis, que se iniciou em 1904²⁷⁸. O segundo foi *Aos Leitores*, uma edição a cargo dos estudantes de Coimbra, que se iniciou em Agosto de 1906²⁷⁹.

No entanto, só cinco anos mais tarde vai ser possível encontrar um novo texto dramático aqui publicado, a *Scena Intíma*, da autoria de Gervásio Lobato²⁸⁰, seguindo-se então os dois textos inicialmente referidos, *Germinal* e *Pedro, o Tecelão*.

Sobre este último, a autora acima citada diz o seguinte:

²⁷⁵ *A Luz do Operário*, n.º 498, 31 de março de 1912.

²⁷⁶ PERALTA GARCIA, 2002: 50.

²⁷⁷ PERALTA GARCIA, 2002: 49.

²⁷⁸ Não podemos ser mais precisos, porque, como afirmamos anteriormente, entre março de 1901 e março de 1905, não tivemos acesso a este quinzenário.

²⁷⁹ *A Luz do Operário*, n.º 352, 26 de agosto de 1906.

²⁸⁰ *A Luz do Operário*, n.º 488, 12 de novembro de 1911.

Durante quase um ano, os leitores puderam seguir as peripécias de Pedro, um tecelão que professa o ideal socialista e que é enviado para a prisão quando consegue frustrar os planos do abade, que pretende manter relações ilícitas com a filha. A esta tragédia, escrita segundo o modelo do drama social e adaptada ideologicamente para o público socialista, como defendia Ernesto da Silva, não lhe falta nada: o assédio sofrido pelas mulheres e a influência dos padres entre a população feminina, a solidariedade dos operários e a vingança privada²⁸¹.

Outra razão que poderá ter levado a autora a considerar *Germinal* e *Pedro, o Tecelão* os primeiros textos dramáticos publicados será o facto de estes serem os primeiros textos que obedecem aos cânones do teatro socialista em todos os parâmetros, já que os textos anteriores criticavam essencialmente a Igreja e os párocos.

Para além destes três géneros literários, o jornal criou, em 1905, uma secção dedicada à Literatura Revolucionária. Porém, nessa secção só seria publicado um texto, *Cartas de uma Nihilista*²⁸², com início a 21 de maio de 1905²⁸³, estendendo-se a sua publicação por pouco mais de ano, terminando a 9 de setembro do ano seguinte²⁸⁴.

Podemos ainda encontrar publicados na secção literária deste quinzenário gaiense outros textos ideológicos, como é o caso de *O Capital*, de José Macedo²⁸⁵, e mesmo textos legislativos, como o regulamento para o trabalho dos menores e das mulheres²⁸⁶, a carta de lei de 2 de Julho de 1867, pela qual eram regidas as sociedades cooperativas²⁸⁷, o regulamento da nova lei que regia as Associações de Socorros Mútuos²⁸⁸, o regulamento do registo civil²⁸⁹, as leis que regiam os tribunais árbitros de avindores²⁹⁰, a lei dos acidentes de trabalho²⁹¹, ou seja, de uma forma geral podemos aqui encontrar as leis e normas que interessavam aos operários e às suas associações.

Podemos também encontrar biografias, como é o caso da do Príncipe *Kropotkine*²⁹², e apontamentos históricos anónimos, como *A tomada da Bastilha*²⁹³.

²⁸¹ PERALTA GARCIA, 2002: 49.

²⁸² Traduzidas da edição francesa *Lettres d'une nihiliste* (1880), de Alexandra.

²⁸³ *A Luz do Operário*, n.º 319, 21 de maio de 1905.

²⁸⁴ *A Luz do Operário*, n.º 353, 9 de setembro de 1906.

²⁸⁵ *A Luz do Operário*, n.º 44, 4 de novembro de 1894.

²⁸⁶ *A Luz do Operário*, n.º 5, 7 de maio de 1893.

²⁸⁷ *A Luz do Operário*, n.º 56, 21 de abril de 1895.

²⁸⁸ *A Luz do Operário*, n.º 97, 15 de novembro de 1896.

²⁸⁹ *A Luz do Operário*, n.º 129, 6 de fevereiro de 1898.

²⁹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 416, 7 de fevereiro de 1909.

²⁹¹ *A Luz do Operário*, n.º 541, 30 de novembro de 1913.

²⁹² *A Luz do Operário*, n.º 181, 4 de fevereiro de 1900.

²⁹³ *A Luz do Operário*, n.º 441, 23 de janeiro de 1910.

Para além dos textos já referidos, era muito vulgar encontrar nestas páginas diversas frases de escritores e grandes pensadores, como Balzac e Karl Marx, entre outros...

A publicidade a obras e a coleções era também muito vulgar. Aqui poderemos encontrar publicidade a romances como *A Viúva Milionária*, de Émile Richebourg²⁹⁴, *O Assassino do Banqueiro*, obra que inicialmente foi publicada em folhetim no jornal *A Província*²⁹⁵, o romance *Fidalgos e Plebeus*, da autoria de Paul Kock²⁹⁶, e *Germinal*, de Émile Zola²⁹⁷, entre outros.

O jornal inseria igualmente publicidade a publicações de grupos anarquistas e de livros de pendor ideológico, como *O Salariato*, de Kropotkine, publicado pela Biblioteca Anarquista de Lisboa²⁹⁸, *Questões Sociais*, de Costa Goodolfin²⁹⁹, a Biblioteca do Grupo Anarquista Revolução Social, do Porto, constituída pelas obras *Anarchia na Evolução Socialista* e *O Governo Revolucionário*, ambas da autoria de Kropotkine, as obras de Hugh O. Pentecost, *O Crime de Chicago* e *Os Martyres do Porvir*, e, por fim, a obra *A Evolução Anarchista em Portugal*, de Gonçalves Viana³⁰⁰, ou *A Burla Capitalista*, da autoria de Ladislau Batalha³⁰¹.

Os textos dramáticos também aqui mereceram algum destaque, como é exemplo da publicidade ao catálogo de textos dramáticos da Imprensa Civilização³⁰².

Mereceram ainda destaque algumas revistas, jornais e almanaques, assim como algumas publicações de História, dicionários, enciclopédias e atlas, como são os casos da *História da Revolta do Porto*, escrita por João Chagas e pelo ex-tenente Coelho, sobre a revolta republicana do 31 de Janeiro³⁰³, a *História Socialista*, escrita pelo francês Jean Jaurés e traduzida por Elisa de Menezes³⁰⁴, ou ainda o *Atlas de Portugal e Colónias, descritivo e ilustrado*³⁰⁵.

²⁹⁴ *A Luz do Operário*, n.º 4, 23 de abril de 1893.

²⁹⁵ *A Luz do Operário*, n.º 46, 2 de dezembro de 1894.

²⁹⁶ *A Luz do Operário*, n.º 143, 17 de agosto de 1898.

²⁹⁷ *A Luz do Operário*, n.º 177, 10 de dezembro de 1899.

²⁹⁸ *A Luz do Operário*, n.º 14, 10 de setembro de 1893.

²⁹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 43, 21 de outubro de 1894.

³⁰⁰ *A Luz do Operário*, n.º 45, 18 de novembro de 1894.

³⁰¹ *A Luz do Operário*, n.º 122, 31 de outubro de 1897.

³⁰² *A Luz do Operário*, n.º 4, 23 de abril de 1893.

³⁰³ *A Luz do Operário*, n.º 207, 2 de fevereiro de 1901.

³⁰⁴ *A Luz do Operário*, n.º 207, 2 de fevereiro de 1901.

³⁰⁵ *A Luz do Operário*, n.º 313, 26 de fevereiro de 1905.

Para o final deixamos a publicidade a duas coleções muito particulares, a primeira a *Biblioteca de Estudos Psicológicos*³⁰⁶ e a segunda a *Biblioteca de La Irradicion*³⁰⁷, esta última espanhola.

Estas bibliotecas têm em comum o facto de ambas abordarem o espiritismo, à época visto como uma ciência, daí ser muitas vezes designado por espiritismo experimental. Entendemos que a publicidade a estas coleções fosse uma tentativa de afastar os operários da chamada credence, que, tal como nos afirma uma notícia de 1898, seria muito vulgar por todo o concelho. Nessa notícia, chama-se a atenção do administrador do concelho, afirmando-se que «vagueiam por este concelho uma cafila de intrujões que se empregam no mister de fazer rezas e feitiços»³⁰⁸.

Finda esta exposição, poderemos falar numa literatura operária?

De facto, podemos considerar alguns textos como tendo uma conotação operária, tendo em conta os seus temas, mas a verdade é que na sua grande maioria os textos aqui publicados são da autoria de alguns dos mais reconhecidos escritores portugueses e mesmo estrangeiros e enquadrados nas correntes literárias da época. A única exceção que poderíamos aqui considerar seria para os textos dramáticos *Germinal* e *Pedro, o Tecelão*, mas a verdade é que estes se enquadravam dentro do estilo do teatro socialista, sendo os únicos de que temos informação, o que mostra que uma hipotética literatura operária estava a começar a dar os primeiros passos na fase final do período cronológico por nós abordado.

A poesia também foi o género literário de eleição neste quinzenário operário, porque, tal como hoje, era vista como uma arma, mas como já afirmámos em capítulo anterior, era o género literário preferido dos portugueses.

³⁰⁶ A *Luz do Operário*, n.º 62, 14 de julho de 1895.

³⁰⁷ A *Luz do Operário*, n.º 63, 28 de julho de 1895.

³⁰⁸ A *Luz do Operário*, n.º 129, 6 de fevereiro de 1898.

4. O lazer operário

Os divertimentos

Onde haverá um baile? Onde haverá uma rifa? Onde haverá uma romaria? Finalmente, onde haverá qualquer divertimento onde se possa saciar os nossos desejos na folia.

(A Luz do Operário, n.º 529, 15 de junho de 1913)

Como referimos anteriormente, também em Gaia se assumia o domingo como o dia sagrado para a classe operária. Fernando Almeida diz que, no caso do operariado lisbonense, o domingo seria o dia de ir às hortas e às touradas. O operariado gaiense, na maioria dos casos e ao contrário do que sucedia em Lisboa, não residia no centro urbano da vila, mas sim nas freguesias rurais³⁰⁹, o que originava uma deslocação normal ao fim de semana para os operários recolherem às zonas rurais, ou então, como se dizia em Lisboa, às hortas, embora, no caso de Lisboa, o ir às hortas significasse um momento de lazer.

No que diz respeito às touradas, a fonte por nós consultada não nos fornece informação substancial. No entanto, temos uma notícia do ano de 1905 que se revela contrária à sua realização. Surge como crítica a uma série de notícias que circulavam nos jornais diários acerca das touradas estarem a ser desinteressantes, considerando que o público que pagava devia ser «bem servido». O redator de *A Luz do Operário* comentava, a propósito dessas notícias: «parece bem mais acertado é que se faça uma activa propaganda para que se ponha de parte tão bárbaro divertimento indigno do seculo que atravessamos, e o público ficará bem servido sem pagar, porque de resto as touradas não passam de uma luta sangrenta que tem custado bastantes victimas»³¹⁰.

A questão que se coloca então é se em Vila Nova de Gaia existiria uma tradição

³⁰⁹ Segundo a análise do censo de 1911, a distribuição da população pelo concelho de Vila Nova de Gaia seria a seguinte: 73% da população vivia nas freguesias rurais e 27% nas freguesias urbanas (Santa Marinha e Mafamude). Se confrontarmos estes valores com números anteriormente apresentados para aquele ano, verificamos que a percentagem da população residente nas freguesias urbanas é bastante inferior aos 48% apresentados como trabalhadores da indústria. Outro argumento prende-se com a distribuição geográfica das cooperativas no concelho de Vila Nova de Gaia. Nas freguesias rurais temos referências a cooperativas em Oliveira do Douro, Vilar do Paraíso, Avintes, Chamorra (Valadares), Pedroso (Carvalhos), Serzedo, Guetim e Grijó, sendo estas referenciadas como advogando os princípios socialistas. Cf. também COSTA, 1979: 77.

³¹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 318, 7 de maio de 1905.

tauromáquica e se a classe operária aderira ao espetáculo, tal como Fernando Almeida nos apontou para o caso do operariado lisbonense.

À primeira parte da questão, podemos responder que, de facto, nos finais de Oitocentos e inícios de Novecentos, a tauromaquia era uma tradição instalada em Vila Nova de Gaia, como aliás na região do Grande Porto.

Segundo Carla Amorim Teixeira, terão existido pelo menos duas praças de touros em Vila Nova de Gaia, ambas na Serra do Pilar, a primeira terá durado cerca de seis anos, entre 1888 e 1894, e a segunda terá sido inaugurada em 1902³¹¹. Gonçalves Guimarães diz-nos que, apesar de ambas se situarem no lugar da Serra do Pilar, tinham localizações diferentes, sendo a primeira localizada na Quinta do Vintém, junto ao Morro, e a segunda no campo de manobras³¹².

Porém, a tradição tauromáquica no concelho de Vila Nova de Gaia não se ficava por aqui. Em 1890, temos conhecimento, através do *Jornal dos Carvalhos*, de uma corrida de touros inserida nos festejos do Senhor do Calvário, no lugar do Curro, em Canelas³¹³.

Sobre esta tourada, Gonçalves Guimarães refere o seguinte: «Dos sete touros de mau porte para cavalo só foram lidados dois, por Eduardo Cristino, que a custo cravou um ferro no primeiro, e pelo visconde de Pereira Machado que nele também cravou quatro ferros primorosamente postos, sendo depois pegado de caras por Alberto de Magalhães Costa»³¹⁴.

Outro aspeto que demonstra a tradição tauromáquica do concelho está na toponímia. Como anteriormente foi referido, a tourada realizou-se em Canelas, no lugar do Curro, que, segundo Barbosa da Costa, toponimicamente deriva do castelhano «corro», que está relacionado com o local onde se recolhe o gado, e segundo o mesmo a primeira referência a este local com esta designação era já de 1320³¹⁵.

Quanto à participação do operariado gaiense nas touradas, a resposta a esta questão é um pouco ambígua. Para os primeiros exemplos referidos, os casos das praças da Serra do Pilar, é possível que não, porque as touradas aí organizadas teriam preços elevados³¹⁶ e muito acima das possibilidades económicas do simples operário.

No segundo exemplo, o caso é diferente, basta o facto de essa tourada estar

³¹¹ TEIXEIRA, 2002a: 25.

³¹² GUIMARÃES, 2002: 40.

³¹³ *Jornal dos Carvalhos*, n.º 47, 29 de junho de 1890.

³¹⁴ GUIMARÃES, 2002: 42.

³¹⁵ COSTA, 1980: 84.

³¹⁶ Acerca deste assunto ver: TEIXEIRA, 2002b: 54.

inserida numa romaria para se perceber que teria um carácter mais popular, sendo os toureiros certamente amadores. Quem toureava a cavalo seria gente nobre e rica, mas a principal questão que aqui se poderia colocar seria o facto de nesta ter acontecido, aliás como seria normal também nas touradas da região³¹⁷, uma pega, desfazendo o mito de se circunscrever esta tradição à região do Ribatejo. Esta questão importa porque abre a porta à possibilidade das classes populares participarem diretamente neste espetáculo, sendo uma forma de estes mostrarem a sua força e coragem, sendo uma oportunidade destes se distinguirem dos seus pares. Esta força e coragem certamente seriam muitas vezes despoletadas pelos excessos do valioso néctar dos Deuses, o vinho.

Por esta época era também introduzido o desporto no concelho e este pode ter sido um dos fatores que contribuiu para o decréscimo da popularidade dos espetáculos tauromáquicos em Vila Nova de Gaia.

Na década de noventa de Oitocentos, o desporto predileto dos gaienses, tal como dos portuenses³¹⁸, parece ter sido o ciclismo, já que foram construídos dois velódromos no concelho, o primeiro no lugar das Devesas, inaugurado em 1895³¹⁹, sendo o segundo, o velódromo Luís Felipe no lugar da Serra do Pilar, inaugurado em 1897³²⁰.

A questão que aqui se coloca é se a classe operária estaria presente no desporto, já que este começou por ser praticado quase exclusivamente pelas classes mais abastadas. A verdade é que tudo indica que sim, por estes anos ainda não como praticante, mas sim como entusiasta, situação que viria a mudar com o avançar do século XX, quando se dá uma democratização do desporto, embora esta, para o caso gaiense, aconteça já fora do período cronológico aqui abordado.

As notícias acerca da atividade desportiva não abundam no jornal *A Luz do Operário*, não por falta da sua realização, mas sim porque a direção do jornal entendia que não era esse o fim a que se dedicava, como nos comprova uma correspondência de Faro que relatava o seguinte: «Não é proprio de jornaes da indole de “A Luz do Operário” este noticiário, mas achamos do mais salutar effeito a divulgação d'estes divertimentos, a fim de que sirva de incentivo áquelles que passam o dia nas tavernas, matando o corpo e o espirito, para que as deixem de frequentar e vão para o campo ou para o mar onde se

³¹⁷ Sobre as touradas de amadores, cf. BASTO, 1952: 129-131; PEREIRA, 1970: 147-150.

³¹⁸ Cf. PARREIRÃO, 1990: 383-388; FERREIRA, 2001: 56-61.

³¹⁹ CORREIA, 2010: 104.

³²⁰ *A Luz do Operário*, n.º 117, 22 de agosto de 1897.

robustecem com ar puro e sadio»³²¹. Este excerto demonstra que no meio operário existia já uma corrente que defendia a atividade desportiva, inserida talvez na discussão nacional que se arrastava havia já alguns anos, considerando que este seria o meio para a «salvação da raça», num país que estava afundado num forte sentimento decadentista e que atravessava uma forte crise social, política e cultural. No entanto, entendemos que esta corrente no seio do movimento operário, pelo menos no caso de Gaia, seria ainda minoritária.

Um desporto praticado pelos operários gaienses nesta época seria o jogo do pau, embora este fosse ainda visto como um jogo tradicional, havendo a informação de que, no intervalo de um baile no salão popular de Santo Ovídio, terá havido uma demonstração deste jogo, o que nos faz pensar que este começava já a ser encarado como um desporto. A verdade é que, anos mais tarde, em 1931, surgiu uma secção a ele dedicada no Ginásio Clube de Mafamude³²².

Um tipo de entretenimento que parecia mais comum por estes anos era constituído pelas quermesses. Estas geralmente eram organizadas por várias associações operárias, que pediam aos seus associados mais «folgados» para doarem algumas prendas para posteriormente serem vendidas, revertendo os lucros em favor da associação organizadora, sendo, para além de um divertimento, uma forma de angariarem alguns fundos. Geralmente decorriam ao domingo à tarde. Sobre algumas delas temos referências de que, para além da venda, seriam animadas por bandas musicais, de forma a atrair mais visitantes, como é o exemplo de uma quermesse organizada nas Devesas, cujo produto das vendas revertia a favor de uma cooperativa que ali se pensava fundar³²³.

Outro divertimento de que temos referências eram as rifas, como as organizadas no lugar do Americano, em Avintes³²⁴, e no lugar do Outeiro, em Oliveira do Douro, sendo esta última abrilhantada pela Banda Marcial Oliveirense³²⁵. Para além da música, poderiam ter mais divertimentos associados, como sucedeu na rifa organizada em Vilar do Paraíso, que, segundo notícia de *A Luz do Operário*, teria mais divertimentos associados, como «prémios para melhor dança, chulata, um carneiro ao alvo, prémios de pucaros e corridas de sacos, entre outros...»³²⁶. Como último exemplo, podemos referir o

³²¹ *A Luz do Operário*, n.º 323, 16 de julho de 1905.

³²² SILVA, 1984: 28 e 29.

³²³ *A Luz do Operário*, n.º 55, 7 de abril de 1895.

³²⁴ *A Luz do Operário*, n.º 18, 5 de novembro de 1893.

³²⁵ *A Luz do Operário*, n.º 62, 14 de julho de 1895.

³²⁶ *A Luz do Operário*, n.º 81, 5 de abril de 1896.

da rifa organizada no lugar da Formigosa, em Oliveira do Douro, que foi abrilhantada pela Troupe Musical Valboense, e cuja receita reverteu a favor do Gabinete Operário Social Oliveirense³²⁷. Esta foi a última referência que encontramos no jornal sobre a organização de uma rifa. No entanto, estas certamente continuaram a realizar-se e seriam mesmo um dos divertimentos prediletos da classe operária, como nos comprova o excerto colocado em epígrafe no início deste capítulo.

Uma constante por estes anos era a organização dos designados espetáculos, que eram constituídos geralmente pela representação de peças teatrais, recitação de poemas e momentos musicais. Os espetáculos noticiados em *A Luz do Operário* eram geralmente de cariz humanitário, ou que revertiam em favor dos cofres das associações que os organizavam³²⁸.

Em cada espetáculo eram apresentadas por norma dois tipos de peças teatrais, sendo representado um drama social e em seguida uma comédia, para além de diversos monólogos, como são exemplos os espetáculos noticiados a 10 de janeiro de 1897 e a 11 de julho de 1897. No primeiro exemplo, foi representado o drama *O Grumete* e a comédia *O noivo de Alcanhões*³²⁹ e, no segundo, foi representado o drama *Leonardo, pescador* e a comédia *Sinos de Corneville*³³⁰.

Estes espetáculos decorriam muitas vezes em pequenos espaços alugados, muitos deles sem grandes condições. Dos que temos notícias, como podemos observar na tabela em anexo, destacava-se claramente o teatro popular de Santo Ovídio, que, para além destes, acolheria diversos bailes, tratando-se possivelmente de uma sala com baixo custo de aluguer.

Estes espetáculos nem sempre seriam lucrativos, como nos é noticiado a 30 de maio de 1897, em que o espetáculo que revertia em favor de A. Verdial foi um autêntico «fiasco», sendo muito baixa a afluência de público, escrevendo o autor da notícia que, se este fosse em favor de uma instituição de caridade duvidosa, a classe burguesa teria aderido em massa³³¹. Uma outra questão prendia-se com o facto de em grande parte das vezes os bilhetes para espetáculos não serem pagos antecipadamente, o que obrigava em

³²⁷ *A Luz do Operário*, n.º 166, 9 de julho de 1899.

³²⁸ Ver anexo 15.

³²⁹ *A Luz do Operário*, n.º 101, 10 de janeiro de 1897.

³³⁰ *A Luz do Operário*, n.º 114, 11 de julho de 1897.

³³¹ *A Luz do Operário*, n.º 111, 30 de maio de 1897.

algumas situações os organizadores a perseguirem os devedores³³², e certamente em alguns casos a ficarem sem o dinheiro dos bilhetes.

O teatro seria um dos divertimentos mais defendidos pelos operários intelectualizados, que frequentemente o enalteciam, assim como os grupos de teatro amador, vistos como um meio para retirar os operários do «lôdo das tabernas d'envolto com a bisca, onde muitas vezes a navalha ou o cacete são o epilogo d'aquelle vicio»³³³.

Um outro entretenimento seria constituído pelos bailes. Sobre estes temos algumas notícias que nos relatam a sua realização, embora estas se referissem aos organizados por associações operárias, ou aos organizados por grupos de associados para obterem receitas em favor dos cofres das suas associações, como o organizado em favor da Escola Prática Oratória e Instrutiva Operária de Mafamude³³⁴. Por vezes, também assumiam um cariz benemérito, tal como acontecia com certos espetáculos, como foi o caso do baile que decorreu a 24 de outubro de 1897, no Salão Popular de Santo Ovídio, cuja receita reverteu a favor do operário César António da Silva³³⁵.

No entanto, os bailes não seriam consensuais no seio dos operários intelectualizados, como nos comprova um artigo de 21 de janeiro de 1900, onde se pode atestar tal conclusão. Temos assim conhecimento de que os bailes abundavam na vila³³⁶, podendo concluir-se que seriam uma forma de lazer por excelência. Porém, as críticas que lhes faziam os intelectuais operários era mordaz, como demonstra o seguinte excerto:

A irracionalidade dos bailes é excitante e estimula os corações generosos dos chefes de família. Pois quantas vezes os seus corações estão exasperados por vêrem os filhos e filhas n'esses antros hediondos e estupendos, onde brota a divergencia devida ao ciúme e á prostituição! [...]

Que aversão!

A quem compete, pedimos para banir a continuação de tão repelentes scenas.

O contacto deleterio dos bailes rouba a virgindade ás filhas do povo, atirando-as criminosamente á fossa immunda do abysmo!³³⁷.

³³² *A Luz do Operário*, n.º 89, 26 de julho de 1896; acerca de como era feito o apuro das receitas, ver anexo 16.

³³³ *A Luz do Operário*, n.º 64, 11 de agosto de 1895.

³³⁴ *A Luz do Operário*, n.º 103, 7 de fevereiro de 1897.

³³⁵ *A Luz do Operário*, n.º 121, 17 de outubro de 1897.

³³⁶ *A Luz do Operário*, n.º 180, 21 de janeiro de 1900.

³³⁷ *A Luz do Operário*, n.º 180, 21 de janeiro de 1900.

Mas será que esta crítica abrangia todo o tipo de bailes? Deduzimos que não, ou melhor, a resposta a esta questão é um pouco ambígua. Certamente que não abrangeria os primeiros bailes a que fizemos referência, até porque estes seriam organizados por instituições operárias. Aqueles a que se refere o autor da notícia seriam os bailes particulares, onde o que interessava era o negócio, até porque, na continuação da mesma notícia que acima transcrevemos, o articulista desejava que «o povo em vez de ir para os bailes, fosse para as instituições operárias ouvir a voz suave dos seus companheiros, encontraria diplopia e não perturbação»³³⁸. Neste caso, podemos considerar a hipótese de as associações operárias organizarem bailes com o intuito de atraírem ao seu seio um maior número de operários.

Uma época em que proliferava este tipo de entretenimento era o carnaval, quando os bailes assumiam um carácter especial. Na fonte explorada encontra-se essencialmente informação para esta época festiva no ano de 1897³³⁹.

A 7 de fevereiro é publicitado que na rua General Torres n.º 21, no salão do sr. Trindade, se organizavam bailes de máscaras, sendo a entrada de 80 réis para os homens e grátis para as senhoras³⁴⁰. Este anúncio é, no entanto, uma exceção ao longo dos cerca de 21 anos por nós estudados. Como veremos em seguida, a opinião dos socialistas acerca do carnaval não era a melhor, podendo ser lido em *A Luz do Operário* que «o carnaval, no nosso entender, é um dos costumes mais estúpidos que as gerações passadas podiam inventar»³⁴¹, considerando-a como época de deboche e miséria, de desgraça e pouca vergonha. De miséria porque na maioria dos casos os operários penhoravam ou vendiam os seus melhores objetos para poderem ir mascarados aos bailes, ficando grande parte das vezes sem dinheiro para comer. De desgraça e pouca vergonha, devido aos exageros que eram vividos durante esta época.

Em 1905, surge nova alusão ao carnaval, neste caso ao cortejo organizado pelo Clube dos Fenianos Portuenses, em que o povo vai ser acusado de se interessar mais por diversão do que por lutar pela sua emancipação³⁴².

Em contrapartida, em 1908, temos a informação de que, em Avintes, o carnaval desse ano seria bastante interessante, saindo um cortejo onde desfilaria um carro alegórico

³³⁸ *A Luz do Operário*, n.º 180, 21 de janeiro de 1900.

³³⁹ Ver no anexo 17, cartaz de publicidade a um baile de máscaras da segunda década do século XX.

³⁴⁰ *A Luz do Operário*, n.º 103, 7 de fevereiro de 1897.

³⁴¹ *A Luz do Operário*, n.º 54, 24 de março de 1895.

³⁴² *A Luz do Operário*, n.º 314, 12 de março de 1905.

a certos acontecimentos que iriam causar certa sensação³⁴³. Certamente que o entusiasmo demonstrado neste quinzenário socialista por este carro alegórico estaria relacionado com o facto de este representar uma forma de intervenção social, daí o destaque dado ao carnaval desse ano em Avintes e ao dito carro.

Este conjunto de informações leva-nos a verificar que o carnaval seria uma época vivida com grande intensidade pela classe operária, em que seriam cometidos muitos excessos, pois só assim se consegue entender as críticas mordazes que são feitas aos operários e aos seus divertimentos por um jornal operário, já que uma das funções que este se atribuía era instruir e acima de tudo educar o povo.

Uma outra época festiva que certamente seria festejada pela classe operária seria a passagem de ano, época em que os bailes também abundariam, porque, como nos nossos dias, a mudança de ano seria encarada com a esperança de se abrir um novo ciclo. As informações acerca desta época são escassas, a não ser para o ano de 1907, em que a Troupe Musical Lira de Prata teria organizado um baile no Salão Popular de Santo Ovídio³⁴⁴.

No entanto, as principais épocas festivas do ano eram o Natal e a Páscoa, o que demonstra ainda uma forte presença da religião entre os operários.

Sobre o Natal, a 17 de dezembro de 1893 podia ler-se nas páginas do quinzenário socialista que era neste dia que os pobres operários costumavam ter acesso a uma mesa mais farta. Porém, o autor da notícia faz alusão a uma velha tradição que comprometia a ceia de natal dos mais desfavorecidos³⁴⁵. A tradição de que o autor falava era a dos pobres operários presentear os seus mestres e capatazes durante esta época festiva. *A Luz do Operário* vai estabelecer uma acérrima luta contra este velho costume durante todo o período estudado.

As associações operárias também se preocupavam com as famílias mais necessitadas no Natal, como acontecia com a Cooperativa Oliveirense, que, no seu período áureo, festejava os seus aniversários, próximos daquela época, distribuindo um cabaz pelos mais necessitados³⁴⁶. Quem também se preocupava com os operários eram alguns industriais, que davam a consoada aos seus operários, normalmente tendo em

³⁴³ *A Luz do Operário*, n.º 416, 7 de fevereiro de 1908.

³⁴⁴ *A Luz do Operário*, n.º 387, 29 de dezembro de 1907.

³⁴⁵ *A Luz do Operário*, n.º 21, 17 de dezembro de 1893.

³⁴⁶ *A Luz do operário*, n.º 177, 10 de dezembro de 1899; o período áureo das cooperativas em Vila Nova de Gaia foi a última década do século XIX.

conta o número de anos que o operário trabalhava para a empresa³⁴⁷.

Para os socialistas, o Natal seria a época festiva do ano em que as diferenças sociais mais se evidenciavam, sendo dia de festa para os mais abastados a quem nunca nada faltava, mas de lágrimas para os operários mais pobres, que em muitos casos não tinham nada para pôr na mesa na noite da ceia³⁴⁸.

Tal como o Natal, a Páscoa era também motivo de contestação por parte dos socialistas, devido ao velho costume de presentear mestres e capatazes com prendas³⁴⁹.

No caso da Páscoa, para além deste problema, existiriam ainda mais dois, aos quais os operários socialistas se opunham: o primeiro era a confissão ou desobriga, que, segundo os mesmos, servia para encher os bolsos aos padres, que obrigavam os pobres operários a jejuar obrigatoriamente, tomando esta situação maior repercussão nas freguesias rurais³⁵⁰, sendo este um ato dos que mais poder dava à Igreja³⁵¹; outra questão prendia-se com o facto de grande parte da indústria durante a semana santa só trabalhar durante três dias, o que constituía um rude golpe no salário dos pobres operários³⁵².

A festa dos Reis, também não passaria despercebida aos operários gaienses, havendo informação de grupos de reiseiros, que, passando esta época, continuavam a cantar e a representar como forma de ocupar os seus tempos livres³⁵³.

As romarias também se assumiam como dias de grande festividade para os operários. Numa descrição de Vila Nova de Gaia de 1909, era claro que «não podia faltar-lhe a romaria, ou ella não fosse um trecho de Portugal, o país das romarias e das procissões»³⁵⁴.

Em finais do século XIX e inícios do século XX, destacavam-se essencialmente três romarias «que o Porto adoptou e a que nunca falta: a do Senhor da Pedra, a da Senhora do Pilar e a Senhora da Saúde (Carvalhos)»³⁵⁵. Nestas estavam representadas todas as classes sociais, desde «a costureirinha portuense e o estudante, o caixeiro, o operario, o patrão e toda a população rural das vinte e tres freguezias de Villa Nova»³⁵⁶. Nestas

³⁴⁷ *A Luz do Operário*, n.º 181, 4 de fevereiro de 1900.

³⁴⁸ *A Luz do Operário*, n.º 178, 24 de dezembro de 1899.

³⁴⁹ *A Luz do Operário*, n.º 2, 26 de março de 1893.

³⁵⁰ *A Luz do Operário*, n.º 106, 21 de março de 1897.

³⁵¹ *A Luz do Operário*, n.º 159, 2 de abril de 1899.

³⁵² *A Luz do Operário*, n.º 3, 9 de abril de 1893.

³⁵³ *A Luz do Operário*, n.º 168, 6 de agosto de 1899.

³⁵⁴ LEITÃO, 1909: 60.

³⁵⁵ LEITÃO, 1909: 66.

³⁵⁶ LEITÃO, 1909: 67.

romarias, os principais divertimentos seriam as danças de roda, as corridas de cavalos e o típico merendeiro português³⁵⁷. Para além destes, haveria certamente os sítios de jogo, onde seria possível encontrar bilhares chineses e ainda as famosas roletas, mas este assunto será abordado posteriormente, assim como os excessos no consumo de bebidas alcoólicas.

Como já referimos, Portugal era um país de romarias e, obviamente, para além destas três, existiriam outras no concelho gaiense. Mas o que interessa agora é o porquê de os dirigentes operários serem contra a sua organização, sendo elas ainda hoje bastante comuns em Portugal.

Para lá dos citados problemas do jogo e do excesso de álcool consumido nestes dias, o que mais preocupava estes operários intelectualizados era o facto de estas serem organizadas com o dinheiro do povo. É com esta perspetiva que vamos encontrar algumas referências contra as romarias na fonte estudada. Por exemplo, a 24 de janeiro de 1897, o jornal tece uma crítica feroz aos barqueiros do lugar de Gaia por estes se preocuparem mais com o levar a cabeça do S. Gonçalo até à igreja de Mafamude do que participarem na organização da sua associação de classe, que os ajudaria a reivindicarem os seus direitos³⁵⁸. Neste mesmo ano, uma outra crítica dirigia-se a um grupo de operários do Candal, por estes estarem a pensar organizar uma romaria, acusando-os o autor da notícia de que com isto eles nada ganharem, pelo contrário só iam perder tempo e dinheiro³⁵⁹.

No ano de 1898, surgem novas críticas, agora ao número excessivo de romarias numa época de grandes dificuldades económicas, quando os operários mal tinham dinheiro para comer mas continuavam a contribuir para as festas³⁶⁰.

Porém, a crítica mais feroz feita à classe operária surge já no século XX, mais precisamente em 1905, considerando o autor da notícia que «um povo, como o nosso, moralmente enfermo, está virtualmente morto. Um povo que se deixa levar por todas as festas, quer ellas sejam reaccionarias, quer ellas se digam emancipadoras, tem já corpo e alma entregue à voracidade dos vermes»³⁶¹.

Um momento que também mobilizava aos domingos a população operária seria a ascensão de balões. Mais uma vez, a fonte utilizada é parca em informação para a temática

³⁵⁷ LEITÃO, 1909: 67.

³⁵⁸ *A Luz do Operário*, n.º 102, 24 de janeiro de 1897.

³⁵⁹ *A Luz do Operário*, n.º 110, 16 de maio de 1897.

³⁶⁰ *A Luz do Operário*, n.º 141, 24 de julho de 1898.

³⁶¹ *A Luz do Operário*, n.º 324, 30 de julho de 1905; ver a notícia completa no anexo 18.

em causa. Mesmo assim, dá-nos a informação de uma ascensão que se realizou no lugar do Outeiro, em Oliveira do Douro, onde, ao que parece, esteve presente bastante público³⁶².

A verdade é que é impossível falar na história do balonismo em Portugal sem falar em Vila Nova de Gaia, ou não fossem os primeiros balonistas portugueses naturais e residentes neste concelho³⁶³.

Por esta época, a aeronáutica era uma novidade, o que fazia atrair bastante público às suas manifestações. As ascensões na região do Porto tinham como ponto de partida os jardins do Palácio de Cristal ou a já citada praça de touros da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia. Aliás, a primeira ascensão capitaneada por um português aconteceu mesmo na Serra do Pilar no ano de 1903, dirigida por Belchior Fernandes da Fonseca, farmacêutico em Vila Nova de Gaia³⁶⁴.

Tal como acontecia com as touradas, também este espetáculo era pago, o que suscita a mesma pergunta, se a classe operária teria condições financeiras para assistir. Possivelmente não, mas isso não era problema, já que, ao contrário do que aconteceria com as touradas, grande parte deste espetáculo decorria fora da arena, por isso os operários, mesmo não pagando bilhete, só perderiam os primeiros momentos da ascensão. Henriques Mateus, citando um jornal da época, dá-nos informação disso mesmo, que «nas colinas de Vila Nova de Gaia e do Candal, havia cachos de pessoas esperando que o balão mergulhasse na atmosfera, com os aeronautas audaciosos»³⁶⁵, o que nos leva a considerar que uma parte desse público fosse constituída por operários.

Por fim, falta-nos referir três aspetos do lazer operário, sendo que dois deles estão geralmente associados: referimo-nos ao jogo a dinheiro e aos excessos de consumo de bebidas alcoólicas, que vulgarmente aconteciam nas tabernas.

A primeira notícia relacionada com as tabernas é publicada a 4 de junho de 1893, pedindo a intervenção do procurador do concelho contra os abusos praticados até altas horas da madrugada, numa taberna na rua Luís de Camões³⁶⁶. Certamente, os abusos ali praticados estavam relacionados com o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e com os jogos a dinheiro, já que por norma estes decorriam depois do encerramento³⁶⁷.

³⁶² *A Luz do Operário*, n.º 350, 29 de julho 1906.

³⁶³ Sobre esta temática ver: MATEUS, 2009.

³⁶⁴ MATEUS, 2009: 237.

³⁶⁵ MATEUS, 2009: 234.

³⁶⁶ *A Luz do Operário*, n.º 7, 4 de junho de 1893.

³⁶⁷ *A Luz do Operário*, n.º 109, 1 de maio de 1897.

Em 1907, aquando da instauração do descanso semanal obrigatório para os trabalhadores do comércio, temos a informação de que a taberna seria o local onde os operários passavam a maioria dos seus tempos livres. Os redatores de *A Luz do Operário* defendiam que o descanso semanal destes deveria ser ao domingo (nesta época havia uma indefinição de qual seria o melhor dia para os estabelecimentos comerciais fecharem), já que assim os operários não poderiam passar o seu único dia de descanso na taberna e podia ser que assim comesçassem a aderir às reuniões das suas associações de classe, onde eram discutidas questões relevantes para o seu futuro³⁶⁸.

Em 1908, lia-se em *A Luz do Operário* um novo apelo ao administrador do concelho para que interviesse em Oliveira do Douro impedindo que as tabernas estivessem abertas até altas horas da noite aos sábados, já que aí, para além dos problemas associados ao consumo de álcool, também se jogava a dinheiro pela noite dentro³⁶⁹.

No ano de 1909, era discutido o problema do alcoolismo e posterior miséria provocada por esta situação. Nas páginas de *A Luz do Operário*, o autor da notícia afirmava que todas as políticas criadas pelo governo para terminar com a dependência das bebidas alcoólicas e posterior miséria falhariam sempre, já que o problema não era provocado pelo alcoolismo, mas o que a ele levava era a miséria em que a classe operária vivia, e que só a pensar assim o governo poderia pôr fim a este cancro que estava a consumir a população urbana, em especial a classe operária³⁷⁰.

No entanto, o jogo parecia ser um motivo de maior preocupação do que a taberna, a julgar pelo manancial de informação isolada que temos.

A 1 de julho de 1894, podia ler-se nas páginas do quinzenário gaiense que o jogo era uma constante na vila e nas freguesias rurais, situação esta que se agravava com as romarias, onde não faltavam as roletas e os bilhares chineses, chegando ao ponto de até as crianças, quando arranjavam algum dinheiro, irem jogar³⁷¹.

Os apelos ao administrador do concelho eram contínuos, como é exemplo o pedido para fechar uma casa de tavolagem, estabelecida na Rua do Pilar³⁷².

Uma notícia curiosa, que à partida nada tinha a ver com o jogo, foi a publicada a 26 de julho de 1908. O autor começa por referir que irá falar de uma parada agrícola

³⁶⁸ *A Luz do Operário*, n.º 378, 25 de agosto de 1907.

³⁶⁹ *A Luz do Operário*, n.º 390, 9 de fevereiro de 1908.

³⁷⁰ *A Luz do Operário*, n.º 425, 13 de Junho de 1909.

³⁷¹ *A Luz do Operário*, n.º 35, 1 de julho de 1894.

³⁷² *A Luz do Operário*, n.º 369, 21 de abril de 1907.

realizada na Serra do Pilar, mas, no final, acaba por dizer-nos que esta de agrícola nada teve, já que de gado nada tinha, e que o único sítio onde era possível ver aglomeração de público era junto aos barracões onde estavam instaladas roletas e bilhares chineses³⁷³. Esta notícia demonstra que os jogos a dinheiro por esta época estariam por todo o lado e eram de difícil controlo, especialmente os praticados em locais privados. Certamente, foi na tentativa de controlar esta situação que as autoridades gaienses autorizaram nos primeiros anos do século XX a abertura de um casino à entrada da ponte D. Luís, designado por Casino da Ponte, que funcionaria também como restaurante e café³⁷⁴, embora este direcionado para a classe burguesa.

O jogo a dinheiro foi um dos problemas que a Monarquia deixou para a República resolver. Em 1911, quando estavam a ser discutidas reformas para a sua regulamentação, podia ler-se em *A Luz do Operário*:

Regulamentado o jogo fica, de facto, regulamentado o crime, que, mesmo nos tempos da ominosa monarquia, regimen de confusão, suborno e peculato, não era permitido. Nem o povo portuguez, cuja situação economica deixa muito a desejar, consentil-o-hia, sem um movimento de revolta. Não, não póde ser! A Republica de fôrma alguma póde consentir a execução d'uma infamia ignobil e inconcebivel n'uma democracia³⁷⁵.

Como se pode ver neste excerto, o problema da legalização do jogo era ainda um tema tabu para os defensores da classe operária, porque para estes «o homem que se entrega á paixão do jogo, arrasta para si e para os seus os maiores males: assim como aos poucos se despe da sua consciência, até se tornar em verdadeiro “larapio”»³⁷⁶, sendo que assim se afastava do «operário ideal» que os socialistas preconizavam.

Outro divertimento que começou a ganhar expressão nos finais do século XIX foi o excursionismo.

A primeira referência que temos a uma excursão data do ano de 1899, e consistiu numa viagem à cidade de Braga, que tinha como objetivos saudar os companheiros socialistas daquela cidade³⁷⁷. Para esta excursão, a comissão organizadora conseguiu

³⁷³ *A Luz do Operário*, n.º 402, 26 de junho de 1908.

³⁷⁴ Anúncio em *Mea Villa...*, 1909: 101; acerca deste estabelecimento pouco mais se conhece para além da sua existência.

³⁷⁵ *A Luz do Operário*, n.º 482, 20 de agosto de 1911.

³⁷⁶ *O Comércio de Gaia*, n.º 3, 17 de janeiro de 1897.

³⁷⁷ *A Luz do Operário*, n.º 159, 2 de abril de 1899.

negociar com o diretor dos caminhos-de-ferro do Minho e Douro a emissão de bilhetes especiais, vindo esta viagem a concretizar-se a 14 de maio³⁷⁸.

Passado pouco tempo desta viagem e do sucesso que alcançou, o Grupo de Propaganda Fraternidade Operária tentou organizar uma outra a Aveiro³⁷⁹, que, no entanto, não se viria a realizar devido a dificuldades de negociação com o diretor dos caminhos-de-ferro daquela região, apostando então esta associação operária numa viagem a Viana do Castelo³⁸⁰. Ao que tudo indica, esta viria a realizar-se no ano seguinte, sendo dada a informação de que o comportamento de todos os participantes foi exemplar³⁸¹.

A viagem a Braga tornaria a ser repetida, já que em 1900 vamos ter indicação de que no dia 8 de julho se realizaria nova viagem à cidade dos arcebispos³⁸².

Para este mesmo ano temos ainda informação da realização de um passeio fluvial até Crestuma, que decorreu sem grandes incidentes, tirando uma pequena revolta de alguns locais à chegada do barco, que teria sido incitada pelo padre local³⁸³. Apesar das escassas informações, supomos que este tipo de viagens seria normal em Vila Nova de Gaia, já que serviam de recreio e de propaganda, e em Crestuma existia um interessante pólo industrial.

Em 1905, já se teria fundado um grupo excursionista em Vila Nova de Gaia, pois até aí todas as excursões que referimos teriam sido organizadas por associações da cidade do Porto.

Tal como era comum em várias iniciativas operárias, também no excursionismo as receitas revertiam, em alguns casos, para causas beneméritas, como foi o caso da excursão com destino a Coimbra, organizada pelo Grupo Excursionista de Gaia, da qual a receita revertia a favor de uma casa de instrução da Vila³⁸⁴.

No ano de 1906, voltamos a ter referência a uma nova excursão, desta feita a Guimarães, organizada pela Associação de Classe dos Marceneiros do Porto, sendo os bilhetes vendidos em Vila Nova de Gaia, na Cooperativa Oliveirense e na Associação dos Entalhadores do Norte, com sede em Avintes³⁸⁵.

Em 1907, foi noticiada a realização de mais duas excursões, a primeira de barco,

³⁷⁸ *A Luz do Operário*, n.º 160, 16 de abril de 1899.

³⁷⁹ *A Luz do Operário*, n.º 164, 11 de junho de 1899.

³⁸⁰ *A Luz do Operário*, n.º 167, 23 de junho de 1899.

³⁸¹ *A Luz do Operário*, n.º 189, 27 de maio de 1900.

³⁸² *A Luz do Operário*, n.º 192, 8 de julho de 1900.

³⁸³ *A Luz do Operário*, n.º 193, 22 de julho de 1900.

³⁸⁴ *A Luz do Operário*, n.º 322, 2 de julho de 1905.

³⁸⁵ *A Luz do Operário*, n.º 350, 29 de julho de 1906.

rio acima³⁸⁶, e a segunda ao Bussaco, organizada pelo Grupo Gráfico dos 5 do Porto, podendo os bilhetes ser adquiridos em várias instituições operárias gaienses³⁸⁷.

Mas não eram só os operários de Gaia e Porto que viajavam, pois muitas vezes também eram anfitriões, como aconteceu, por exemplo, em 1900, em que a Cooperativa da Serra do Pilar organizou duas sessões solenes em honra de dois grupos que visitavam o Porto e Gaia, sendo o primeiro de Braga e o segundo de Viana do Castelo³⁸⁸. Nestas ocasiões retribuía-se a hospitalidade que os operários de Braga e de Viana do Castelo tinham oferecido aos excursionistas de Gaia e Porto.

As comemorações operárias

Depois de analisadas algumas formas de lazer comuns à maioria das camadas populares e em que os operários também participavam, falta-nos referir as comemorações operárias.

Destacavam-se os festejos do 1.º de Maio que, segundo escritos da época, seria um dia «festivo e luctuoso para a grande massa trabalhadora; festivo porque foi o escolhido pelo obreiro para a sua Emancipação; luctuoso porque vem lembrar esse mar infinito de deserdados que habitam a Terra, os seus irmãos de trabalho assassinados vilmente, cynicamente pela burguesia Norte-Americana».³⁸⁹

Para os socialistas, esta data seria mesmo «o primeiro feriado do calendário»³⁹⁰. Carlos da Fonseca vai mais longe, afirmando que esta comemoração era assumida pelos dirigentes socialistas como uma espécie de Páscoa cristã, já que o 1.º de Maio era entendido por aqueles como um dia de renascimento³⁹¹.

No entanto, ainda segundo Carlos da Fonseca, as celebrações deste dia nunca foram consensuais entre as várias fações defensoras da classe operária, opondo-se quase sempre socialistas a anarquistas e sindicalistas-revolucionários, já que os primeiros encaravam este dia como o da «festa dos trabalhadores» e os outros como uma «jornada de agitação».

³⁸⁶ *A Luz do Operário*, n.º 369, 21 de abril 1907.

³⁸⁷ *A Luz do Operário*, n.º 370, 5 de maio de 1907.

³⁸⁸ *A Luz do Operário*, n.º 195, 19 de agosto de 1900.

³⁸⁹ *A Luz do Operário*, n.º 4, 23 de abril de 1893.

³⁹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 190, 10 de junho de 1900.

³⁹¹ FONSECA, 1990: 12.

Na tentativa de criar uma unificação dos festejos formou-se, em 1892, a União Operária 1.º de Maio, em Lisboa³⁹², que chegou a enviar um representante ao comício da Serra do Pilar, em 1893. Esta é a referência mais antiga que temos à comemoração desta data no concelho de Gaia³⁹³.

Carlos da Fonseca refere-nos que até 1894 os festejos do dia do trabalhador não ultrapassaram os limites das grandes cidades³⁹⁴. Como já vimos, pelo menos desde 1893, o 1.º de Maio já vinha sendo comemorado em Vila Nova de Gaia. A razão para este equívoco do autor pode residir no facto de as comemorações deste dia serem festejadas em conjunto pelas populações operárias de Vila Nova de Gaia e do Porto. A referência mais antiga que temos das comemorações do 1.º de Maio no Porto data de 1890, quando se realizou um importante comício no Monte Aventino, às Antas³⁹⁵. Deduzimos que o que teria motivado os organizadores deste comício a deslocá-lo para a Serra do Pilar, pelo menos a partir de 1893, pode ter sido a adesão dos operários de Vila Nova de Gaia, uma vez que, por motivos geográficos, o Monte Aventino ficava bastante longe para os gaienses. Porém, Carlos da Fonseca não estava totalmente errado, já que o primeiro ano em que uma associação operária gaiense (neste caso, a Associação de Classe dos Tanoeiros de Vila Nova de Gaia) organizou uma sessão solene comemorativa do 1.º de Maio foi em 1894³⁹⁶.

Em 1894, uma facção mais radical do Partido Socialista Português, liderada por Azedo Gneco, criou a Confederação Nacional das Associações de Classe, que festejou o 1.º de Maio com a organização de um congresso, onde foram discutidas as principais premissas reivindicativas a seguir pelos operários no 1.º de Maio daí em diante³⁹⁷.

Neste mesmo ano, organizou-se em Lisboa, pela primeira vez, o cortejo operário. No caso do Porto e de Vila Nova de Gaia, só passados três anos este cortejo viria a acontecer, ou seja, em 1897. As celebrações do 1.º Maio no Porto e em Vila Nova de Gaia desse ano são a prova que as tentativas de união tinham ficado aquém das expectativas, tendo-se verificado uma divisão nos festejos. O motivo da desunião foi a defesa por parte das associações aderentes à União 1º de Maio de um cortejo cívico e, por outro lado, a de um cortejo fluvial, encabeçada pela Associação dos Trabalhadores do Porto. A

³⁹² FONSECA, 1990: 26.

³⁹³ *A Luz do Operário*, n.º 5, 7 de maio de 1893.

³⁹⁴ FONSECA, 1990: 27.

³⁹⁵ *A República*, n.º 14, 2 e maio de 1890.

³⁹⁶ *A Luz do Operário*, n.º 30, 22 de abril de 1894.

³⁹⁷ FONSECA, 1990: 31.

curiosidade entre ambas as manifestações foi o facto de as duas terem o interesse de incorporar os operários gaienses, já que o comício dos primeiros seria na Serra do Pilar e o dos segundos no Areinho, em Oliveira do Douro.

Apesar de não haver referências ao cortejo fluvial, «com phylarmonicas, vapores fretados, cantos, etc...»³⁹⁸, existe a informação que no dia 2 de maio se realizou no Areinho o dito comício organizado pela Associação das Classes Trabalhadoras do Porto³⁹⁹, o que leva a supor que um cortejo fluvial, muito ou pouco imponente, se tenha efetivamente realizado, já que o acesso àquele lugar de Oliveira do Douro seria mais fácil através da via fluvial.

No ano de 1895 existe referência a um piquenique realizado na Serra do Pilar antes do comício, o que seria de esperar, já que os operários da parte da manhã visitariam os cemitérios e não faria sentido voltarem a casa apenas para almoçar. Desta forma, passariam o dia em conjunto, já que na tradição portuguesa era habitual realizar-se um merendeiro em dias festivos. Este merendeiro, segundo *A Luz do Operário*, terá sido bastante concorrido, estando presentes cerca de 100.000 participantes⁴⁰⁰, número que consideramos exagerado e certamente inflacionado pelo autor da notícia, na ânsia de conferir maior grandiosidade ao evento.

No ano de 1896, o principal destaque vai para o facto de, pela primeira vez numa sessão solene em Vila Nova de Gaia, um dos conferencistas ser uma mulher. Esta novidade surgiu na Associação de Classe dos Tanoeiros de Vila Nova de Gaia, onde a operária Rosa da Silva Moreira falou aos seus companheiros dizendo-lhes que estes podiam contar com ela para lutar ao lado deles, apesar da sua condição de mulher⁴⁰¹.

Como já foi referido anteriormente, o ano de 1897 é o primeiro em que há referências à organização de um cortejo cívico na região do Porto e Gaia, participando, por parte de Vila Nova de Gaia, as cooperativas do Marco, Coimbrões e Canidelo, o Grupo Musical Gaiense e os alunos da sua escola, a Troupe Recreio Operário e os operários da oficina Tomás Cardoso entre outros⁴⁰². Comparando estes dados com os de 1901⁴⁰³, verifica-se que este ano se tornará mais associativo, sem as habituais referências

³⁹⁸ *A Luz do Operário*, n.º 110, 15 de maio de 1897.

³⁹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 109, 1 de maio de 1897.

⁴⁰⁰ *A Luz do Operário*, n.º 60, 16 de junho de 1895.

⁴⁰¹ *A Luz do Operário*, n.º 84, 17 de maio de 1896.

⁴⁰² *A Luz do Operário*, n.º 110, 16 de maio de 1897.

⁴⁰³ Ver anexo 19.

a operários em representação de oficinas, mas verificando-se um ligeiro aumento de coletividades operárias gaienses no desfile.

O percurso do cortejo operário em Vila Nova de Gaia manteve-se praticamente igual desde o início até 1904. O cortejo entrava na vila pelo tabuleiro inferior da ponte D. Luís, seguindo pela Avenida Diogo Leite, Rua Direita, Rua Luís de Camões, Rua dos Polacos, Rua Tavares Bastos, terminando no campo de manobras da Serra do Pilar, onde decorreria o comício⁴⁰⁴.

Entretanto, os festejos nesta região começaram a sofrer cada vez mais roturas. No caso de Vila Nova de Gaia, encontra-se uma no ano de 1904, aliás último ano em que se realizou o cortejo cívico na região. Há notícias de que em Avintes se realizou um outro cortejo, onde se fizeram representar cerca de doze agremiações operárias, que no final se dirigiram para a Cooperativa de Oliveira do Douro, onde se realizou uma sessão solene⁴⁰⁵.

Certamente, foi devido a estas deserções que aconteceram em Gaia, mas que já vinham acontecendo no Porto, que, em busca de uma nova união entre a classe operária, em 1905, a União 1.º de Maio do Porto decidiu colocar um ponto final na realização do cortejo cívico, facto que mais uma vez contraria Carlos da Fonseca quando este afirma que os festejos do 1.º de Maio se mantiveram iguais entre 1900 e 1910 na capital e na província⁴⁰⁶.

Um outro motivo que poderá ter levado ao fim do cortejo cívico foi o facto de este se ter tornado um evento anual de carácter festivo, folclórico, político e simbólico, deixando para segundo plano as reivindicações sociais⁴⁰⁷.

A verdade é que, com o fim do cortejo cívico, a participação do operariado gaiense esmoreceu. Esta situação levou a que o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia fundasse em 1907 a União 1.º de Maio de Vila Nova de Gaia, que tinha como principais objetivos dar uma maior imponentia a este dia e terminar com a indiferença que os operários do concelho vinham demonstrando depois de 1904⁴⁰⁸.

No ano de 1908, pode ler-se em *A Luz do Operário* que o 1.º de Maio não perdeu importância, mas que, com o fim do desfile, a comemoração perdeu todo o seu brilho⁴⁰⁹.

⁴⁰⁴ *A Voz Pública*, n.º 3413, 2 de Maio de 1901.

⁴⁰⁵ *A Voz Pública*, n.º 4342, 3 de maio de 1904.

⁴⁰⁶ FONSECA, 1900: 35.

⁴⁰⁷ FONSECA, 1900: 36.

⁴⁰⁸ *A Luz do Operário*, n.º 366, 10 de março de 1907.

⁴⁰⁹ *A Luz do Operário*, n.º 397, 17 de maio de 1908.

Em 1909, os operários de Vila Nova de Gaia deslocaram-se até à Avenida Diogo Leite para receberem os seus camaradas da outra margem, que se deslocavam a esta terra para o comício na Serra do Pilar⁴¹⁰. Neste mesmo ano, a Cooperativa Oliveirense também assinalou esta data com uma sessão solene, mas, à última da hora, um grupo de sócios decidiu também organizar um cortejo *aux flambeaux*, patrocinado por uma subscrição particular⁴¹¹.

A partir de 1911 deixamos de ter informação acerca do comício da Serra do Pilar. Nesse ano, a Cooperativa Oliveirense organizou uma sessão solene para assinalar a data, assumindo um carácter especial por homenagear também o seu patrono, Augusto Fuschini, que falecera nesse mesmo ano⁴¹². A partir de então, a informação de *A Luz do Operário* referente ao 1.º de Maio circunscreve-se à freguesia de Oliveira do Douro.

Com a fundação do Centro Socialista Oliveirense, em finais de 1911, será esta agremiação que irá tomar as «rédeas» dos festejos do 1.º de Maio no ano seguinte, organizando neste primeiro ano de atividade um cortejo com bastantes crianças e operários que percorreram as ruas da freguesia, terminando na sede deste centro, onde decorreu uma sessão solene⁴¹³.

Como já referimos, em Vila Nova de Gaia, as comemorações do 1.º de Maio alargaram-se a quase a todo o concelho, não se ficando apenas pelo centro urbano e proximidades. Como exemplo podemos dar a sessão solene organizada pela Cooperativa de Crédito e Consumo Antero de Quental, de Serzedo, que, no ano de 1898, assinalou esta data⁴¹⁴, sendo a comemoração mais distante do centro urbano de que temos conhecimento.

A Luz do Operário, como jornal socialista, não podia ter ficado à margem daquela data, tendo o jornal publicado números especiais para os anos de 1894⁴¹⁵, 1896⁴¹⁶,

⁴¹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 423, 16 de maio de 1909.

⁴¹¹ *A Luz do Operário*, n.º 423, 16 de maio e 1909.

⁴¹² *A Luz do Operário*, n.º 475, 14 de maio de 1911.

⁴¹³ *A Luz do Operário*, n.º 591, 12 de maio de 1912.

⁴¹⁴ *A Luz do Operário*, n.º 136, 15 de maio de 1898.

⁴¹⁵ *A Luz do Operário*, n.º 31, 1 de maio de 1894.

⁴¹⁶ *A Luz do Operário*, n.º 83, 1 de maio de 1896.

1897⁴¹⁷, 1898⁴¹⁸, 1899⁴¹⁹, 1909⁴²⁰, saindo o último número especial no ano da implantação da República⁴²¹.

Sobre a evocação dos Mártires de Chicago, a fonte não nos relata nenhuma informação acerca de alguma agremiação operária que organizasse uma sessão solene, o que poderá demonstrar que a facção socialista tinha maior influência no concelho. Aliás, como referimos anteriormente, o dia escolhido para evocar os Mártires de Chicago, mas também todos os camaradas já falecidos era o dia 1 de maio. No entanto, nas páginas de *A Luz do Operário*, o ano de 1893 é o único em que podemos encontrar referências aos acontecimentos de Chicago, já que em novembro desse ano o jornal publicou um artigo com o título *Os Martyres do Porvir*, artigo este copiado de um panfleto anarquista publicado para evocar o 11 de novembro⁴²².

Acerca de outra data tida como um marco histórico para a classe operária, a Comuna de Paris, não temos grandes referências, encontrando apenas, ao longo dos anos, alguns apontamentos ideológicos e históricos, e só a partir de 1905 temos informação de que o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia começou a comemorar o aniversário da Comuna de Paris juntamente com o seu aniversário, organizando para o efeito uma sessão solene⁴²³.

A partir de 1913, temos informação de que o Centro Socialista Oliveirense também fazia questão de assinalar esta data com uma sessão solene⁴²⁴, festejos estes que certamente se tornaram comuns com o proliferar dos vários centros socialistas pelo concelho desde a implantação da República.

Nas comemorações operárias podem também ser integrados os funerais civis que eram, à época, um fenómeno ainda muito recente. Por exemplo, na freguesia de Oliveira de Douro, o primeiro funeral civil decorreu no ano de 1899⁴²⁵. Tal como nos funerais religiosos, também estes tinham um cortejo fúnebre, no qual, no caso de se tratar de um operário ou de um familiar, iam representadas diversas associações operárias, falando junto das campas os camaradas que requeressem a palavra. Estas manifestações não eram

⁴¹⁷ *A Luz do Operário*, n.º 109, 1 de maio de 1897.

⁴¹⁸ *A Luz do Operário*, n.º 135, 1 de maio de 1898.

⁴¹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 161, 1 de maio de 1899.

⁴²⁰ *A Luz do Operário*, n.º 422, 2 de maio de 1909.

⁴²¹ *A Luz do Operário*, n.º 448, 1 de maio de 1910.

⁴²² *A Luz do Operário*, n.º 18, 5 de novembro de 1893.

⁴²³ *A Luz do Operário*, n.º 315, 26 de março de 1905.

⁴²⁴ *A Luz do Operário*, n.º 523, 16 de março de 1913.

⁴²⁵ *A Luz do Operário*, n.º 170, 3 de setembro de 1899.

da simpatia dos padres, que em muitos casos utilizavam a sua forte influência junto das populações para desencadear ações contra os participantes nos cortejos fúnebres civis, como foi o caso do funeral de um filho de um operário da Afurada, em que o cortejo teve que ser interrompido várias vezes devido a conflitos entre a população local e os participantes no cortejo⁴²⁶.

Porém, o culto dos mortos não se ficava só pelas homenagens no 1.º Maio ou nos funerais civis. Muitas vezes, os operários que mais se tinham destacado em vida também mereciam homenagens póstumas com cortejos até aos cemitérios e com sessões solenes em sua memória, como é o caso de António da Rocha Silvestre, que no dia de aniversário da sua morte foi homenageado pelo jornal *A Luz do Operário*, em cuja capa foi publicado o seu retrato em destaque⁴²⁷, tendo-se ainda realizado uma romagem com a formação de um cortejo até ao cemitério de Oliveira do Douro, dirigindo-se posteriormente os seus participantes para a Cooperativa Oliveirense, onde decorreu uma sessão solene em honra do malgrado operário⁴²⁸.

As sessões solenes eram as festas operárias mais comuns, como já foi referido anteriormente. Tinham sempre uma parte instrutiva ou de propaganda, em que falavam diversos oradores abordando variados temas, dependendo do contexto da celebração. Neste ponto, porém, o que aqui nos interessa é abordar a parte festiva da comemoração. Geralmente, eram convidados todos os sócios da associação em festa, assim como todas as instituições operárias, sendo iluminada a secretaria da associação anfitriã, e a sala onde decorreria a sessão devia estar «bellamente ornamentada com bandeiras e escudos com pensamentos de vultos importantes do socialismo», tocando no início, assim como nos intervalos e no final, uma banda de música convidada para o efeito⁴²⁹. Em alguns casos, a atuação da banda de música era intervalada por representações de monólogos, ou recitação de poemas de contestação⁴³⁰.

Em suma, pode concluir-se que a classe operária, na sua grande maioria, não aderiu às comemorações operárias pelo seu carácter ideológico e reivindicativo, mas sim pela parte festiva, como fica bem patente nas celebrações do 1.º de Maio. Para muitos

⁴²⁶ *A Luz do Operário*, n.º 166, 9 de julho de 1899; ver notícia no anexo 20.

⁴²⁷ *A Luz do Operário*, n.º 207, 2 de fevereiro de 1901.

⁴²⁸ *A Luz do operário*, n.º 208, 17 de fevereiro de 1901.

⁴²⁹ *A Luz do Operário*, n.º 158, 19 de março de 1899.

⁴³⁰ *A Luz do Operário*, n.º 158, 19 de março de 1899.

operários era indiferente participar numa romaria ou numa festa operária, o que interessava era a diversão, a fuga da opressão do trabalho.

Conclusão

Não podemos falar em absoluto numa cultura e lazer operários, mas sim referir um modelo cultural idealizado pelas fações defensoras da classe operária. No caso do modelo socialista, acreditamos que este foi oficializado em 1895 com a II Conferência Socialista, em que um dos pontos aprovados passava pela criação de escolas, bibliotecas, assembleias, conferências, festas e reuniões. Esta orientação parece ter surtido efeito em Vila Nova de Gaia, já que foi neste período que se verificou aqui um aumento significativo de associações operárias com os mais diversificados fins, destacando-se entre estas as associações de instrução e as cooperativas que também tiveram um papel importante no campo da instrução.

Porém, tal como aconteceu em outros pontos do país, muitas destas associações tiveram uma duração efémera e um percurso sempre marcado pelos problemas financeiros.

Esta situação é retratada no jornal *A Luz do Operário* onde são notórias duas fases distintas nos artigos aí publicados: se numa primeira fase se denota esperança e «fé»⁴³¹ de que a classe operária seguiria os padrões culturais para si idealizados, numa segunda fase, posterior a 1905, denotamos que os artigos aí publicados demonstram alguma frustração por parte dos seus defensores, como nos demonstra uma notícia que publicamos em anexo⁴³².

No caso de Vila Nova de Gaia, pensamos ter demonstrado no ponto sobre «Os divertimentos operários» como a aplicação do modelo cultural operário dificilmente se impôs na região. Como pudemos observar nesse capítulo, a maioria dos divertimentos aí referidos não teriam a aprovação dos socialistas, podendo ser dados como exemplos os casos da prática do alcoolismo e do jogo, que, apesar da forte condenação do movimento operário e socialista, não iria diminuir ao longo do período estudado.

Um outro aspeto que importa destacar é a questão da aculturação deste modelo. Acreditamos que o modelo cultural operário sofreu influências de outros modelos que se

⁴³¹ O termo fé parece desenquadrado da questão, mas, ao estudarmos o movimento operário português, denotamos que houve uma clara intenção dos seus dirigentes em sacralizar a sua ideologia. Esta situação está bem presente no ponto referente às comemorações operárias, onde verificamos que existe uma sacralização das cerimónias operárias, sendo possível dar o exemplo do culto dos mortos, onde estes são muitas vezes referidos como mártires da causa operária, à semelhança dos mártires da religião.

⁴³² Ver anexo 18.

afirmavam nesta época, em particular os modelos culturais pequeno-burgueses, já que um dos objetivos por que lutava o movimento operário era a igualdade. Convém ter em consideração o facto de que as classes socialmente inferiores desde sempre tiveram a tendência para copiar os modelos comportamentais e culturais das classes que se encontravam hierarquicamente acima, muitas vezes na ilusão de nelas serem aceites e a elas ascenderem, tema esse recorrente em toda a literatura do século XIX, às vezes pelo lado da caricatura, como em algumas obras de Eça de Queirós⁴³³.

Para a divulgação deste modelo cultural muito contribuiu o movimento associativo operário. Estas associações foram os principais motores na procura de implantar um modelo operário em Vila Nova de Gaia. Porém, como referimos ao longo do nosso trabalho, estas encontraram sempre alguns entraves, como o desinteresse dos operários por elas, o que levou a que passassem por períodos de dificuldades financeiras e, em muitos casos, a uma existência efémera. No entanto, ainda hoje é possível encontrar algumas associações vilanovenses que foram fundadas nos princípios socialistas.

Se as associações operárias funcionaram como os motores que tentaram impor um modelo cultural operário, podemos afirmar que a imprensa operária foi o seu principal combustível. No entanto, esta também encontraria várias dificuldades. Para o caso de Vila Nova de Gaia, podemos afirmar que o jornal *A Luz do Operário* foi um importante «profeta» deste ideal, mas o facto de a maioria da classe operária não saber ler terá limitado o eco doutrinário que pretendeu difundir.

Podemos concluir que em Vila Nova de Gaia o modelo de cultura idealizado pelos intelectuais operários nunca se viria a impor, sobrepondo-se-lhe sempre uma cultura

⁴³³ Acerca deste assunto pode ler-se o seguinte no romance *Os Maias*: «Tendo abandonado o seu feitiço antigo, à D. João VI, que tão bem lhe ficava, este desgraçado Portugal decidira arranjar-se à moderna: mas, sem originalidade, sem força, sem carácter para criar um feitiço seu, um feitiço próprio, manda vir modelos do estrangeiro – modelos de ideias, de calças, de costumes, de leis, de arte, de cozinha... Somente como lhe falta o sentimento da proporção, e ao mesmo tempo o domina a impaciência de parecer muito moderno e muito civilizado – exagera o modelo, deforma-o, estraga-o até à caricatura. O figurino da bota que veio de fora era levemente estreito na ponta; – imediatamente o janota estica-o e aguça-o até ao bico de alfinete. Por seu lado o escritor lê uma página de Goncourt ou de Verlaine, em estilo precioso e cinzelado – imediatamente retorce, emaranha, desengonça a sua pobre frase, até descambar no delirante e no burlesco. Por sua vez, o legislador ouve dizer que lá fora se levanta o nível da instrução; – imediatamente põe, no programa dos exames de primeiras letras a metafísica, a astronomia, a filologia, a egiptologia, a crematística, a crítica das religiões comparadas, e outros infinitos terrores. E tudo por aí adiante assim, em todas as classes e profissões, desde o orador até ao fotógrafo, desde o jurisconsulto até ao *sportsman*... É o que sucede com os pretos já corrompidos de S. Tomé, que vêem os europeus de lunetas – e imaginam que nisso consiste ser civilizado e ser branco. Que fazem então? Na sua sofreguidão de progresso e de brancura, acavalam no nariz três ou quatro lunetas, claras, defumadas, até de cor. E assim andam pela cidade, de tanga, de nariz no ar, aos tropeções, no desesperado e angustioso esforço de equilibrarem todos estes vidros – para serem imensamente civilizados e imensamente brancos...»; cf. MATOS, 2006: 267-268.

popular polidirecionada em que o elemento religioso, ainda que contestado ou mesmo atacado, estará sempre presente no quotidiano operário, mesmo para além da ação catequética da Igreja Católica. Outra questão seria o analisar-se a ação da Igreja Lusitana no seio da questão operária, aspeto relevante em Vila Nova de Gaia, mas cujo estudo não cabe nos objetivos da presente dissertação.

Por outro lado, se a ideologia socialista afirmava a classe operária como classe nova e portadora de um sentido de futuro e progresso, idealizado numa nova sociedade a criar, a cultura operária enraíza-se, em grande medida, na cultura popular tradicional, em que existe uma forte simbiose entre as representações culturais, os tempos de lazer e o trabalho. Nesta perspetiva, valeria a pena desenvolver a análise dos festejos do 1.º de Maio. Enquanto tiveram uma forte componente festiva, a adesão dos participantes foi crescendo, diminuindo depois com o fim do cortejo cívico, situação esta que levou o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia a criar a União Primeiro de Maio de Vila Nova de Gaia em busca de atrair de novo a classe operária para a comemoração deste dia.

Em forma de conclusão, o diagrama apresentado na introdução, em que eram relacionados os termos trabalho, cultura e lazer, como modelo de cultura operária idealizada, ajusta-se à realidade da cultura popular, cultura em que estava inserida a classe operária.

Fontes e bibliografia

Fontes hemerográficas:

Almanaque de Gaia. Porto: Imprensa Civilização, 1912.

A Luz do Operário. Vila Nova de Gaia, março de 1893 a março de 1901; março de 1905 a julho de 1914.

A República. Porto, 1890-1891.

A Voz Pública. Porto, 1891-1909.

O Comércio de Gaia. Vila Nova de Gaia, 1897.

O Jornal dos Carvalhos. Vila Nova de Gaia, 1899-1891.

Outras fontes

PORTUGAL, Ministério da Fazenda, *Censo da População do Reino de Portugal no 1.º de Dezembro de 1890*, 3 vol./ Lisboa, Imprensa Nacional, 1896-1900.

PORTUGAL, Ministério das Finanças, *Censo da População de Portugal no 1.º de Dezembro de 1911*, 6 vol./ Lisboa, Imprensa Nacional, 1913-1917.

PORTUGAL, Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, *Inquérito Industrial de 1890*, vol. IV. Lisboa, Imprensa Nacional, 1891.

PORTUGAL, Ministério dos Negócios Estrangeiros da Fazenda, *Censo da População do Reino de Portugal no 1.º de Dezembro de 1900*, 3 vol./ Lisboa, Tipografia da «A Editora», 1905-1906.

SANTOS, Manoel Rodrigues dos, 1881 — *Descrição Topographica de Villa Nova de Gaia*. Porto: Imprensa Real.

Bibliografia:

ALMEIDA, Fernando António, 1994 — *Operários de Lisboa na vida e no teatro (1845-1870)*. Lisboa: Caminho.

BASTO, A. de Magalhães, 1952 — «Toureiros amadores de há meio século». *O Tripeiro*, n.º 5, V série, ano VIII, p. 129-131.

CASCÃO, Rui, 2011 — *Em casa: o quotidiano familiar* in MATTOSO, José (dir.) — *História da vida privada: A época contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, p. 222-252.

CORREIA, Fernando António da Silva, 2010 — *As Devesas nos Carris da História*. Porto: Norcópia.

- CASTRO, Maria João de Abreu Mena Guimarães, 1999 — *O Operário (1879-1882) e o movimento socialista no Porto*. Porto: FLUP. [dissertação de mestrado]
- COSTA, Ramiro, 1979 — *Elementos para a História do movimento operário em Portugal*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- COSTA, Francisco Barbosa da, 1980 — *S. João Baptista de Canelas: Notas monográficas*. Vila Nova de Gaia: Paróquia de Canelas.
- FERREIRA, Carla Maria Sequeira, 1996 — «Os tanoeiros e a cascaria de torna-viagem», *Douro Estudos & Documentos*, n.º 2. Porto: GEHVID, p. 239-247.
- FERREIRA, José V.; Ferreira, António. G., 2001 — *As actividades desportivas no Porto de 1900*. «Revista Portuguesa de Ciências do Desporto», vol. 1, nº 2, p. 56-61.
- FONSECA, Carlos da, 1990 — *O 1º de Maio em Portugal: 1890-1990, crónica de um século*. Lisboa: Antígona.
- FREIRE, João; LOUSADA, Maria Alexandre, 2013 — *Roteiros da memória urbana do Porto: Marcas deixadas por libertários e afins ao longo do século XX*. Lisboa: Edições Colibri.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, 1975 — *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Arcádia.
- GOMES, Costa, 2007 — «Avintes e a peste bubónica». *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, n.º 65. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia, p. 19-21.
- GUIMARÃES, Gonçalves, 1997 — *Memória histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia: Livro do Centenário da Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia 1897-1997*. Vila Nova de Gaia: Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia.
- GUIMARÃES, Gonçalves, 2002 — *Touradas em Gaia* in REAL, Manuel Luís; BRAGA, Maria Helena Gil (coord.) — *No tempo das touradas: de esplêndida corrida a tradição repudiada*. Porto: Câmara Municipal do Porto, p. 40-45.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves, 2010 — *Republicanos, monárquicos e outros: as vereações gaienses durante a 1.ª República (1910-1926)*. Vila Nova de Gaia: Amigos do Solar dos Condes de Resende/Confraria Queirosiana.
- HOGGART, Richard, 1973 — *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Editorial Presença.

- LACERDA, Silvestre, 1984 — «Apontamentos para a História da imprensa e das publicações periódicas no concelho de Vila Nova de Gaia». *Gaya*, n.º 2. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, p. 509-552.
- LACERDA, Silvestre, 1997 — *A arte da tanoaria*. Porto: CRAT.
- LEITÃO, Joaquim, 1909 — «Feiras e romarias». *Mea Villa Gaya*. Porto: Empresa Editora do Guia Ilustrado de Portugal, p. 60-67.
- LIMA, Isabel Pires de, 1989 — *Trajectos: o Porto na memória naturalista (antologia)*. Lisboa: Guimarães Editores.
- LOPES, Óscar; SARAIVA, António José, 1974 — *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- MATEUS, Henriques, 2009 — *Portugal na aventura de voar: de Gusmão ao ocaso dos balões esféricos (1709-1915)*. Lisboa: Público.
- MATOS, A. Campos, 2006 *Dicionário de citações de Eça de Queirós*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MÓNICA, Maria Filomena, 1980 — «Ler e Poder: debate sobre a educação popular nas primeiras décadas do século XX». *Análise Social*, Vol. XVI (63), 3º. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, p. 499-518.
- MÓNICA, Maria Filomena, 1982 — *A formação da classe operária: antologia da Imprensa operária (1850- 1934)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MÓNICA, Maria Filomena, 1983 (org.) — *Poemas Operários*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- PARREIRÃO, Henrique, 1990 — *As origens do futebol e de outros desportos em Portugal*. In REIS, António — *Portugal Contemporâneo*. Vol. 2. Lisboa: Alfa, p. 383-388.
- PEIXOTO, Fernando, 2001 — *Diogo Cassels: uma vida em duas margens*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.
- PERALTA GARCÍA, Beatriz, 2002 — *A cultura operária em Portugal: teatro e socialismo durante a Primeira República (1910-1926)*. Cascais: Patrimonia.
- PEREIRA, Álvaro — *Monografia de Espinho*, 1970, Espinho: Edição de Autor.
- QUINTAS, Maria Conceição, 1998 — *Setúbal: Economia, sociedade e cultura operária: 1880-1930*. Lisboa: Livros Horizonte.
- RAMOS, Rui (dir.), 2010 — *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

- SILVA, Francisco, 1984 — «O Jogo do Pau em Vila Nova de Gaia». *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, n.º 17. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia, p. 28-29.
- TEIXEIRA, Carla Amorim, 2002a — *A corrida tauromáquica na imprensa portuense (1870-1920)* in REAL, Manuel Luís; BRAGA, Maria Helena Gil (coord.) — *No tempo das touradas: de esplêndida corrida a tradição repudiada*. Porto: Câmara Municipal do Porto, p. 25-28.
- TEIXEIRA, Carla Amorim, 2002b — *Um espetáculo polémico* in REAL, Manuel Luís; BRAGA, Maria Helena Gil (coord.) — *No tempo das touradas: de esplêndida corrida a tradição repudiada*. Porto: Câmara Municipal do Porto, p. 29-34.
- THOMPSON, E. P, 2004 — *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra.
- VAQUINHAS, Irene (coord), 2011 — *Paixões funestas e prazeres proibidos* in MATTOSO, José (dir.) — *História da vida privada: A época contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, p. 322-350.

Anexos

Anexo 1: A indústria gaiense segundo o Inquérito Industrial de 1890:

Indústrias	Unidades		Trabalhadores				
	Pequenas Indústrias	Outras	Maiores		Menores		Total
			M	F	M	F	
Albardas	1	-	1	-	-	-	1
Álcool e Aguardente	1	2	72	-	7	-	79
Alfaiataria	59	-	78	4	13	-	95
Algodão (Fiação e tecelagem)	213	1	53	205	6	10	274
Armaria	1	-	1	-	-	-	1
Açúcar (Refinação)	4	-	13	-	-	-	13
Balões Venezianos	-	1	-	6	-	2	8
Bolachas e biscoitos	1	-	-	2	-	-	2
Caixas de papelão	10	-	-	10	-	-	10
Calçado (Sapataria)	87	1	112	37	2	-	151
Calçado (Sapatos de trança)	127	1	32	124	-	1	157
Calçado (Tamancaria)	21	-	25	-	3	-	28
Carpintaria	59	7	164	-	21	-	185
Carruagens, carros e carroças	1	-	4	-	-	-	4
Cera (fundição, branqueamento e fabrico de velas e outros objetos)	2	-	4	-	-	-	4
Cerâmica (Faiança e pó de pedra – Louça)	-	1	17	-	2	-	19
Cerâmica (Olaria – fabrico de louça ordinária, vermelha ou preta, telha e tijolo)	19	5	148	5	21	4	178
Cestaria (obra de verga, vime, castanho, cana ou junco)	9	-	10	1	-	-	11
Chapelaria	1	-	1	-	-	-	1
Chapéus-de-chuva ou de sol e bengalas	2	-	4	-	7	-	11
Colchoaria	1	-	1	-	-	-	1
Confeitaria	1	-	2	-	-	-	2
Construções navais	2	1	12	-	9	-	21
Cordoaria	3	-	4	1	2	-	7
Correeiro	1	-	1	-	-	-	1
Cortiça (em rolhas ou pranchas)	2	-	5	1	-	-	6
Curtumes	1	-	3	-	-	-	3
Escovas e pinceis	3	-	7	-	-	-	7
Escovilhas (extração de ouro e prata do lixo dos ourives)	1	-	5	-	-	-	5
Ferrador	8	-	16	-	1	-	17
Flores artificiais	2	-	-	5	-	-	5
Fogueteiro	2	-	3	-	1	-	4
Fundição de Ferro	1	1	19	-	22	-	41
Funileiro	24	-	32	1	13	-	46
Gesso	1	-	4	-	-	-	4
Invólucros de palha		1	1	-	8	-	9
Lã (Fiação e tecelagem)	1	-	1	-	-	-	1

Linho (Fiação e tecelagem)	7	-	-	7	-	-	7
Linho (Massagem)	2	-	4	-	-	-	4
Luvras (fabrico de)	1	-	1	-	-	-	1
Marcenaria	19	-	27	-	8	-	35
Moagem	136	1	215	42	41	13	311
Modas (Artigos de)	6	-	-	10	-	-	10
Ourivesaria	7	-	9	1	7	-	17
Padaria	44	1	62	11	17	22	112
Papel	2	-	4	2	-	-	6
Pintura	1	-	2	-	1	-	3
Pregaria	15	1	48	-	4	-	52
Produtos Químicos	1	1	87	-	3	-	90
Relojoaria	12	-	12	-	1	-	13
Roupa branca	31	2	3	60	-	24	87
Santeiro	1	-	3	-	-	-	3
Serração	42	1	96	-	1	-	97
Serralharia	65	8	174	3	81	-	258
Tanoaria	20	21	231	-	110	-	341
Tinturaria	3	-	3	-	-	-	3
Torneiro de madeira	9	-	10	-	2	-	12
Tipografia	3	1	10	-	9	-	19
TOTAL	1099	59	1856	538	423	76	2893

Fonte: *Inquérito Industrial de 1890*, vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891.

Anexo 2: Principais notícias sobre instrução operária publicadas no jornal *A Luz do Operário*, 1893-1909:

Data	Acontecimento	Observações
12/03/1893	Nota de que em breve a Troupe Musical Recreio Operário de Mafamude pensa instituir um ciclo de conferências operárias e abrir um curso de desenho para os associados.	
12/07/1893	Conferência de Zeferino Costa na Escola do Torne.	Nesta o autor abordou o anti jesuitismo, referindo «ao numeroso auditório as tyrannias praticadas por essa corja de sotainas».
30/07/1893	Sessão solene comemorativa do 2.º aniversário da Troupe Musical Recreio Operário de Mafamude.	Falaram vários oradores sobre as vantagens das associações musicais para a sociedade, presidindo a sessão Diogo Cassels.
14/01/1894	Sessão solene comemorativa do 2.º aniversário da Cooperativa de Crédito e Consumo de Vilar do Paraíso.	Falaram diversos oradores sobre as vantagens do cooperativismo, destacando-se entre estes Zeferino Costa e Luís Soares.
07/10/1894	Sessão solene comemorativa do 2.º aniversário da cooperativa de Mafamude.	Para além de falarem diversos oradores acerca das vantagens do cooperativismo, foi também declamado um poema de Gomes Leal.
04/11/1894	Primeira referência à tentativa da Associação dos Operários Tanoeiros de Gaia instituir uma aula noturna.	Esta nunca chegaria a acontecer.
21/04/1895	Noticiado o interesse do Grupo Musical Gaiense em criar um gabinete de leitura.	
14/07/1895	Referência a uma sessão solene organizada pela cooperativa do Marco para assinalar a abertura do seu estabelecimento.	Falaram diversos oradores que felicitaram a direção da sociedade pelo trabalho desenvolvido e focando as principais vantagens dos princípios cooperativistas.
11/08/1895	Nota de que em assembleia-geral decidiu a cooperativa de Vilar do Paraíso instituir uma comissão de instrução.	Em notícia de 09/02/1896 temos a informação que um grupo de sócios propunha em assembleia-geral a extinção da comissão, no entanto este pedido foi chumbado.
01/05/1896	Informação que em breve a comissão de instrução da cooperativa de Vilar do Paraíso tencionava dar início as palestras e conferências já há algum tempo anunciadas. É feito o convite a todos os sócios que queiram participar nas aulas de instrução elementar, para isso, bastava comparecer na sede desta as terças, quintas e sábados das 20h às 22h.	Este anúncio decorreu durante o sorteio de uma rifa, cujas receitas reverteram em favor do cofre do gabinete de instrução. Segundo notícia de 31/05/1896 as conferências tiveram início no dia 10 de maio, sendo o primeiro orador A. Henrique Verdial, e a segunda a 27 do mesmo mês, tendo como orador S. Lucena, estando a próxima agendada para 14 de junho. Ao que a notícia indica estas tiveram muito publico, entre estes muitas mulheres e crianças.
20/09/1896	Sessão solene organizada pela cooperativa de Mafamude para inaugurar a sua bandeira.	Como era normal nas sessões solenes organizadas pelas cooperativas, estiverem presentes

		vários oradores que falaram acerca das vantagens do cooperativismo.
20/09/1896	Informação que será instalada na vila a Associação do Registo Civil de Gaia.	Estas associações movia-se por 8 princípios básicos, sendo que o 4.º ponto era a intuição de escolas livres, e o 5.º ponto organizar conferências e comícios anti-jesuíticos.
04/10/1896	Azedo Gneco dá uma conferência na sede da Associação dos Tanoeiros Operários de Vila Nova de Gaia.	Os pontos desta conferência foram: - Principais novidades do Congresso de Londres. - Os princípios socialistas. - O caminho a percorrer Emancipação operária.
15/11/1896	Sessão solene organizada pela cooperativa de Vilar do Paraíso para assinalar o seu 5.º aniversário e assinalar a inauguração do seu edifício.	Nesta sessão solene para além de serem expostas as principais vantagens dos ideais cooperativistas, também foi debatido o caminho a percorrer para a Emancipação operária.
13/12/1896	Informação de que o Grupo Musical Gaiense na sessão solene do seu 2.º aniversário anunciará a constituição de um curso de instrução elementar noturno.	Em notícia de 27/12/1896 é noticiado que já foi anunciado e criado o curso noturno, que é referido de extrema importância, já que o lugar de Gaia é dos que mais carece de instrução.
10/01/1897	Nota de que a Troupe Musical Vilanovense aprovou em assembleia-geral, uma proposta para a criação de um gabinete de leitura, tendo já sido uma comissão responsável para o efeito.	
10/01/1897	Informação de que a cooperativa de Vilar do Paraíso à época contava já com duas aulas noturnas e um curso de desenho, e que pensava agora instituir aulas diurnas.	
24/01/1897	Notícia de que o Gabinete de Instrução, Leitura, Oratória e Social Operária de Gaia organizou uma festa, para a qual convidou diversos oradores.	Nas conferências foi focada a importância da instrução, assim como foram feitas várias críticas ao ensino público por este ainda se encontrar bastante ligado à religião.
24/01/1897	Informação de que em breve teria início um ciclo de conferências no Grupo Musical Gaiense.	A primeira palestra estava a cargo de Henrique de Macedo Júnior, esta que se viria a realizar a 21/03/1897, com o tema «A conveniências das agremiações musicais nos centros trabalhadores».
07/02/1897	Nota de que na cooperativa de Mafamude se trabalhava ativamente para a constituição de um gabinete de leitura e de uma aula.	Sobre a realização deste projeto não voltaremos a ter referências.
21/02/1897	Informação de que a Cooperativa de Crédito e Consumo Oliveirense (Oliveira do Douro) organizou uma sessão solene para comemorar o seu 2.º aniversário.	Nesta sessão esteve presente o patrono desta sociedade, Augusto Fuschini, cujo discurso proferido viria mais tarde a ser publicado no jornal <i>A Luz do Operário</i> .
07/03/1897	Neste ano o jornal <i>A Luz do Operário</i> organizou uma sessão solene para comemorar o seu 4.º aniversário.	Nesta estiveram presentes oradores que abordaram a importância da imprensa operária, assim como, os problemas com que esta se debatia.

21/03/1897	Informação de que a Escola Prática Oratória Instrutiva Operária de Mafamude organizou uma sessão solene.	Nesta os conferencistas realçaram as principais vantagens da instrução. Nesta notícia esta escola é apontada como o modelo de escola operária a seguir por todas as outras.
19/09/1897	Era dada a notícia de que na Associação Fúnebre Vilanovense era discutida a hipótese da criação de uma escola para sócios e filhos.	No entanto esta ideia não chegaria avançar por imposição de um grupo de sócios (21/11/1897). Em 1900 teríamos a informação que nos novos estatutos tinha ficado escrito que 80% dos lucros reverteriam em favor da instrução, para abrir escolas para associados e seus filhos (04/02/1900), porém posteriormente não teremos mais nenhuma informação.
03/09/1897	Notícia que refere a fundação no lugar das Devesas da Sociedade Instrução e Recreio «Amigos da Luz», que tinha como principais fins, a instrução e o recreio.	Numa notícia anterior de 19/09/1897 onde é referida a hipótese da fundação deste grupo, temos informações mais detalhadas. Segundo esta o objetivo deste grupo era criar escolas pelo método João de Deus para associados e filhos, gabinetes de leitura, seções dramáticas, dançantes e musicais.
12/12/1897	Noticiada nova conferência de Zeferino Costa na Escola do Torne.	Nesta palestra Zeferino Costa, mais uma vez, teve como tema assuntos religiosos, apresentando «A não existência do Purgatório».
12/12/1897	Informação que a cooperativa de Vilar do Paraíso organizou uma sessão solene para assinalar o 3.º aniversário da abertura da sua escola noturna.	Nesta falaram diversos conferencistas abordando a importância desta iniciativa, da qual se festejava o aniversário, na formação dos operários de Vilar do Paraíso.
17/04/1898	Referência de que a cooperativa de Vilar do Paraíso organizou uma sessão solene para distinguir os alunos que mais se destacaram no ano anterior.	Nota de que neste dia foi também sorteada uma rifa, cujos lucros reverteriam em favor da seção instrutiva.
12/06/1898	Notícia que informava sobre a fundação da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Luz do Operário».	Esta sociedade é fundada com o intuito de criar escolas para associados e seus filhos, assim como prestar auxílio na morte. Esta surge em parceria com o jornal <i>A Luz do Operário</i> , à imagem da sociedade <i>A Voz do Operário</i> de Lisboa. No entanto esta não iria ter o sucesso da sua congénere lisboeta, já que a 25/12/1898 o jornal vai se desvincular da mesma por ver que esta não seguia os princípios para os quais foi fundada.
19/02/1899	Informação de que se fundara na Formigosa, Oliveira do Douro, o Gabinete Social Operário Oliveirense.	Segundo notícias de datas posteriores, este gabinete de instrução vai encontrar alguma

		oposição por parte dos mais religiosos (ex: 05/03/1899).
11/06/1899	Notícia de que Pedro Costa Oliveira iria em breve realizar em S. Félix da Marinha uma sessão de propaganda em favor da instrução, afim de ali se instituir um gabinete de instrução.	Acerca da temática desta notícia não voltaremos a ter mais nenhuma informação.
13/07/1899	Nota de que se tinha iniciado na semana anterior um curso de dança no Grupo Musical Liberdade, Igualdade e Fraternidade.	
06/08/1899	Informação de que o recente Instituto de Instrução União Operária no Candal tem vindo a ter bastante adesão por parte dos operários daquele lugar.	A 17/06/1906 temos a informação da dissolução desta agremiação devido a dificuldades financeiras e falta de alunos.
06/08/1899	Nota de que têm sido bastantes concorridas as conferências organizadas pelo centro socialista de Gaia as quartas-feiras à noite.	Informação de que o centro irá em breve por em funcionamento uma escola.
17/9/1899	Notícia de que as conferências que o Centro Socialista de Gaia foram suspensas pelas autoridades até ordem das mesmas.	A 29/10/1899 temos a informação que estas já teriam retomado.
15/10/1899	Nota de que se encontram abertas as inscrições para a aula noturna da cooperativa de Oliveira do Douro, sendo esta grátis para sócios e filhos.	
04/02/1900	Informação de que se acabava de fundar em Coimbrões a Sociedade de Instrução União Operária de Coimbrões.	
10/06/1900	Nota de que o Gabinete de Instrução Social Operária Oliveirense pensava em breve constituir uma trupe musical.	A 24/06/1900 temos a informação que esta trupe já teria começado os ensaios.
30/09/1900	Nota de que se encontra aberta a admissão de novos sócios para a banda de música do Grupo Musical Liberdade, Igualdade e Fraternidade.	
28/10/1900	Notícia de que no passado dia 14 o centro socialista da vila organizou uma sessão solene para assinalar a abertura do curso noturno.	Nota de que nesta falaram diversos oradores, focando todos a importância da instrução para a emancipação operária. A 09/12/1900 temos a informação que a aula noturna tem sido muito frequentada por crianças, pensando o centro constituir uma aula diurna. É dada a informação que esta aula é ministrada com o «Pequeno Manual do Povo», do socialista Manuel José da Silva.
20/01/1901	Notícia de que no lugar de Gervide, Oliveira do Douro, se acabava de fundar o Gabinete de Leitura Popular de Ensino.	Nota de que na sessão solene organizada para assinalar a inauguração deste falaram diversos oradores sobre as vantagens da instrução e foram recitadas vários poemas entre eles «O Estudante Alsaciano», «A Esperança» e «A Mutilada».
17/02/1901	Nota de que na vila se acabava de fundar o Grupo Dramático «Luz do Operário».	Segundo os fundadores deste o principal objetivo era instruir.
26/02/1905	Primeira referência à Cooperativa de Crédito e Consumo Instrutiva de Avintes.	Esta cooperativa terá sido fundada entre março de 1901 e março de 1905.

05/11/1905	Notícia de que Pedro da Costa Oliveira e Diogo Moreira da Silva pensavam em breve instituir na Rua Direita um novo gabinete de instrução, o Gabinete de Leitura e Instrução Flôr de Gaia.	Por notícia de 03/12/1905 temos a informação que este está se institui.
12/08/1906	Notícia de que o Gabinete Recreativo Vilanovense tencionava em breve organizar uma série de conferências a favor da instrução.	
09/09/1906	Informação que o centro socialista da vila tencionava em breve iniciar uma serie de conferências.	Estas conferências têm como principal temática os princípios do Partido Socialista Português, depois de nas últimas eleições o partido republicano ter tentado roubar a estes algum potencial eleitorado.
07/10/1906	Informação que a aula noturna da Escola do Torne tem dado um bom contributo para a instrução dos mais desfavorecidos.	
07/04/1907	Notícia de que com a chegada dos protestantes a Oliveira do Douro e a já anunciada abertura de uma escola protestante, o padre de Oliveira do Douro convocou uma reunião em sua casa com alguns ilustres oliveirenses para discutir a possibilidade da criação de uma escola, um jornal e uma banda de música ligados à religião católica.	A 06/10/1907 temos a notícia de que neste dia se comemorava uma sessão solene para assinalar a abertura do Colégio Lusitano de Oliveira do Douro. A 20/10/1907 temos referência que tanto as aulas diurnas como as aulas noturnas são gratuitas para os filhos dos mais desfavorecidos.
07/04/1907	Nota de que na cooperativa de Oliveira do Douro se trabalhava para organizar uma série de conferências instrutivas.	
13/06/1909	Nota de que o Centro Social e Recreativo de Mafamude dava início a uma série de conferências operárias na sua sede.	A primeira conferência teve como orador Leonardo Coimbra que abordou o tema da instrução e da liberdade. A 11/10/1911 temos a informação que as conferências operárias nesta agremiação, não descuidando esta um dos princípios pela qual foi fundada.

Fonte: *A Luz do Operário*, Vila Nova de Gaia, 1893-1909.

Anexo 3: Poema *Ethopéa do burguez no retrato do porco*, da autoria de A. J. L. Pereira Carvalho:

«Voraz, insaciável, invejoso,
Passando a vida só na pia ou cama,
Ou chafurdando na asquerosa lama,
Immundo, estúpido, cruel, teimoso;

Se não s'tá, como eu nucho, ignominioso,
Excede toda a natureza em brama,
Arde em brutal furor luxurioso;
Nem sátyro ou cavallo assim *derrama!*

O monstro, gulo edaz chacal suez,
Sanguinario qual tigre, em seu rancor,
Come os da mesma especie – grande horror!

Tal o sórdido porco, e que tal burguez –
Machucha, sôrna, pessima, vil rez –
Besta infame, feroz explorador.».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 4, 23 de abril de 1893.

Anexo 4: Poema *Caridade*, da autoria de F. A. De Assumpção:

«O que vem a ser isso
Que vós todos, andaes apregoando?
Riscae já, esse termo tão nefando
Dos livros e da mente, exploradores...

Esmola... caridade... são as flôres
Com que vós tendes vindo ornamentando,
O nosso termo Golgotha execrando,
Onde temos sofrido tantas dôres!

Mas, suspendei a farça, vis negreiros!
Que nós – visto não sermos irmãos –
Imprecando-os, diremos sobranceiros:

Oh! Vós que tendes fama de christãos,
Guardae a vossa esmola, oh embusteiros
Porque ella é humilhante e escalda as mãos!....».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 166, 9 de julho de 1899.

Anexo 5: Poema *Guerra Perpetua*, da autoria de Teixeira de Bastos:

«Ha mais de seis mil anos toda a terra,
D'ethereos mares infima jangada,
Está vertendo sangue accesa em guerra!
Irmãos contra os irmãos tiram a espada.

Mil e uma religiões de serra em serra
Erguem brados odientos, tendo alçada
A bandeira de um deus, signal que encerra
O lucto, a dôr, a morte, a peste, o nada.

Arma-se para a lucta cada qual
Em nome de um fetiche, cada crente
Aperta um bacamarte ou um punhal

Contra o bezerro oppõe-se a sarça ardente
Pae contra o filho, a cruz contra o crescente...
Bem dizia Proudhon:-“Deus é o mal”.».

Fonte: A Luz do Operário, n.º 30, 22 de abril de 1894.

Anexo 6: Poema *O Mercado*, da autoria de Domingos Parreira:

«Que vale a excomunhão, as velhas Escripturas,
Registos de papel, rosários e bentinhos;
As bullas, agua-benta em diversos frasquinhos,
Relíquias, orações, crónicas, benzeduras?...

Santos de barro, ou pinho; expostos em torturas
Sobre altares de pomba, em volta com anjinhos;
Mostrando chagas mil... com piedosos olhinhos...
Qual barraca de feira – exóticas figuras!...

O que valem da igreja, incensos, penitencias,
Ladainhas, *Te Deums*, do Papa as indulgencias,
Missas, benções, jejuns, Lausprenes e sermões?

O que vale o latim, as preces, cantarolas
De feiras, sachristaes, beatas ou carolas,
O que vale tudo isso?... Oh! Falsos histriões!...».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 180, 21 de janeiro de 1900.

Anexo 7: *Aos circulatórios (à infame triologia)*, da autoria de Magalhães:

«Hypocritas, ouvi: nunca fosteis verdade,
O amor e o bem, justiça, luz e galhardia,
A virtude, esperança, fé e caridade
E a doce mansidão do filho de Maria.

Nunca fosteis aqueles nobres justiceiros
Que apertam contra o peito as louras criancinhas,
Os pastores amigos dos ternos cordeiros
Que afagam docemente as mansas ovelhinhas.

Nada d'isso sois; sois só a Iniquidade
Inimigos da luz, vermes da escuridão,
Que andaes pelas viellas da grande cidade
A vêr quem vos ensina a amar a corrupção!

Sois três chacaes pestíferos, reles, imundos
Que andaes a estrangular as freiras dos conventos
E as atiraes depois aos abysmos profundos
Da bacanal corrupta, aos antros mais nojentos!

Sois o embuste, a descrença e a mais vil podridão!
Maldade, estupidez, astucia e vilania,
A corja mais feroz sem alma e coração
Que enxovalhaes o nome ao filho de Maria!

Essa mascara hypocrita que afivelaes
Um dia cahirá vencida pela Verdade,
E a mentira contante que vós prégaes
Triumphará em fim a nossa **Liberdade!**».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 170, 3 de setembro de 1899.

Anexo 8: Poema *Trévas*, da autoria de Cândido Figueiredo:

«Quiz ver o carcere. Só n'elle havia
Uns vultos pallidos de torvo aspecto,
Respirava-se a custo, e parecia
Que me esmagava o ennegrecido tecto.

Era um mar de paixões, em calma,
Mas outr'ora revoltado e inquieto,
Apenas pela abobada sombria
Resoava, a zumbir, nocturno insecto.

Ceguei-me á turba vil, encarcerada
Em cuja face se cravará o estigma
Do crime, que nos faz estremecer.

E perguntei:- Que dolorosa estrada
Vos trouxe aqui?- E a turba, o enigma,
Rugiu na sombra:- Não sabemos lêr...».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 55, 7 de abril de 1895.

Anexo 9: Poema *Progredior*, da autoria de Alberto Magalhães:

«Como as ondas concêntricas d'um lago
Vai-se expandindo a Intelligencia humana
Ao calor d'esse Sol, d'onde dimana
Tudo que aspira ao infinito e vago...

Como a aguia pairando sobre as nuvens
A Intellegencia evola-se distante,
Quer seja a Sciencia produzindo Kant
Quer seja a Arte aureolando Rubens.

Os livros formam a montanha imensa
D'onde o Homem – o Hercules futuro –
Realizando a paganista crença,

N'um alto esforço de valor extremo
Escalla o Ceu, caliginoso e escuro,
Para atingir o ideal supremo.»

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 183, 4 de março de 1900.

Anexo 10: Poema *Miséria*, da autoria de Francisco C. da Silva Azevedo:

«Pobre velhinho, magro e carcovado,
Rugas na face, já sem brilho o olhar,
Como elle passa ao seu bordão firmado,
Aqui e alli, coitado! A tropeçar!

Um dia ou outro, quando a fome o aperta,
Ella vai a tiritar de frio,
Buscar algures uma esmola incerta,
Pedindo, humilde, como um cão vadio.

Ha tantos annos elle assim vivia,
Pobre velhinho! Abandonado, errando...
Ninguem na aldeia, decifrar sabia,
D'onde viera para alli, ou quando.

Na sua vida, que ninguem conhece,
Algum mysterio com certeza existe.
Se lhe fallam no passado, elle impallidece.
E só responde que elle foi bem triste.

Que vida a d'elle! Como causa dó!
Sem descanso, sem cama, sem pão nem luz! Em misera choça sepultado e só,
Vai arrastando a sua negra cruz.

E que seria, se vós, anjo puro e leal,
Cheio de infinda dôr e bondade,
Não lhe fôsse a combater o Mal
Exercendo com nobre alma a Caridade?...».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 49, 13 de janeiro de 1895.

Anexo 11: Poema *Perdida*, da autoria de José Newton:

«No quadro illuminado da janella,
Avulta essa mulher de negros traços,
Cujo dolente olhar immerge a espaços
Na sombra, negra como a vida d'ella.

Durante a noute o escol dos bohemios lassos
Cospe-lhe afrontas sujas de viella;
E quanta vez a derradeira estrella
A vê dormir sobre o torpor dos braços!

Se a colhe o desalento, na memoria
Fulge-lhe a imagem dôce e merencória
Do amor da mãe, a infatigável moura...

Os dias calmos da innocencia finda!
Quanto ella dera por beijar ainda
Do irmão mais novo a cabecinha loura!».

Fonte: A Luz do Operário, n.º 167, 23 de julho de 1899.

Anexo 12: Poema *A Cavaqueira*, da autoria de Aduella:

«N'um determinado armazem,
Para a rua dos Queimados,
Ha um homem, dos barbados,
Que da casa faz alfandega:
Á semana, ao domingo,
É só baterem-lhe á porta
Levando-lhe paparoca,
Que parece mesmo pandega!

Só na semana passada
Um lhe mandou tres chouriços...
O José dos espreguiços,
Um queijo e uma pescada;
O Constantino meio porco
E o Antonio tres franguinhos,
Todos elles tão gordinhos
Que deram uma batelada.».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 15, 24 de setembro de 1893.

Anexo 13: Poema *Belliscando*, dedicado «Aos Trabalhadores de *A Luz do Operário* (Com musica dos Retalhos)», da autoria de K. Bello:

«Anda tudo batidinho...
N'esta vinha do sió...
Tudo bate um pouchinho;
Sem bater não fica só.

Bate á porta o 5º anno:
(Póde entrar, faça favor),
Cumprimenta, todo ufano,
O Louro do Editor.

O Romero, vae batendo
A' quinta, a dobrar jornaes;
O Salvador, está vendo
Que é preciso bater mais.

O Vianna, larga brado
Condemnando a brincadeira,
E o Luiz, bate zangado
Co'o Fernandes d'Oliveira

O typographo, o ladino,
Bate coisinhas e tal...
Bate o fado o Albertino
Co'o Macedo, do Candal.

O' bater está tão pegado...
É brodio, é reinação;
O assignante malvado,
Batendo nos préga o cão.

A bater não há cautella,
Tudo se bate em geral;
Té já batemos a qu'rella
No banco do tribunal.

Ora bate, minha tropa, bate, bate,
Batidinho, que é catita, minha gente,
Cautellinha e um bom caldo
Nunca fez mal ao doente...».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 105, 7 de março de 1897.

Anexo 14: Poema *Cantigas Ligeiras*, da autoria de Conceição Fernandes:

«Que existe Deus e há Santos
Affirma a religião.
Acredito no que queiram,
Nanja na tal confissão.

Oh! Jesus meu bom Jesus,
Oh! Jesus todo bondade,
Tu nunca te confessaste
E amavas a verdade.

Acredita Jesuina,
Não te arreceis meu amor.
Manda a lei de bom juízo
Se confesse o confessor.

O´meu bem quando casarmos,
Há de ser no mez d´Abril,
P´ra que as rosas possam ver
Mais um casório civil.».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 336, 14 de janeiro de 1906.

Anexo 15: Notícias sobre espetáculos em *A Luz do Operário*, 1893-1908:

Data	Local	Cartaz	Observações
17/12/1893	Teatro Popular de Santo Ovídio	Representação do drama <i>O leigo do convento ou a invasão dos franceses</i> .	Este espetáculo foi organizado por um grupo de sócios, com o objetivo de angariar fundos para a sua sociedade. Este acabaria por ser apresentado no dia 30/09/1894, inserido no 1.º aniversário da sua agremiação. A 07/10/1894, temos ainda a informação que foram recitados os seguintes poemas: <i>O melro</i> , de Guerra Junqueiro; <i>A grilheta do operário</i> ; <i>Camões esmolando</i> . A música ficou a cargo da Troupe Musical Soares dos Reis.
17/12/1893	Teatro da Rainha (Rua Direita)	Representação da comédia em 3 atos <i>O Tio Padre</i> e dos monólogos <i>O Estudante Alsaciano</i> , <i>Terrível</i> e <i>A Grilheta do operário</i> . Parte musical ficou a cargo da orquestra de Valentim Dias Arouca.	Este espetáculo foi organizado com o objetivo de recolher fundos em favor do operário António Martins, vítima de um acidente de trabalho que o impossibilitava de trabalhar. O espetáculo realizou-se na mesma data da notícia.
25/02/1894	Teatro da Rainha	Representação do drama <i>Pedro, o pescador</i> .	Nota de que um grupo de amigos de José Romero organizou neste dia um espetáculo na vila para angariar fundos para retirar o seu amigo da cadeia.
07/10/1894	Teatro de Canelas	Foram representadas as seguintes peças: <i>As atribulações de um estudante</i> , <i>Simplicio Castanha & C.ª</i> , e <i>Os dois estudantes no prego</i> . Nota de que num dos intervalos tocou um quinteto, dedicando uma valsa em honra da família Magalhães Costa. A restante parte musical foi assegurada pela orquestra da Troupe Musical Luís de Camões.	Angariação de fundos para o cofre da Troupe Musical Luís de Camões.
29/12/1895	Teatro Recreio do Candal	O programa foi composto pelo drama <i>O veterano da liberdade</i> , pela comédia <i>Trinta botões, choro ou rio</i> e por diversos monólogos. Nos intervalos tocou a Banda dos Rouxinóis, que também animou o serão.	Este espetáculo decorreria no sábado seguinte à publicação da notícia, revertendo as receitas deste para o ensaiador Henrique de Macedo Júnior, que à época se encontrava desempregado.
26/01/1896	«Theatrinho» do lugar do Outeiro (Oliveira do Douro)	Representação do drama <i>A Batalha do Bussaco</i> . A música esteve a cargo de Flores Júnior.	A notícia refere que esta representação foi uma homenagem a todos aqueles que combaterem em África. A 23/02/1896, temos a indicação de que este espetáculo foi esplendido.
31/05/1896	Teatro Popular de		Este espetáculo realizou-se no sábado seguinte à notícia e,

	Santo Ovídio		reverteu em favor do operário cerâmico Manuel Gonçalves de Oliveira, que há bastante tempo se encontrava doente. A 26/07/1896, vem publicada uma notícia dirigida aqueles que assistiram ao espetáculo e, que ainda não tinham pago a entrada, para o fazerem o mais rápido possível para a comissão organizadora fazer o apuro do lucro, para entregar o mesmo ao dito operário.
12/06/1896		Representação do drama <i>Trabalho e honra</i> .	Nota de que era a primeira vez que este drama era representado em Oliveira do Douro.
06/09/1896	Teatro Popular de Santo Ovídio		Nota de que no dia 13 de setembro, se iria realizar um espetáculo em favor do operário José Correia Mesquita, que inicialmente estaria marcado para o dia 5 de agosto.
01/11/1896	Teatro Almeida e Sousa (Palheirinho, Avintes).	Representação do drama <i>As duas órfãs</i> .	Este espetáculo realizou-se no dia 18 de outubro. Nesta notícia temos ainda a informação que o aluguer desta sala seria bastante elevado.
10/01/1897	Teatro Popular de Santo Ovídio	Representado o drama <i>O grumete</i> e a comédia <i>O noivo de Alcanhões</i> . Foi ainda recitado o poema <i>O bombeiro</i> .	Nota de que este aconteceu no domingo anterior à publicação da notícia.
07/02/1897	Teatro de Oliveira do Douro	Seriam representados o drama <i>O poder do ouro</i> e a comédia <i>Os dois conquistadores</i> .	Esta notícia refere que este espetáculo se iria realizar no domingo seguinte, revertendo o lucro em favor de um operário de Oliveira do Douro que teria grandes dificuldades financeiras.
30/05/1897	Teatro Popular de Santo Ovídio	Foram representadas a paródia <i>Os sinos de Corneville</i> , e a comédia <i>Uma criada impagável</i> . Para além destas representações foram ainda recitados alguns poemas, entre eles <i>O Melro</i> de Guerra Junqueiro.	Segundo a notícia este espetáculo tinha como finalidade a angariação de fundos em favor do operário A. Verdial, que atravessava um período de dificuldades financeiras. Ao que parece este foi um espetáculo bastante pobre e pouco concorrido, notando-se a pouca aderência da classe burguesa, o que leva o autor da notícia a tece-lhe fortes críticas.
30/05/1897	Teatro Almeida e Sousa		Nota de que no dia 16/05/1897, se realizou naquele teatro um espetáculo, cujo lucro reverteu para a Associação de Classe dos Entalhadores do Norte.

11/07/1897	Teatro Luz e Esperança (Candal)	O programa foi o seguinte: <i>Leonardo, pescador</i> , drama marítimo em 3 atos; <i>Sinos de Corneville</i> , comédia musicada em 1 ato, e ainda uma surpresa e diversos recitativos.	Este espetáculo teve como objetivo recolher fundos para ajudar uma viúva e seus filhos, que viviam em condições miseráveis.
03/10/1897	Teatro Luz e Esperança	Representação do drama <i>A honra e o crime</i> e da comédia original <i>Ir buscar lá e ficar tosquiado</i> , da autoria de Estevão Moniz.	A 12/12/1897, temos referência a um novo espetáculo com o mesmo programa, mas sendo este para recolher fundos para ilibar da Marinha de Guerra um jovem da terra.
14/11/1897	Teatro de Oliveira do Douro		Nota de que os lucros deste espetáculo reverteram a favor da Cooperativa de Produção dos Operários Metalúrgicos de Gaia.
09/01/1898	Teatro Popular de Santo Ovídio	Neste foi representado o drama <i>Pedro, o operário</i> e a comédia <i>Um noivo de Alcanhões</i> . Os intervalos foram preenchidos com declamações de poesia e por uma orquestra.	
25/11/1900	Sede da cooperativ a de Vilar do Paraíso		Nota de que esta cooperativa tem organizado espetáculos na sua sede, revertendo os lucros em favor da sociedade.
17/02/1901			Nota de que na vila se acaba de fundar o Grupo Dramático «A Luz do Operário», que tem como objetivo levar a cena dramas de combate, começando já a ensaiar <i>Pedro, o tecelão</i> .
09/04/1905	Teatro Luís de Camões (Serra do Pilar)	Foram representados o drama <i>O segredo do pescador</i> e a comédia <i>A morte do galo</i> . A música ficou a cargo de A Feniana de Mafamude.	Nota de que o lucro deste espetáculo reverteu em favor do operário Manuel Sousa, que há 15 meses não podia trabalhar devido à tuberculose.
12/08/1906	Teatro Luís de Camões (Serra do Pilar)	Foram representados o drama original, <i>O Cego Martir</i> e a comédia original <i>O Casamento do Cabo d'Ordens</i> . Foi também recitado o poema <i>O melro</i> , de Guerra Junqueiro.	Este espetáculo foi promovido pelo Grupo Dramático Almeida Garret.
26/01/1908	Teatro Luís de Camões (Serra do Pilar)	Foi representado o drama <i>Cenas da miséria</i> . A animação musical ficou a cargo da Troupe Avintense.	O espetáculo ocorreu no dia da notícia. Este foi organizado com o intuito de recolher fundos para ilibar o jovem operário José da Silva Carneiro do serviço militar, visto que este era quem ganhava o sustento dos seus velhos pais.

Fonte: *A Luz do Operário*. Vila Nova de Gaia, 1893-1908.

Anexo 16: Receitas e despesas do espetáculo organizado pela Cooperativa de Produção dos Operários Metalúrgicos de Gaia, em 14 de Novembro de 1897:

RECEITA	
Bilhetes passados aos socios:	
55 cadeiras a 250.....	13\$750
64 superiores a 160. ...	10\$240
92 geraes a 120	11\$040
Apuro á porta do theatro	4\$910
Somma réis.....	39\$940
Emprestimo que a com- missão administrativa fez á commissão para as primeiras despesas	5\$000
Total	44\$940
DESPEZA	
Impressão de bilhetes e programmas	1\$400
Actrizes.	7\$000
Cabelleiras (aluguer)....	900
Aluguer do theatro.....	1\$000
Cartão para senhas.....	030
Visto da licença na admi- nistração	\$100
Orchestra	5\$500
Carpinteiro e ajudante..	560
Despeza com os ensaios.	600
Pago a um porteiro.....	300
Reembolso á commissão administrativa	5\$000
Bilhetes não pagos.....	1\$710
Somma réis.....	24\$100
Saldo positivo entregue á commissão administra- tiva	20\$840

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 142, 7 de Agosto de 1898.

Anexo 17: Publicidade a um baile de Carnaval no Salão Central de Santo Ovídio:



SALÃO CENTRAL
Do ADEGAS
Santo Ovidio — V. N. de Gaya
DOMINGO, 31 DE JANEIRO
Às 3 horas da tarde

Baile de Carnaval
PREMIOS
Um alfinete de ouro, para gravata
Um avental, phantasia, para dama

Cada cavalheiro, receberá, na ocasião da entrada, o numero que lhe dá direito ao sorteio para o premio d'um alfinete de ouro. O sorteio far-se-ha apenas com os bilhetes entrados no salão.



A Orchestra consideravelmente augmentada, e sob a regencia do snr. CANEDO, executará um novo e variado repertorio.

Ao Baile!
2, PREMIOS, 2

TYP. UNIVERSAL de J. FIGUEIRINHAS—PORTO

Fonte: Catálogo de provas da Tipografia Castro e Silva.

Anexo 18: Notícia sobre a importância da instrução popular, publicada no jornal *A Luz do Operário*, 1905:

«Um povo, como o nosso, moralmente enfermo, está virtualmente morto. Um povo que se deixa levar por todas as festas, quer ellas sejam reaccionarias, quer ellas se digam emancipadoras, tem já corpo e alma entregue á voracidade dos vermes.

A consciencia prostitui-a, a honra e a dignidade são simples palavras, subordinadas ao preceito, pautadas pelo convencionalismo. Nas mesmas ruas onde dias antes entoou um hymno, trauteia ladainhas; sob o mesmo tecto onde momentos antes chorou a sentida auzencia d'um naco de pão, murmura uma oração, de joelhos, em frente d'um christo encarcerado, tosco e carunchoso.

É um povo que se diverte e que morre lentamente de fome. É um povo desgraçado, que só falla sob a influencia d'uns goles, capaz de tudo em mal de todos, para quem a acção e a abnegação são letras mortas. Está nas vascas, e penetrando do sentimento de morte, appella para um fetiche, para um idolo que a Razão repelliu e que ora se exhibe á chuva, ao vento e aos olhos remelosos da fé.

Protesta contra todas as infamias e vae com todas as infamias. N'um instante se exalta e reage, logo se humilha e agrilhôa.

Inculca-se, blasona e vocifera, e é o eterno arreburinho, arrastando uma vida miseravel, pendente dos caprichos de qualquer sanseguesuga ou do primeiro bem-fallante.

Tem vontade, mas não tem força; não vive, vegeta.

Mas porquê? Porque não tem motricidade, não tem instrucção, isso que poucos procuram. Ella, é só ella, é que póde tornar a vontade em força, cujas unidades, associadas, transformarão a humanidade n'uma pilha d'um poder enorme, incalculavel. Dae bom adubo á planta, e vêl-a-heis nutrida, vivaz; ministrae ao homem a instrucção, ensinae-o a olhar para dentro de si e em redor de si, torna-o, enfim, conscio de si e da sua marcha, então vereis o que elle poderá ser. Despisteis o bruto, o intratavel; fizesteis o Homem, bom, sociavel.

Mas passa um anno apoz outro anno, sem um protesto a este nosso martyrio, succede uma geração a outra geração e a mesma herança, a mesma condição, firme como um dever, crua como uma pena. A desgraça é o verme dos desgraçados e fez-se amar por elles, como a sombra á luz e como a Dôr á Vida.

Solemnizam-se os dogmas, erigem-se os monumentos com ora pro nobis e burrifos d'agua benta, mas de escolas ninguém se lembra. Nem é preciso.

Ainda está de todos bem patente a “nunca esquecida, peregrinação ao monte da Virgem”, para frisar o quanto tem d'auctorizadas as linhas acima. Prova-se mais uma vez e bem alto, que tanto se está com Christo, como com Pilatos.

É um povo que vae. Ide, pois, famelicos, na sombra do vosso destino, e esmolae ao desprezo que passa uma facha de luz, que vos aureole a fronte espectral, porque ireis tombar ao nada com a vossa religião de mortos.

Vós, que tendes erguido até aos ceus a vossa marcha funebre, cantae, cantae!...».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 324, 30 de julho de 1905.

Anexo 19: Instituições gaienses presentes no cortejo do 1.º de maio de 1901:

Associações de classe:

Associação de Classe dos Operários Metalúrgicos de Gaia;

Associação de Classe dos Entalhadores do Norte (Avintes);

Associação dos Operários Tanoeiros de Gaia;

Liga das Artes Cerâmicas do Porto e Gaia;

Associação dos Trabalhadores Fluviais de Gaia.

Cooperativas:

Cooperativa de Produção dos Operários Metalúrgicos de Gaia;

Cooperativa de Consumo Protetora do Proletariado da Serra do Pilar;

Cooperativa de Crédito e Consumo Augusto Fuschini (Oliveira do Douro).

Associações políticas:

Centro Socialista de Vila Nova de Gaia.

Fonte: *A Voz Pública*, n.º 3413, 2 de Maio de 1901.

Anexo 20: Notícia sobre um enterro civil, publicada no jornal *A Luz do Operário*, 1899:

«No passado domingo, effectuou-se um enterro civil na Afurada, d'um filho do nosso dedicado amigo Antonio Pereira da Costa e Silva.

Constando o enterro e estando na conta de um bom propagandista, o sr. Costa e Silva, foi o bastante para se notar que o funeral deveria ser bastante concorrido.

Às tres horas da tarde, já no largo D. Luiz 1.º, em Gaya, se encontravam as seguintes collectividades: Centros Socialistas do Porto e de Gaya, Cooperativas da Serra do Pilar; dos Metallurgicos do Porto e de Gaya, do Marco, Associação dos Metallurgicos de Gaya, Associação dos Pecheleiros do Porto, Polidores de Moveis, Manipuladores de Tabacos, de Lanifícios e Artes Correlativas, Trabalhadores Fluviaes, Associação do Registo Civil, Grupo Musical Gayense, Gabinete Escholar das Regadas, Troupe Musical União Faz a Força, os jornaes A Voz do Proletario, O Ecco Socialista, Liberal de Gaya e A Luz do Operário, e ainda outras Associações de que não pudemos colher nomes.

Organisado o cortejo, ao chegar á Afurada já alli se encontravam outras collectividades. Ao dirigirem-se á casa do nosso amigo Costa e Silva foram provocados e apedrejados por uma enorme multidão de mulheres, homens e rapazes. Guicheiros, paus e machados, eram as armas de que aquella gente se apoderou, e então a lucta foi medonha! Tiros de revolver; enfim uma lucta horrivel! A casa do nosso amigo Costa e Silva foi apedrejada e havia projecto de lhe ser lançado o fogo! A esposa do nosso amigo, que se encontra em estado de gravidez, soffreu grande susto que lhe poderia ser funesto.

Quando a lucta estava no seu auge de medonha, então chegou uma força de policia, que com custo pôde conseguir que os animos socegassem.

Foram roubadas bandeiras, que depois foram restituídas, e a seguir o cortejo formou-se até ao cemiterio do Candal. Ao chegarem ao Monte das Chãs, os vareiros, que alli eram em grande numero, tentando nova lucta, abstiveram-se, porque a policia o evitou.

No cemiterio do Candal foi enterrado o pequeno cadaver e á beira da campa fizeram uso da palavra os nossos amigos João Fernandes d'Oliveira e Henrique de Macedo.

Alli, por causa da malcreadez do fiscal do cemiterio, esteve para haver questão, o que felizmente serenou, não deixando de se notar que o empregado do cemiterio é um malcreado de força.

Ficaram alguns nossos amigos feridos, que receberam curativo na pharmacia da villa, e alguns da Afurada também comeram a sua conta, porque em legitima defeza os nossos correligionários a isso foram obrigados.

Sobre o que vimos narrando, fizeram commentarios bastante desagradaveis ao sr. Administrador do concelho, dizendo-se até que elle é connivente no que se passou.

Isto se justifica, pelo facto d'estacionar uma força de policia no largo D. Luiz 1.º, que se demorou ainda alli, depois do cortejo ter tirado, e só chegou á Afurada quando aquella multidão estava em luta.

Nós não acreditamos que o sr. Miguel Calheiros a isso se prestasse, e posto que, influencias jesuiticas se tenham exercido para prejudicar os enterros civis, que uma lei auctoriosa, repetimos que não achamos o administrador digno de tal papel. No entanto, affirma-se que um roupeta, pela manhã de domingo andára pela Afurada a preparar as cousas, afim de darem o resultado previsto.

Alguem mesmo affirma que o abbade Moutinho fôra a alma negra de todo aquelle barulho, e que as mulheres e individuos por elle aconselhados tinham premeditado o caso, e isso se justifica por um signal dado por uma que se encontrava a certa distancia.

Não é principalmente contra esses infelizes que pedimos que se proceda, porque esses inconscientes são o joguete de cegueiras crenças e fanatismos.

É preciso que o administrador do concelho averigue os cabeças de motim, e proceda como for de justiça, afim de que não possa repetir-se terceiro desastre.

Deve s. ex.^a fazel-o d'uma fórmula recta e digna, para que se desfaça qualquer duvida que possa existir n'este gravissimo caso contra s. ex.^a.

Conveniente se torna que o Moutinho e uns individuos que distribuiram vinho para animar aquella genta á luta, sejam os primeiros de quem se lance mão e que para com elles não haja a menor contemplação.

Não se deve só ser forte para os fracos.

Conhece bem o sr. Calheiros que os socialistas se teem conduzido sempre bem nas suas reuniões e até com um respeito desusado nos enterros civis, que se teem effectuado na villa.

Isso será o bastante para s. ex.^a confrontar os acontecimentos da Afurada e proceder. Fazendo-o, cumpre o seu dever e prova claramente que nenhuma influencia jesuitica exerce sobre a primeira auctoridade do concelho, qualquer preponderancia. O contrario, porém será collocar-o mal.

Veremos, no entanto, no que fica tudo isto, para também fazermos um juizo seguro.».

Fonte: *A Luz do Operário*, n.º 166, 9 de julho de 1899.